



Encadernação e  
Douração

**EDGARD DE CARVALHO**

São Paulo  
Rua Liberdade, 788



Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



J. DE ALENCAR.

---

# AS MINAS DE PRATA

ROMANCE.

II.

---

RIO DE JANEIRO.

B. L. GARNIER, EDITOR

69,—RUA DO OUVIDOR,—69

—  
1865.

## ROMANCES DIVERSOS.

<b>Adolpho, anedocta allemã, 1 v. in-8.º .</b>	<b>2\$000</b>
<b>Cativeiro do trombeta Escoffier, por Alby, 2 v. in-8.º . . . . .</b>	<b>4\$000</b>
<b>Historia d'um homem, por A. Achard, 1 v. in-8.º . . . . .</b>	<b>3\$000</b>
<b>Tradicções e phantasias, por Andrade Ferreira, 1 v. in-8.º . . . . .</b>	<b>3\$000</b>
<b>O castello de Chaumont, por Arlincourt, 1 v. in-4.º . . . . .</b>	<b>1\$000</b>
<b>Adèle Launay, por Arnould, 1 v. in-8.º</b>	<b>1\$000</b>
<b>Roda da fortuna, por Arnould, 1 v. in-4.º</b>	<b>2\$000</b>
<b>O assassino ou a torre e a capella, 2 v. in-8.º . . . . .</b>	<b>4\$000</b>
<b>O caramujo, romance historico original, por Antonio Avelino Amaro da Silva, 1 v. in-8.º</b>	<b>2\$000</b>
<b>Fatalidades do amor, por A. Gomes da Silva Sanches, 1 v. in-4.º . . . . .</b>	<b>2\$500</b>
<b>As filhas do coronel, por Pedro José Conceição, 1 v. in-12. . . . .</b>	<b>1\$000</b>
<b>Graziella, por Lamartine, 1 v. in-4.º .</b>	<b>\$500</b>
<b>A mão cortada, romance maritimo por Rivière. 1 v. . . . .</b>	<b>1\$280</b>
<b>As damas verdes, por G. Sand, 1 v. .</b>	<b>1\$280</b>
<b>O leão amoroso, por F. Soulié, 1 v. in-4.º</b>	<b>\$500</b>

AS MINAS DE PRATA

# LIVRARIA GARNIER

69 RUA DO OUVIDOR 69

---

<b>POESIAS</b> de B. J. da Silva Guimarães, 1 vol. in-4º	6\$000
<b>29 OU HONRA E GLORIA</b> , comedia-drama de costumes militantes, em 3 actos e 4 quadros, por José Romano...	1\$000
<b>TIRADENTES OU AMOR E ODIO</b> , drama historico em 3 actos, por José Ricardo Pires de Almcida.....	1\$500
<b>POR CAUSA DE MEIA PATACA</b> , comedia em 1 acto, por José Alarico Ribeiro de Rezende.....	\$500
<b>O PHENOMENO</b> ou <b>O FILHO DO MYSTERIO</b>	\$500
<b>PELAI0</b> ou <b>A VINGANÇA DE UMA AFFRONTA</b> , drama em 4 actos, por A. M. de Souza.....	1\$000
<b>O FECHAMENTO DAS PORTAS</b> , farça dedicada ao caixeiro mais patusco do Rio de Janeiro.....	\$500
<b>O MARIDO APOQUENTADO</b> , comedia em 1 acto	\$500
<b>OS INGLEZES NO BRASIL</b> , comedia em 2 actos por D. José Lopes de la Vega.....	\$500
<b>O ENGAJAMENTO NA CIDADE DO PORTO</b> , comedia em 1 acto.....	\$500
<b>SIMÃO O LADRÃO</b> , drama em 4 actos.....	1\$000
<b>OS VESTIDOS BRANCOS</b> , drama em 2 actos, ornado de canto, por L. Gozlan.....	1\$000
<b>GASPAR HAUSER</b> , drama em 2 actos por Anicet-Bourgois et d'Emery.....	1\$000
<b>CLARA HARLOWE</b> , drama em 3 actos, entremeiado de canto, por Dumanois, Clairville et Guillard.....	1\$000
<b>OS DOIS SERRALHEIROS</b> , drama em 5 actos, por Felix Piat.....	1\$000
<b>MADemoiselle DE BELLE-ISLE</b> , drama em 5 actos por Alexandre Dumas.....	1\$0.0

J. DE ALENCAR.

---

# AS MINAS DE PRATA

ROMANCE.

II.

---

RIO DE JANEIRO.

B. L. GARNIER, EDITOR

69,—RUA DO OUVIDOR,—69

—  
1865.



## I.

O que tem de ser sempre é.



A curiosidade publica estava excitada ao ultimo ponto.

Todas as sympathias eram por Estacio, privado injustamente do preço que havia ganho com a tão brilhante mostra de seu esforço e pericia ; assim a esperança de ve-lo sahir vencedor da segunda prova

á que o submettiam, trazia suspensa a maxima parte dos espectadores.

Entretanto Inezita, que instantes havia, saudara com tamanha effusão a victoria do moço e sentira orgulho em amar o homem que todos admiravam, agora tinha medo só de pensar que elle podia humilhar seu irmão, e expo-lo á irrisão publica.

Mas desejaría que D. José de Aguilar derrotasse o galhardo cavalleiro a pouco applaudido comenthusiasmo? Não; dentro de sua alma pedía a Deos que tal não succedesse; queria o impossivel, que ambos vencessem, e nenhum fosse vencido.

Mil vezes arrependida de ter vindo á essa festa que devia causar-lhe tantas e tão crueis emoções, a donzella invejava a solidão de Elvira que a essa hora acompanhava de longe e com o pensamento a seu amante, sem curtir as afflicções por que ella estava agora passando.

Nisso encontrou os olhos de Estacio e sem comprehender porque sentio renascer-lhe no seio a esperanza; mais corajosa, porém inquieta sempre e palpitando, pôde contemplar a scena que ia começar.

Os dois cavalleiros partiram ao signal; levavam ambos apoz si as vistas ardentes e curiosas da

multidão ; mas todos os votos e desejos acompanhavam Estacio unicamente.

Vencendo rapidos a distancia que os separava, os dois campeões toparam no meio da arena. O choque foi tão violento que os animaes abriram ; mas, com admiração geral, só um escudo feriu-se, só uma lança rompeu-se.

Estacio, resolvido a não se medir com o irmão de Inezita, em vez de levar a lança no reste, terçava-a na dextra ; na occasião do encontro, ficando-a no chão, recebeu sem vergar o arremesso do adversario.

O povo cheio de pasmo viu tudo isto, a principio sem comprehender ; depois por uma rapida intuição conheceu que o mancebo não tinha querido de proposito bater o contrario : mas a rasão ninguem a podia adivinhar : geralmente attribuiram ao orgulho offendido pelo voto dos juizes. O povo deu-lhe rasão.

Até D. Diogo de Menezes voltou-se para Inezita e disse :

— Vosso irmão teve a melhor ; porém juro-vos que antes me queria vencido com o feito de Estacio, do que vencedor como D. José.

— Porque então ? perguntou a donzella ainda

branca e desmaiada como a espiguiha de seu lenço de Vallencia.

— Não podeis comprehendêr isto, menina; só quem está habituado a jogar uma lança, sabe quanto esforço é preciso para recêber em cheio e sem toscanejar o arremesso de um cavalleiro á disparada.

— Entretanto o preço será de outrem? disse Inezita esquecendo no enthusiasmo do amor que se tratava de seu irmão.

— E' a regra da cavallaria: houve-se como heroe, mas heroe vencido.

De feito o collar de ouro, preço da justa, foi conferido a D. José de Aguilar, o qual brindou com elle a primeira dama que avistou na galeria.

Entretanto o alferes não estava satisfeito com sua victoria; o acto de Estacio revellava desde que o offendia. Si elle houvesse adivinhado a verdadeira causa, ainda mais offendido se julgara em seu orgulho, com o amor da irmã pelo filho de Roberio Dias, réo de traição, que era, diz a ordenação, « o mais grave e feio caso que um homem póde commeter. »

Quanto a Inezita corou vendo seu irmão acceitar premio que lhe não pertencia. Um assomo de co-

lera fez borbulhar o puro sangue andaluz que lhe circulava nas veias. Nesse instante a menina jurou em sua alma, que vingaria Estacio da injustiça dos mais.

Ha quem entenda esse composto inexprimivel de fraqueza e força, de susto e heroismo que forma o caracter da mulher ?

Timida em face da sociedade, corando com um olhar, estremecendo com a farfalha da seda de suas proprias vestes, desmaiando ao menor choque, de repente essa creatura fragil e nervosa tira de seu coração a energia necessaria para lutar com o mundo, e defender contra todas e contra tudo o homem a quem ama.

A menina esquivava, que não tem a coragem sequer de sorrir á seu amante, receiando mostrar nos labios o segredo de sua alma ; breve, já é capaz de todos os sacrificios para proteger na desgraça o escolhido de seu coração.

No entanto os cavalleiros tinham atirado os troços das lanças quebradas, e recebido dos pagens umas hasteas longas e delgadas, cobertas de seda de varios matizes.

Terçando-as como piques, atacaram-se com evo-

luções rapidas, caprichando cada um em mostrar mais destreza e agilidade.

Era a isso que então chamavam *jogo das cannas*.

Estacio fiel á sua palavra apenas defendia-se, e como só elle podia disputar a primazia a Christovão, cujos volteios graciosos eram de todos admirados, coube o preço a esse ultimo ; o moço o escondeu no peito da vestia com bastante pesar de algumas damas que se julgavam com direito á prenda.

Seguiu-se o jogo das argolinhas.

Tinham passado um torcel de seda, que prendendo-se ao tecto agudo das tendas dividia a meio a estacada ; no centro, presos por um fio de retroz, pendiam vinte aneis de ouro, que balouçavam com o sopro da aragem ; os raios do sol no occaso, tremulando sobre as argolinhas, ainda as tornavam mais vacillantes ao olhar.

As duas alas de cavalleiros, empunhando lanças muito mais longas e maneiras que as de combate, alinharam-se em suas primeiras posições, uma á direita, outra á esquerda : ao som da musica deviam partir ambas á redea solta, e dando meia volta á teia, unirem-se na entrada da liça, afim de correrem direito a argolinha contra o pavilhão do Governador.

Assim tinham os cavalleiros de passarem successivamente dois á dois, um da ala azul, outro da ala escarlate ; affastando-se depois, circulariam de novo a teia continuando sem interrupção o jogo, que só terminaria tirado o ultimo anel.

De todos os jogos era talvez o mais apreciado dos mancebos gentis e nomorados ; porque alem do preço de ligeireza e agilidade, tinham direito de offerecer as argolinhas que enfiassem com a ponta da lança, a qualquer das damas presentes, que em retribuição de galanteria os prendavam com dices e mimos.

A musica tocou uma marcha rapida : a cavallhada partiu.

Os primeiros cavalleiros eram Christovão de Avila e Fernando de Athayde par a par ; seguiam-se logo Estacio e D. José de Aguilar : vinha apoz o resto dos campeões.

Christovão enfiou a primeira argolinha, e passou ; mas em vez de offerece-la, guardou, como já tinha feito com o bracelete que recebera em preço ; Fernando de Athayde e D. José nem roçaram os aneis ; Estacio atirou a lança por cima do cordel, e foi apanha-la-no ar muitos passos além.

— E' ativo aquelle mancebo ! disse o gover-

nador. Como lhe negaram o primeiro preço, desdenha os mais.

— E no seu caso, o senhor governador não faria o mesmo? replicou Inezita.

— Talvez! respondeu o fidalgo sorrindo.

A corrida continuara; só restava uma argolinha; as outras tinham sido tiradas, muitas por Christovão, algumas por D. José e outros cavalleiros; Fernando não conseguira enfiar uma só.

Estacio estava satisfeito e contente, como si tivera ganho todos os premios; para elle a grande recompensa não eram, nem as joias dadas pelos juizes, nem os applausos do povo; era a humilhação de seu rival diante de Inezita; essa tinha-a já conseguido de uma maneira estrondosa.

Restava porém uma argolinha; Christovão fallou-a, e Fernando, que moderara o galope do cavallo, ia com a lança direita á enfiar-la; percebendo isto o sangue affluio ao coração de Estacio; pareceu-lhe que via já o cavalleiro offerecendo o anel á Inezita e recebendo em troca uma prenda.

O moço fincou as esporas nos flancos do nobre corsel que saltou, e alongando-se como uma flecha, devorou o espaço. No momento em que Athayde ia tocar a argolinha, o cavalleiro passou

envolto em uma nuvem de poeira. Foi como uma aguia que voasse, arrebatando a presa no bico adunco.

\*A celeuma do povo saudou esse admiravel esforço de agilidade. Inezita não pôde conter-se, e bateu as palmas das mãos com o prazer infantil das creanças; as damas agitaram os lenços; Alvaro de Carvalho, esquecendo sua imparcialidade de juiz, soltou uma exclamação entusiasta.

Estacio ao ver a argolinha de ouro tremular na ponta de sua lança, sorrira; mas foi logo tomado de um receio; parou indeciso. Afinal vencendo a timidez e o acanhamento, chegou de frente do pavilhão, e apresentou corando o trophéu de sua victoria a Inezita.

O cavalleiro tinha os olhos baixos; o coração saltava-lhe aos impetos; a mão, a mão tão firme no combate, tão segura e certa no golpe, tremia como a de um velho ja invalido, ou de uma creança debil.

A menina tambem corou, mas impellida pela coragem que despertara a luta por que passara, tomou na ponta dos dedos rosados o fino aro de ouro; e reparando que a lança de Estacio

perdera na corrida a manga de seda, por um movimento rapido atou na hastea seu lencinho de renda.

Quando Estacio no retirar da lança viu fluctuar a alva e fina tela, que durante toda a festa se perfumara ao contacto das mãos da menina e aquecera com o seu halito; a felicidade inundou-lhe os seios d'alma; tomou o lenço, como se fôra reliquia, e beijou-o a face de todos.

Estas scenas de galanteria eram usuaes nos jogos e festas do tempo: á ninguem pois causavam estranheza: as damas pensavam que o mesmo fariam por seu cavalleiro; os moços invejavam a fortuna de Estacio; quanto ao povo, esse achava a cousa mais natural que um garção tão guapo e uma cachopa tão airosa se amassem com extremos.

D. Diogo de Menezes acompanhou os movimentos de Inezita com o ar de bondade paternal, que adoçava a seriedade habitual de sua nobre phisionomia.

— Porisso dizem que não ha homem atilado a quem a menina mais simples não cegue com seu ar de santiaha!

— Ainda está para ser o primeiro que eu cessasse ; tornou-lhe Inezita maliciosamente.

— Já me não admira, continuou o fidalgo levantando-se, das gentilezas de certo cavalleiro. Quem tinha para anima-lo tão feiço sorriso, si não fizesse proezas, nunca mais devera cingir uma espada.

— Os governadores tambem fazem madrigaes? perguntou a donzella faceirando.

— Não; mas fazem traducções ; respondeu o governador amimando-lhe a face.

Houve um intervallo no divertimento.

Os cavalleiros apeando foram cortejar as damas, e depois mudat de roupas e armas para as novas justas ; formaram-se os circulos de conversação, onde se discutiam os feitos dos diversos campeões, a graça com que uns meneiavam seu ginele, o garbo com que outros traziam a lança.

Duas pessoas, porém, havia alli para quem a scena muda entre Estacio e Inezita não passara desapercibida ; não a tinham essas visto com os mesmos olhos complacentes.

Uma era Fernando de Athayde que duas vzes batido por Estacio e conhecendo agora a causa, ardia em desejos de vingança ; a outra era D.

José que também advinhara o motivo por que o moço se esquivara de medir-se com elle ; ambos estavam offendidos em seu orgulho, e n'uma esperança que partilhavam.

O alferes protegia a affeição de seu amigo por Inezita ; embora sua irmã mostrasse completa esquivança á D. Fernando, attribuia isso á timidez da menina, e acreditava que á final o amor conseguiria vencer o recato.

Conhecendo porém que se illudira e suspeitando agora que sua irmã amava outro homem, sentira despeito profundo ; sobretudo sendo esse um moço obscuro e pobre, como Estacio, o qual embora nobre, tinha em seu nome a nodoa, que deixara a condemnação do pae.

Orgulhoso e de genio arrebatado, D. José não podia soffrer semelhante affronta. Resolveu immediatamente castiga-la, antes mesmo que Fernando de Athayde pedisse ao moço satisfação pelo modo descortez por que se houvera.

Emquanto os dois amigos passeavam na volta da teia conversando sobre o que passara, Alvaro de Carvalho indo ao encontro de Estacio, o abraçou com effusão e guiou ao pavilhão para apresentá-lo ao governador.

— Aqui trago a Sua Senhoria o nosso heroe !  
Poucos annos, porém muitos brios.

- - Isso mostra que na escola de um velho lida-  
dor de vossa tempera, Alvaro de Carvalho, a expe-  
riencia vem mais depressa que a idade ! respon-  
deu o governador unindo em um só elogio a pericia  
do mestre e o valor do discipulo.

— Sua Senhoria engana-se, retrucou o alcaide  
com a habitual rudez e batendo familiarmente no  
hombro do moço. Homens desta estofa, não se  
fazem aqui em baixo, vem já feitos.

— Não creia, Sua Senhoria, atalhou Estacio co-  
rando ; o pouco que sou devo-o á dois homens que  
Deos me deu em troca da familia que levou-me  
bem cedo : o Senhor Alvaro de Carvalho que me  
ensinou a trazer esta espada para um dia servir ao  
meu rei ; e um santo homem que préso e estimo  
como meu pae, porque delle recebi tanto ou mais  
que daquelle que me deu o ser.

— Pois trataremos de acabar a obra de ambos  
dando-vos compo mais vasto do que esta liça :  
disse D. Diogo. Não é justo que tão valente lança  
se embote em folguedos, quando o serviço de  
El-rei e a causa da religião tanto carecem de bons  
deffensores.

O governador afastou-se com o velho alcaide, e Estacio voltando-se vio de longe Inezita.

Estava recostada a um dos arcos do pavilhão, e procurava o amante com os olhos por entre a multidão : mal sabia que o moço estava tão perto della.

Mas de repente o seu coração, pappitando com violencia, annunciou-lhe a aproximação de Estacio : por subita e instantanea revellação, que não se explica, ella sentiu a força de um iman que attrahia toda a sua alma.

Volveu os olhos e deu com o mancebo

Violenta commoção abalou o corpo delicado, que estremeceu como si o envolveram ondas de fluido magnetico : o sangue fugiu-lhe das faces, queimando o coração. Murchára nos labios a flor do sorriso.

Assim uma planta delicada, occulta na sombra, enlanguece quando um raio ardente do sol vem subito aquece-la. As folhas desmaiam, inclina-se a haste, as flores abrocham ; até que a luz filtra nos poros, e a seiva, correndo pelas fibras, reanima a vegetação e a expande mais brilhante.

Passado aquelle deslumbramento, a menina surgiu d'entre a esplendida aureola de sua belleza. No sorriso, aveludado pela inefavel doçura do coração

feliz, a alma exhalava, perfume suave de rosa mística, voando para o céu azul dos castos amores.

Tambem Estacio sentia o doce enlevo do coração, ainda não desflorado de esperanças : bebia vida e eternidade no sorrir de Inezita.

Depois de um instante de muda contemplação, em que essas duas almas vasando uma na outra, desviveram em si para renascem anjos no puro e santo affecto que as unia, Estacio quiz fallar : a voz evaporou-se em tenue suspiro :

— D. Ignez !...

A doçura do seu nome , balbuciado pelos labios do mancebo, affagou-a, como a melodia de um canto celeste : igual só houvera na terra uma harmonia ; era a do nome de Estacio, que lhe adejava no sorriso, e já resoava intimamente nas cordas d'alma.

Mas foi um grito de espanto que lhe escapou.

A menina vira D. José, parado diante della, livido de cholera, mordendo o beijo e cobrindo Estacio com a vista odienta.

Este, no encantamento da presença de Inezita, não o percebera.

— Não parece bem que uma moça se desacompanhe das outras damas, minha irmã. Tomai o

vosso lugar ; disse o alferes com um modo brusco e descortez.

Estacio voltou-se friamente para D José.

O alferes acompanhou a irmã até que a viu sentar tremula e pallida no coxim ; então dirigiu a palavra ao mancebo.

— Só agora posso agradecer ao senhor estudante a generosidade que lia pouco houve para comigo, e o preço de que me fez mercê ! disse o alferes com um tom de chasco bem visível.

— Nada tendes que me agradecer, senhor alferes, nada me deveis ; respondeu o moço com uma polidez glacial.

— Oh ! que vos devo ! Mais do que pensais, porém conto breve pagar e com usura. Não pretendeis tomar parte no torneio ?

— A pergunta é escusada.

— Não tanto como parece ; porque careço de avisar o senhor estudante de uma cousa ; continuou o fidalgo com o mesmo ar de ironia. Não trago roupeta, sigo a milicia : quando tiro a minha espada, ou se trate de jogos ou de combates, tenho sempre que é negocio á valer. Será um defeito ; mas já não estou em idade de aprender.

Estacio não respondeu.

— Assim trate cada um de deffender-se ás veras ; continuou D. José. Bem pó. le succeder que brincando mesmo tenha o profundo desgosto de passar a minha espada pelo corpo de algum.

— E' tudo quanto me tinheis a dizer, senhor alferes ? perguntou Estacio com a maior calma e dignidade.

— Tudo ; e agora que está de aviso o senhor estudante, si por acaso escolhesse outro campeão, seriam capazes de dizer que tinha medo !

— E não errariam, senhor D. José, realmente tenho medo !

— Ah ! exclamou o alferes.

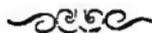
— Tenho medo de matar-vos ; porém por felicidade vossa e minha sei me dominar.

Estacio voltou as costas ao alferes, e encontrou fito nelle o olhar de Inezita. Esse olhar era uma interrogação e uma supplica.

A menina de longe não escutara as palavras, mas vira a expressão de D. José, e presa de crueis pressentimentos procurava ler no semblante do moço a confirmação dos seus receios, pe-

dindo-lhe ao mesmo tempo indulgencia para seu irmão.

Estacio sorriu-lhe : sorriso triste, acerbo e pungente : ulcera d'alma cicatrisando nos labios.



## II

Da sabia controversia de dous canonistas sobre casos de consciencia  
bem escabrosos.



O borborinho de festa, que enchia o Terreiro do Collegio, e o entusiasmo da população bahiana, iam quebrar-se de encontro a mudez austera e sombrio aspecto do convento dos Jesuitas.

Grave e silencioso, como o espirito que o dominava, o vasto edificio quêdava no meio da

alegria e contentamento, que fizera sorrir todas as habitações visinhas, guarnecidas de colxas e alcatifas. Assim grave e recolhido, se julgaria extranho ao espectáculo representado em face delle.

Tal não era: por detraz da grade que vestia uma das janellas, dous frades, enfiando os olhos pelas frestas, seguiam desde o começo os incidentes do festejo, praticando em voz baixa, para não perturbarem o provincial e o licenciado Vaz Caminha, que continuavam a partida de xadrez, valentemente disputada de parte á parte.

— V. Paternidade conhece sem duvida aquella donzella com quem falla o governador neste momento? perguntou o P.<sup>o</sup> Molina.

— E' D. Ignez, filha de D. Francisco de Aguiar, um dos mais ricos senhores de engenho da Bahia.

— Quem é o confessor da casa?

— Fr. Carlos da Luz, do Patriarcha S. Bento.

— Como! Deixaram que nos preferissem?

— Não ignora V. Paternidade, que os senhores de engenho nos são adversos, por causa do negocio da servidão dos indios.

— Embora! Ha sempre meios de insinuar-se. E tenho para mim como um grande erro que

commetteram , abandonarem á outros a direcção da consciencia daquella menina.

— Porque motivo assim pensa o P.<sup>o</sup> Molina ?

— Li algures , P.<sup>o</sup> Ignacio , que as mulheres governam metade dos homens ; e essa metade governa a outra. Quem tivesse o poder de dirigir a consciencia desse ente fragil, dominaria o mundo !

— E' possivel que tenha razão !

— Diga-me ; essa menina já não tem mãe ?

— Tem-n'a ; porém enferma de uma paralisia.

— E' filha unica ?

— Não ; alli está o irmão, D. José de Aguilár, é o segundo cavalleiro de escarlate.

— Vejo ! A casta de homem que é esse D. José ?

— Dizem ser dado ao jogo e perdulario. Segue a milicia ; é alferes do piquete do governador.

— Despachado por D. Diogo de Menezes ?

— Pelo proprio.

— Ah ! murmurou o P.<sup>o</sup> Molina.

— De que se admira ?

— De cousa alguma. Repare o P.<sup>o</sup> Ignacio no quanto o governador se enleva com a pratica daquella menina.

— Quasi não dá attenção ao mais.

— Quer saber V. Paternidade o que me está passando pela idéa ?

— Diga o P.<sup>o</sup> Molina. De tão agudo engenho nunca serão demais os avisos.

— V. Paternidade me acanha... E' bondade extrema para o minimo dos servos de Christo. O que disse não passa de humilde reparo.

— Não é rasão para privar-nos delle.

— Ora pense o P.<sup>o</sup> Ignacio... Não seria bem possivel que a mão fragil de uma donzella quebrasse a soberbia do governador poderoso, que pretendem ser de tão rija tempera ? Tem se visto destes milagres : David matou Goliath, e bastou para tanto uma pequena pedra.

— Faz máo juizo de D. Ignez o P.<sup>o</sup> Molina : é donzella de muito recato que estimam quantos a conhecem pelas prendas e virtudes.

— Nem avanço o contrario ; mas o P.<sup>o</sup> Ignacio hade concordar comigo que no fundo do coração da mulher mais virtuosa, lá existe um atomo de vaidade, como brasa em borrarho. Um sopro, e verão a chamma atear-se.

— Quer com isto dizer que a julga capaz de galanteios taes !...

— Quero dizer que o confessor de D. Ignez seria

um máo servo de Deos, si dentro em quinze dias não tivesse o governador em sua mão.

— E a virtude dessa donzella, P.º Molina, não a leva em conta.

— Que entende V. Paternidade por virtude?

O frade embatucou com a pergunta; fitou os olhos sorprendos no companheiro, que sorria com a maior beatitude:

— A pratica do justo ainda com sacrificio do bem estar, o cumprimento dos deveres que se resumem todos no amor de Deos, não será a virtude?

— Não de certo, P.º Molina.

— Pois decida entre estas qual seja a virtude de mais preço. A virtude de Susana, esposa de Joaquim, que resistiu aos juizes de Babilonia sómente para não peccar diante do Senhor, *in conspectu domini*: e a virtude de Judith, que Deos abençoou na sua força para vencer os inimigos de Israel?

— O caso é difficil. Segundo o voto do P.º Molina é a ultima dessas virtudes a mais agradável ao Senhor?

— Segundo o voto dos mestres, em cuja lição nos devemos formar, P.º Ignacio. A virtude é robustez do animo: a belleza da mulher, como a força

do homem, são instrumentos na mão do operario de Christo.

P.º Ignácio curvou a cabeça diante daquella philosophia perigosa, que assentava a religião sobre as ruinas de todas as crenças e dos sãos principios da moral ; havia nessa argumentação tal cunho de energia e tom de convicção profunda, que subjugava a seu pezar o espirito do jesuita.

— Não consta que aquella menina ame algum cavalleiro ? perguntou de repente o P.º Gusmão.

— Não curo das cousas mundanas, P.º Molina. O que sôa é que seu irmão D. José de Aguilár protege os affectos de um Fernando de Athayde, de quem é amigo.

— Esse Fernando é o primeiro cavalleiro á direita do alferes ?

— Justamente.

Nesse momento soaram as trombetas annunciando a investida ; os dois jesuitas continuaram este exame, trocando de vez em quaado as suas observações, até a occasião em que a voz do arauto publicou a sentença dos juizes, e Christovão de Avila proclamou Estacio Corrêa, como o vencedor da justa.

Ouvindo o nome de seu discipulo, repetido pelas

acclamações entusiasticas de povo, o licenciado sentio uma commoção violenta, que paralisou-lhe os movimentos; a mão direita, que havia tomado o rei, com a intenção de rocar, parou suspensa sobre o taboleiro. Assim ficou um instante, com o ouvido attento, e a alma dilatada para receber os echos da ovação que saudava o moço cavalleiro.

Por fim voltando ao jogo e vendo que tinha ainda suspensa a peça que devia mover, sem reparo collocou-a quatro ou cinco casas alem. O Provincial, estremeecendo com o caso nunca visto, deu um salto no tamborete: logo um grito de dôr partiu dos labios pallidos e convulsos da Fernão Cardim.

Catastrophe horrivel, capaz de enlouquecer um enxadrista, provocára o grito. Os joelhos do jesuita, movendo imprudentemente na occasião do seu espanto, tinham virado o bufete e atirado no meio da sala o taboleiro com as peças, que ainda rolavam no soalho, perseguidas pelo licenciado, cujas perninhas custavam a alcança-las.

O Provincial, de braços cruzados, cabeça cahida, e as cans em desordem, contemplava os destroços da partida de honra. Mario sobre as ruinas de Carthago não tiuha de certo nem mais eloquen-

cia na expressão, nem mais tristeza no olhar, do que Fernão Cardim nesse instante solemne.

Mas não eram quaesquer enxadristas os dois parceiros que disputavam havia duas horas a mais renhida batalha que tenham pelejado os trebelhos chinezes ; o licenciado tomando immediatamente a resolução prompta que exigia o caso, ergueu o taboleiro, e começou a reconstruir de memoria o seu jogo tal como elle se achava na occasião do desastre :

— Que fazeis, doutor ? perguntou o Provincial com a voz tremula.

— Não vêdes ? Ponho as cousas no estado em que se achavam *ante bellum*.

— E podeis lembrar-vos ? acodiu o frade desanuviando o rosto.

— Do meu jogo perfeitamente, como vos deveis recordar do vosso.

— Oh ! Estou vendo-o, como si ainda ahi estivesse ! Sou capaz de refaze-lo á olhos fechados.

Os dois parceiros puzeram mãos á obra ; em breve a partida foi restabelecida ; não affiançamos que o frade não aproveitasse o ensejo para melhorar sua posição ; e que o licenciado se visse abarbado com algum xaque improvisado ameaçando de novo

o seu rei. Como porém nenhuma das partes belligerantes poz a menor duvida sobre a posição estrategica do inimigo, o jogo continuou, e sem mais accidente.

No entanto a conversa proseguia entre os dois jesuitas.

— E' esforçado aquelle cavalleiro, dizia o P.<sup>o</sup> Molina : como se chama ?

— Estacio Dias Corrêa ; é filho do celebre Roberio Dias, possuidor do segredo das minas de prata.

— Tem bella presença ! Deve ser capaz de grandes cousas, se tiver bom conselho !

— Não lhe falta ; o licenciado Vaz Caminha que V. Paternidade já conhece, é seu pae espirital ; e o alcaide-mór Alvaro de Carvalho, que ali está entre os juizes, o estima em muito ; e elle o merece, posso assegurar-vos.

O P.<sup>o</sup> Ignacio de Laurical lia durante o tempo que passava na Bahia uma cadeira de ethica. A elle encarregára Vaz Caminha a direcção de Estacio, logo que o menino então na idade de quinze annos começara de cursar as aulas do collegio. O velho sacerdote se affeiçoára á seu alumno, em quem des-

cobria muitas qualidades, mas nenhuma inclinação para a vida claustral.

— Que faz elle ?

— Deve acabar este anno os seus estudos neste collegio ; pelo desejo do doutor professaria ; porém o alcaide oppõe-se com todas suas forças e espera que se lhe depare occasião de seguir a carreira das armas.

— E os haveres ? Poucos ?

— Nem uns ; é pobre como Job.

— Ignora o segredo de seu pai ?

— Roberio Dias morreu com elle.

— E' o que resa a tradicção ; mas podia ser boato para adormecer a vigilancia dos governadores.

— Sabe V. Paternidade alguma cousa a este respeito ? perguntou o P.º Ignacio com vivacidade.

— O que se repete ; ouvi contar uma vez essa historia, e quer-me parecer que taes minas nunca existiram.

— Estou que se engana o P.º Molina.

— Póde ser. Tem razões para pensar o contrario, P.º Ignacio?

— Talvez.

O P.º Molina sorriu :

— Ainda vive a mulher de Roberio Dias ?

— E' morta há cinco annos.

— Com quem vive o filho ?

— Com uma tia velha, D. Mercia.

— P.º Ignacio é confessor da dama ?

— De que tira essa conjectura ?

— E' della naturalmente que houve certeza da existencia das minas de prata : respondeu o frade.

O P.º Ignacio perturbou-se :

— Errado vai o P.º Molina : não abuso do segredo da penitencia. O que ouço no confessional entreg-o a Deus, e só trago comigo a satisfação de ter ajudado a remir da culpa uma alma arrependida.

— Mas supponha que um penitente revella um crime que vai commetter-se, homicidio, *verbi gratia* : deixaria que se consummasse podendo prevenir ?

— Supplicaria ao Senhor que illuminasse o espirito desse homem : mas não trahiria o segredo da confissão.

— E julga que o Senhor exalce a supplica de uma alma tímida, porque o era, participando com o seu silencio no crime que ia perpetrar-se ?

— Tem uma logica terrivel, P.º Molina.

— Quanto sei, digo-o a V. Paternidade, aprendi dos que durante dois seculos engrandeceram a nossa ordem *para a maior gloria de Deus*. Elles me ensinaram, P.º Ignacio, que os companheiros de Jesus desde que prestam voto de obediencia passiva aos superiores, não têm vontade sua.

O frade encarou com o companheiro, como para ver si era o mesmo homem que lhe fallava, tão grave lhe pareceu a entonação daquella voz a pouco doce e insinuante; mas o P.º Molina já não lhe dava attenção e estava completamente embebido em ver a festa.

Houve uma pequena pausa durante que o P.º Molina contemplava a festa; e o P.º Ignacio contemplava seu extranho companheiro.

O mais velho dos dois jesuitas estava sorprendido do character audace e do espirito argúto que revellára nesta conversa o frade chegado aquella manhã de Hespanha.

O tom humilde e tímido com que ás vezes fallava o P.º Molina indicava o homem habituado á obediencia; outras vezes a sua voz accentuava a palavra com energia e firmeza, e o seu olhar cahia incisivo e penetrante.

Decorreu algum tempo ainda: de repente ou-

viu-se a vozinha frautada do provincial, gritando :

— Xaque-mate !

— Tinha de ser vossa a partida ! acodiu o licenciado com ar constricto.

— Xaque-mate! repetiu Fernão Cardim triumphante ; custou-me ! Mas emfim... Oh ! podeis gabar-vos de que me déstes que fazer, doutor.

— E' o que me consola , P.º Provincial ; ha derrotas que honram aquelles que as dão, e tambem os que as soffrem.

— Para quando a desforra ?

— Domingo ; tantas vezes hei de perder, que uma virá em que lograrei a melhor.

O licenciado dispóz-se a partir, deixando Fernão Cardim ainda enlevado diante do lance admiravel com que terminára a partida ; lance que Vaz Caminha tinha previsto, e não evitára por ser tempo de dar fim ao jogo.

— Já os deixa o Sr. doutor ? perguntou o P.º Molina com amabilidade.

— São horas, padre-mestre ; *ruit ñox* : respondeu o licenciado mostrando o sol que se escondia no horisonte.

Despedindo-se do provincial e dos dous jesuitas

Vaz Caminha ia transpor a porta da livreria, quando a voz do P.<sup>o</sup> Molina o fez voltar.

— Doutor, olhai que vos esqueceu a bengala!

— E' verdade! disse o licenciado mordendo os beiços; ia tão distraído.

Tomando a bengala e despedindo-se de novo, o velhinho desceu enfim a escadaria do convento; o P.<sup>o</sup> Ignacio se tinha retirado á sua cella. Ficando só com Fernão Cardim, o P.<sup>o</sup> Gusmão de Molina deu uma volta pela sala deserta, sondando com o olhar os escuros recantos, e parou junto do bufete, onde o provincial estava occupado em recolher as peças do jogo.

— Fareis reunir esta noite o capitulo, P.<sup>o</sup> Provincial! disse em voz baixa, examinando um dos trebelhos de marfim.

— O capitulo? replicou Fernão Cardim como homem que não comprehende o que se lhe diz.

— O capitulo, sim, P.<sup>o</sup> Provincial; respondeu o jesuita sorrindo.

— P.<sup>o</sup> Molina, chegastes hoje; isso releva a falta que acabais de commetter. Talvez nas outras proxincias se pratique de maneira diversa,

embora tal não me conste ; mas nesta governo eu e não admitto que nenhum irmão ainda mesmo professo se ingira nas minhas attribuições.

O Provincial tinha perdido a sua bonomia habitual, e revestira-se da rigidez e dignidade propria do superior, quando se quer fazer respeitar.

— V. Reverencia á vista disto não está resolvido a reunir o capitulo esta noite ? disse o P.º Gusmão friamente.

— Não, P.º Molina, reunirei quando me approuver.

— Neste caso alguém o convocará.

— Quem ? E com que authoridade ?

— Breve o saberá V. Reverencia.

A noite cahia, como dissera o advogado citando Horacio ; o sol mergulhava no oceano, coroado de luz e magestade, sempre rei, no oceano como no momento da ascensão.

As sombras do crepusculo se desdobravam já e vestiam a natureza ; o silencio plainando no espaço descia lentamente sobre a cidade á pouco tão agitada e ruidosa ; todos sentiam a influencia da hora mistica, breve pausa entre a luz e

a treva, imagem da vida oscillando entre berço  
e tumulo.

Soavam trindades.



### III.

Dos combates que houve em honra da princeza moura.



O largo apresentava novo aspecto; as tochas accessas em volta e as luminarias suspensas nas janellas das casas, derramavam sobre as alcantifas cobertas de lentejoilas a claridade das luzes, menos brilhante que a do sol, mais suave e fascinante.

A um lado da teia, junto á tenda destinada aos mantenedores, tinham preparado um coxim com docel; dous cavalleiros, D. José de Aguilar e Fernando de Athayde, de pé no ultimo degráo, pareciam esperar a pessoa que devia occupar aquelle throno oriental.

Tocaram os anafis na entrada da liça: todos os olhos voltaram-se para ver o novo espectáculo que se apresentava.

Vinha na frente um truão coberto de guisos, fazendo esgares e tregeitos que provocavam o riso da multidão; seguiam dous mouros arrastando as curvas cimitarras; outros dous caminhavam ao lado de um palanquim conduzido por negros vestidos como eunuchos, sobre o qual vinha sentada uma mulatinha de dezoito annos.

Era um typo brasileiro, crusamento de tres raças; americano nas fórmas, africano no sangue, europeu na gentileza. O moreno suave das faces, os grandes olhos negros e rasgados, os dentes alvos engastados no sorriso lascivo, o requebro languido e sensual do porte seductor sob o traje oriental, davam-lhe ares de verdadeira sultana.

Véo branco e transparente, preso ao ayrão dourado, descia-lhe sobre o rosto, avivando mais

o brilho dos olhos e o carmim dos labios ; as calças largas de tafetá, cerrando no artelho de uma perna bem torneada, deixavam admirar o pé delgado por entre o bordado da alparca de seda; o saio de cassa da India, preso ao justilho de renda, desapparecia sob a cabaia amarella, semeada de arestas de prata, que lhe cahia dos hombros.

Acompanhavam o palanquim oito moças vestidas igualmente a oriental ; essas não tinham capa e traziam passados á cintura uns chales de lã de cores vivas ; vinham duas á duas, dando as mãos e formando graciosas figuras de dança, que realçavam as fórmãs esbeltas. Fechava a marcha a banda de musica que tocava os anafis e outros instrumentos mouros.

Chegando junto do estrado onde se achavam os dois cavalleiros, os eunuchos pousaram em terra o palanquim. A princeza moura no meio de suas escravas, ajoelhou sobre o tapete que estendera um dos guerreiros do sequito.

— Illustres cavalleiros ; disse ella. Eu sou a princeza Alzira, filha d'El-Rei da Persia, que trazida pelo grande esplendor de vossa fama e nomeada de vosso valor, venho pedir-vcs amparo e protecção

contra o máo fado que me persegue ; pois tendo acceitado o esposo que meu pai me destinára, sou agora maltratada da sorte e havida como perjura por um príncipe que me queria.

Parece que a rapariga não recitou exactamente seu papel de comedia ; porque D. José, sorprezo, murmurou-lhe ao ouvido :

— Que me perseguia !

A princeza deu um muxoxo, e fingindo enxugar duas lagrimas rebeldes, que nem se quer humedeceram o canto dos olhos negros, abaixou a cabeça para esconder o riso brejeiro que frisava a ponta do labio.

— Erguei-vos, formosa princeza, que não de joelhos, mas sobre um throno, deveis mandar a vossos leaes cavalleiros. E secai esses bellos olhos, que com o favor de Deus e vosso amparo, breve haveremos fronta e desaggravo de vossa injuria.

Estas palavras foram proferidas por D. Fernando de Athayde ; e logo erguendo com toda a galanteria a fingida princeza, a fez sentar no coxim preparado sobre o estrado.

A odalisca deu signal a suas escravas ; estas immediatamente trançaram novas dansas, ainda mais graciosas e originaes que as primeiras ; nos

intervallos o hístrião mouro divertia o povo com visagens e truhnicés.

Esta especie de auto que acabavam de representar era naquelle tempo o prologo necessario do torneio ; lembrava as tradicções da cavallatia andante, que apezar da satyra homérica de Miguel Cervantes, ainda viviam no Amalís de Gaula, no Palmerim de Inglaterra, e na imaginação dos cavalleiros de vinte annos ou das meninas namoradas.

D. Fernando e D. José se haviam recolhido á tenda, onde se armavam para manterem a liça contra os aventureiros que a viessem disputar. Mal terminaram as dansas, um arauto foi pregar no meio do campo, sobre a haste de uma lança, o cartel de desafío, que era assim concebido :

« Os dois cavalleiros, escolhidos pela formosa princeza Alzira para defenderem sua causa, dizem farão conhecer a todos os que acceitarem seu gage, e lhes provarão á tres totes do pique e outros tantos de espada, que é justo que uma dama acceite de preferéncia o esposo que seu pai e senhor lhe destinou. »

Como mestre Bartholometu terminava o proclamo do cartel, lançando no meio da arena as mattoyas,

gaje do combate, os mantenedores sahiram da tenda ; ao mesmo tempo appareceram na extrema da estacada dois cavalleiros de armadura branca e morrião preto.

Trasiam a viseira cahida ; era impossivel conhece-los : ambos adiantaram-se lentamente até o centro da liça ; erguendo o gaje dos mantenedores em signal de que acceitavam o desafio, descalçaram os guantes e os arremeçaram aos pés dos adversarios.

Os juizes deram o signal ; os justadores tomaram campo.

— Bem vêdes, Sr. D. José, que sou dos primeiros ! disse um dos cavalleiros de armas brancas collocando-se em face do alferes.

— Ah ! em bem o revolvestes ! respondeu o moço cujos olhos lampejavam.

— Descortezia grande seria não responder á tão gracioso envite ; retrucou o outro com desdem.

Inesita, que reconhecera nos dois aventureiros Estacio e Christovão, sentiu renascerem os sustos, vendo seu amante collocar-se em frente de seu irmão ; porém o mancebo parece adivinhou o que passava em seu espirito, porque antes de arrancar, pousou a mão aberta sobre a cruz da espada.

Comprehendeu ella o misterioso juramento ? Talvez: um quer que seja serenara o sossobro de sua alma.

O combate começara ; rotos os piques sem victoria decisiva de parte a parte, os cavalleiros desembainharam as espadas , e atacaram-se de novo.

D. José tinha cumprido sua palavra ; desde o principio do combate procurava por todos os meios fazer do jogo um duelo : porém a sua arma encontrava sempre a arma de Estacio, que deffendia-se com o maior sangue frio, resolvido a não tomar a offensiva, nem derramar uma gota do sangue que para elle era sagrado, porque era o de Inezita.

O moço alferes, á pouco e pouco se ia enraivecendo com aquella resistencia fria e invencivel, que não esperava encontrar em um estudante ; ignorava que as lições de Alvaro de Carvalho tinham creado um discipulo, digno do mestre na pericia, superior pelo robustez do braço e a calma inalteravel do espirito.

O despeito o tomou á ponto que perdeu a prudencia ; precipitou-se sobre seu contendor com tal sanha, que a multidão, sorpresa da animosidade excitada, mais por estimulo de vingança que

por brios de cavalleiro, ficou pasma esperando a peripecia do combate.

Então foi a vez de Inezita estremecer pela vida de Estacio, ameaçada a cada momento por seu irmão, cuja espada brilhando á luz das tochas semelhava nos rapidos volteios uma lingua de fogo, e parecia, ora embeber-se no peito do moço, ora lamber-lhe o rosto.

Estacio não se alterou :

— Guardai-vos melhor, Sr. alferes ! dizia elle ao adversario desviando-lhe os botes.

— Curai de vós e não de mim ! respondeu D. José furioso.

— Pois me dais mais cuidado em não ferir-vos, que deffender-me, como quereis que faça ? Pareceis ter antes em mente matar-vos a vós, que a mim mesmo !

De repente a espada do alferes, retrahindo-se como uma cobra, destendeu-se com velocidade espantosa, e ia tocar o coração do seu adversario, quando a lamina de Estacio vibrou com o rasgo que lhe imprimio a mão agil e enleou-se na outra, atirando-a ao longe, deixando desarmado o alferes que rugia de raiva e humilhação.

O moço ergueu a arma ; tomando pela ponta

apresentou-a de novo a D. José; mas os juizes interpuseram sua authoridade, e mandaram dar fim ao cõmbate.

— Ficarã para melhor ensejo, disse o alferes embainhando a espada; quando não haja testemunhas que nos olhem, e juizes que nos estõrvem.

Estacio inclinou-se, e procurou o olhar do Iriezita, para dizer-lhe que tinha cumprido seu juramento; nesse instante Christovão conseguia tambem desarmar o adversario. Os dois amigos, senhores do campo, mantiveram a liça contra os outros aventureiros que se apresentaram, até que por volta de oito horas fechou-se o torneio.

D. Diogo de Menezes e seus convidados recolheram a palacio, cujas salas estavam preparadas para um esplendido sarão que devia pôr termo aos festejos do dia.

Differentes dansas e mascaradas começaram então a percorrer as ruas, armadas de uma extremidade á outra com arcos de luminarias e alamedas de coqueiros, de cujas palmas pendiam lampeões de varias cores.

Entre as bridas do povo, que enxameava na praça de Palacio, distinguia-se o vulto athletico de Bartholomeu Pires, que dominava a multidão com

a estatura e com a voz. O mestre de capella, apesar de seus cincoenta annos puchados, não era de todo insensivel ao effeito que produzia o seu vistoso trajo de arauto sobre alguns mantéos que o cercavam nesse momento.

— Que ancho está mestre Bartholomeu ! Nem dá pelos pobres ! disse uma voz femenina.

O cantor voltou-se e viu á alguns passos uma comadre alta e esgrovinhada, rastejando já pelos sessenta.

— Como queria que a visse, tia Eufrasia, no meio desta balborda ? respondeu o mestre de capella, torcendo entre os dedos as falripas que lhe pendiam pelas faces rubicundas.

— Cruz ! Que é uma confusão de dia de juizo ! continuou a tia Eufrasia. Nunca me vi em serne lhante entaladela ! E para que, minha Mãe Santissima ? Para não ver nada, mesmo nada !

— Pois inda agora chega ? perguntou mestre Bartolomeu.

— Prouvéra que assim fosse, que não andaria por abi ha boas duas horas aos empuchões ! Que gentinha tão pifia ! Credo !... Não ha tir-te nem guar-te com ella ! E si uma criatura solta um arre lá, se engrifam todos ! Olhe, mestre Bartholomeu,

que si não fosse porque, fazia hoje alguma estralada !...

E a matrona, ficando as mãos nos quadris e alongando a belfa, bamboleou o corpo, desafiando a peonagem.

— Alguma lhe aconteceu, que está assim tão arrenegada ? disse o mestre de capella admirado daquelle desempenho marcial.

— Podera não ! retorquiui a tia Eufrasia. Pois não vejam estes peralvilhos á faltarem com o respeito á gente para se derreterem com a bruxa da alfeloeira l,...

— Quem ? A Joanhinha ?

— Ella mesma. Quem mais ha de ser sênão á engeitada da parteira, que a leve o demo ? Porque fez de princeza moura, não se cuida já uma dona l Nanja eu, com ser uma adela, com minha tenda afreguesada, me tenho em quamanha conta como aquella bisbilhoteira. Mas a culpa, fique com esta que lhe digo, é de quem lhe metteu um par de caraminholas na cabeça.

Nessa occasião ouviram-se os assobios e apupos do povilhéo :

— A bruxa l... Olha a bruxa l

— Avó torta de Satanaz l...

— Pede ao teu louro que te estique a pelle, engeada do demo l...

A causa dessa vozeria era uma velha mulher coberta de andrajos, que mostrava todas as apparencias de mendiga; mas o povo a tinha em conta de feiticeira.

A sua phisionomia provocava a attenção por uma singularidade incomprehensivel; a fronte coroada de cabellos grisalhos e revoltos era surcada de rugas profundas que lhe sarjavam tambem as faces crestadas de nodoas e cosidas de cicatrizes; o nariz disforme tinha as vermelhas protuberancias que revelam o longo uso da embriaguez. Entretanto nesse semblante decrepito e corroido pelos annos e pelo vicio, os olhos e a boca estavam respirando mocidade. Ninguem póde fazer uma idéa do aspecto repulsivo que tinha essa pupilla negra nadando em leite, e esse labio rosado sorrindo sobre alvos dentes, no meio daquella horrenda mascara.

Fugindo diante dos apupos, deixando na mão dos rapazes os farrapos de seus andrajos, a mendiga acertou de encaminhar-se para o lugar onde praticavam mestre Bartolomeu e a adella:

— Não deis ouvidos ao que ella diz, mestre Bartolomeu, é uma má mulher! gritou a bruxa.

— Sahe-te, mendiga !

— Antes mendiga que ladra !... Cuidas tu, cadella, que és, e não adela, que te fazes... Cuidas tu que não se sabe do teu commercio damnado com o judengo ? E da tavolagem que dás no fundo da tenda ? E do mais que por ahí vae ?...

— Vamo-nos daqui, mestre Bartholomeu, que hoje parece anda o diabo solto. Dia de festa é sempre isto !... Muito beberrico, por força que hão de vomitar quanta blasphemia ha !

— Vae, vae, cadella, para a possilga ; mas ouve o que te digo !... Estes olhos, que a terra ha de comer, não se fechem sem que te vejam pendurada no largo do Rosario de sucia com teu bonifrate !

Depois dessa praga a feiticeira perdeu-se outra vez na multidão, e deixou que a adela continuasse seu colloquio com o mestre de capella, que seguia um tanto ressabiado do que ouvira e desejoso de ver-se livre da companhia :

De repente soou a voz do licenciado Vaz Caminha ; rompendo o cardume de povo que o submergia, conseguira elle afinal surgir na especie de esteiro, que o Pires occupava no meio das vagas revoltas desse mar agitado.

O mestre do capella, apenas o descobrio, esten-

deu-lhe sua protecção, afastando com um vigoroso arranco dos hombros a mó de gente que ameaçava esmagar o exiguo talhe do jurista.

— Que idéa foi a vossa de deixar-vos ficar nesta aperto, senhor licenciado? Fazia-vos a esta hora em casa bem socegado.

— Um dia não são dias, mestre Bartholomeu; respondeu Vaz Caminha sorrindo.

— Assim é, mas na vossa idade....

— Os velhos gostam ás vezes de lembrar-se de seu tempo. Partia-me do collegio, como principiava o torneio, e influi-me para ver o menino....

— Vistes então como elle desarmou o alferes? Que bote, heim!

— E não lhe achastes um bello parecer? perguntou o advogado satisfeito.

— Com perdão de sua mercê; acodio a tia Eufrasia fazendo uma mesura ao doutor. Era o cavalleiro mais guapo de quantos se presentaram: eu sei de alguns cujos que se ralavam de inveja.

— Porém o melhor foi na cavalhada, disse o mestre de capella. Não assististes?

— Não; respondeu o licenciado.

— Pois eu vos conto.

— E a da argolinha? retorquiu a matrona.

Tomando seu ar grave e solenne das grandes occasiões, Bartholomeu Pires começou a narrar em voz de cantochão a scena, que passára por causa da distribuição do primeiro preço, e na qual elle representára o importante papel de pregoeiro.

Mal tinha concluido o exordio, quando a tia Eufrasia que o escutava com attenção religiosa, descrevendo uma elipse, veio-lhe de encontro ao abdomen volumoso e proeminente que repercutiu como um adufe.

— Jesus ! Valei-me ! . . .

O mestre de capella acompanhou este grito da matrona com um grunhido surdo, arrancado pela côr que sentira e o obrigara á dobrar a respeitavel corpulencia .

O accidente desagradavel, que atalhára de um modo tão desastroso a eloquencia de mestre Bartholomeu, era produzido por uma revolução subita que se operava na multidão. Em meio da praça fôra ouvido um clamor ; de repente um torvelinho de homens, deslocando as massas de povo, precipitou para as extremidades, esmagando quanto se oppunha á sua passagem.

O coro de lamentações e gemidos, o choro do mulherio que se encommendava a todos os

santos do calendario, as imprecações e juras do povilhéo, e algumas voses de ameaça que destacavam na confusão geral, formavam o ruido da torrente impetuosa, que transbordava de seu leito, escoando pelas ruas adjacentes.

Passado o primeiro momento de estalamento, mestre Bartholomeu percebendo o que succedia, endireitou-se ; filou pela gollia da garnacha o licenciado que já garrava arrastado pelo turbilhão, e dispoz-se a resistir ao combate furioso das ondas do povo que se encapellavam umas sobre outras.

Firme e impavido como rocha, com a tia Eufrasia que lhe agarrava as panturrilhas, e o licenciado mettido em baixo do braço, jogando ao mesmo tempo os hombros herculeos e a pesada manopla habituada a bater o compasso do fa-bordão, oppondo á enxurrada que o envolvia as formidaveis ancas ; mestre Bartholomeu Pires offerencia um grupo digno de uma estatua, que não teria inveja a de Laécóonte.

Com pouco a multidão rarefez-se ; no centro da praça, via-se uma pinha de gente, que fallava á um tempo e aos empuchões como para descobrir alguma cousa que passava no meio do ajuntamento ; entre a voseria e o borborinho que fervia

sobre tantas cabeças incandecidas, distinguia-se um rugido, que parecia antes de féra que de homem.

O mestre de capella se tinha aproximado seguido pelo licenciado sempre calmo e sereno e pela matrona, que já restabelecida do susto, estava com a curiosidade aguçada ao ultimo ponto, tanto que foi mettendo o nariz pela primeira aberta que o acaso lhe deparou.

Ia lhe custando caro a soffreguidão, porque sem o socorro de Bartholomeu, que ainda desta vez lho valeu, era muito provavel ficasse de menos com a rodilha do toucado, que se embaraçara nos colchetes de um gibão; mas o cantor, vendo-a naquellas afflicções, quasi de rastos, com a melena esticada sobre o occipicio, reccorreu a um meio summarismo: livrou-a arrancando o colchete e com elle um punhado dos cabellos já grisalhos da tia, que estrebuchou de dôr.

Vaz Caminha voltava-se então :

— Mestre Bartholomeu, acodi si é tempo, que talvez poupeis algamas vidas! disse o advogado. Sinto não ter forças para ajudar-vos.

— Como quereis que affaste este poder do gente? Não vêdes que estou a esforçar tanto ha?

— Por isso não; meios nunca faltam; respondeu Vaz Caminha com sua mansidão ordinaria.

— Pois si o sabeis, servi-me com o vosso conselho.

O licenciado chegou-se ainda mais ao grupo, e alçando a voz, bradou :

- O alcaide e seus homens!

Immediatamente, como por uma influencia magica daquellas palavras, o grupo se abriu, e os espectadores voltaram-se, interrogando com os olhos e com a falla, para saber onde appareciam os personagens annunciadas, a quem competia velar sobre a segurança publica.

Aproveitando a primeira aberta, o advogado barafustou por entre o povo; apoz elle o mestre de capella e a matrona em quem a curiosidade podia mais do que o receio de uma segunda descabelação : porém os tres pararam diante do espectáculo horrivel que se apresentou ás suas vistas.

Um mariola trigueiro, com a phisionomia decomposta pela raiva, a fronte golpeada, os cabellos em desordem e o olhar inflammado, brandia na mão direita uma larga adaga já escorrendo sangue, e com o braço esquerdo cingia pelo talhe uma pobre moça, que elle meneava com um escudo,

contra aquelles que o atacavam; mantendo assim immovel, ou pelo receio de ser ferida ou pelo receio de ferir a rapariga, a multidão que o cercava.

Apezar disto, porém, tinha em frente um competidor que não lhe deixava um momento de repouso

Era homem ainda moço, de pequena estatura, mas de uma construcção vigorosa; tinha pescoço de touro, hombros largos e quadrados como o plinto de uma columna, braços curtos e grossos, quasi sem fórmãs, terminando em duas manoplas formidaveis, cujo peso bastaria para vergar o infeliz sobre quem se abatessem.

Vestia escarlata grosseira; na cinta de couro branco que apertava o pellote ao corpo, via-se um largo manchil de carniceiro, que indicava a sua profissão de magarefe ou cortador de rezes nos açougues.

Despresando aquella arma temivel, e servindo-se dos braços nús, parecia cuidar unicamente de arrancar das mãos do seu adversario a rapariga, que se debatia já quasi a desfallecer. Insensivel ás feridas que rasgavam-lhe o hombro e o pescoço, indifferente ao sangue que lhe escorria pelas

vestes, o carnicheiro não toscanejava; toda sua atenção estava concentrada na luta e todos os seus esforços eram para livrar a victima do conflicto, sem contudo offende-la. Depois de conseguido esse fim, quando já o não tolhesse receio de tocar com sua arma o corpo delicado da moça, então ninguem sabe o que aconteceria.

Vendo este combate do primeiro lanço de olhos, a tia Eufrasia vacillou sobre os joelhos, levando as mãos ás repas e bradando misericordia:

— Filho! Anselmo!... Quem me acode!... Ai! meu Jesus de minha alma!

Vãz Caminha com risco eminente de vida adiantou-se erguendo a canna de Bengala; ao passo que mestre Bartholomeu procurava tomar de esguelha o filho da tia Eufrasia, que arrastava a rapariga, e facilmente se conhecia ser o causador da desordem.

Percebeu isto o Anselmo; afastou a tia Eufrasia, e fez gyrrar a adaga com tal força e agilidade, que obrigou a multidão á recuar.

— Arredol gritou elle. Arredo!..

Então foi horrivel a confusão; o povo que em principio, impellido com o panico, escoára pelas ruas visinhas, voltava excitado pelo desejo de co-

nhecer a causa do tumulto. De novo arremessando-se para o centro da praça, como fluxo de maré, comprimindo o estreito círculo do combate, enovelou espectadores e adversarios n'um só remoinho.



## IV.

Que resa de magarefes e alfeloeiras.



Uma espada volteou no ar; houve um grito abafado e o tumulto serenou de chofre.

Era o tempo, em que o alcaide pequeno com os seus quadrilheiros armados de lanças desembocava pela rua da Sé, e varava entre o povo para approximar-se do logar do conflicto á prender os de-

linquentes, que transgrediam a Ordenação do Livro Quinto, levantando volta e assuada.

Mas já o tumulto fôra apasiguado; da luta renhida e encarniçada apenas restava o morno silencio que succede aos grandes clamores, como ás grandes borrascas.

Inesperada intervenção puzera termo ao combate; quando Anselmo impellido com a pressão da onda popular, amiudava os golpes, surgiram d'entre a multidão Estacio e Christovão: fôra a espada do primeiro dos cavalleiros que batendo de prancha fizera voar a adaga da mão do lutador.

Estacio, ao sahir do torneio, correra á casa a tomar suas roupas de gala, para ir-se ao sarão.

Na volta parou como promettera no adro de S. Luzia, olhando para o mar. Sentiu logo o contacto macio de mão que apertava-lhe docemente o braço, e as fallas de voz maviosa, como o canto do sahy.

A dama velada estava em face delle:

— Deus vos recompensará, cavalleiro, a graça de acodir tão prompto ao meu rogo.

— Ordenai, senhora, em que vos possa eu ser agradável.

— Esta que vos falla é uma dama infeliz e ao

desamparo dos homens, sem outro apoio mais que Deus. Em sua angustia inspirou-lhe elle que se valesse do vosso braço, e venho em seu nome pedir-vos protecção contra a desventura. Me recusareis ?

— Não a póde recusar um christão ao proximo, nem um cavalleiro ás damas.

— Bem me dizia o coração que esperasse tudo de vossa generosidade. Não é porém chegado ainda o momento de recorrer ao vosso esforço ; em elle chegando vos mandarei aviso. Até lá permitti que me conserve velada e desconhecida.

— Não preciso conhecer-vos para servir-vos ; basta que me assegureis que vossa causa é boa e justa.

— Eu vo-lo juro !

— Então só careço de conhecer vosso inimigo.

— Heis de conhece-lo em tempo. Não vos quero deter mais. Sei que vos esperam no saráo !...

A voz teve um ligeiro estremeamento.

— E a hora de lá estar, disse Estacio.

— Dai-me vosso braço ; deixar-me-heis em caminho.

A dama seguiu com passo demorado ao flanco de Estacio, fazendo-lhe perguntas sobre as justas e

o torneio. A' pouca distancia um vulto approxi-  
mou-se delles e com voz lacrimosa solfejou :

— Esmola pelo amor de Deus !...

— Não trago moeda comigo ! murmurou a dama.

Estacio tirou da cinta a bolsa esquia, e se não fosse a escuridão, sua companheira veria o rubor que lhe accendeu as faces Com doce violencia cheia de faceirice, ella arrebatou-lhe a bolsa das mãos, exclamando :

— Quero dar-lhe eu mesma ! Depois voltarei o que ficar-vos a dever.

Tirou da bolsa algumas pequenas moedas de prata, resto dos dobrões deixados pela mãe de Estacio, e deu-as á mulher que implorara a caridade e logo sumiu-se. Então os seus dedos nevados, com uma graça irresistivel, repozeram a bolsa á cinta do cavalleiro.

— Ora vos deixo, cavalleiro. Ide-vos, aonde já revoam vossos pensamentos.

Desprendeu-se do braço de Estacio, e affastou-se, lentamente, como se desejasse ser retida; mas elle ficou olhando-a alguns instantes, e encaminhou-se á casa de Christovão que já o esperava.

Juntos se dirigiam a palacio, quando o borbo-  
rinho dos curiosos, os gritos dos adversarios, o.

fluxo e refluxo da multidão, os attrahiram ao logar do conflicto.

O primeiro cuidado dos cavalleiros foi livrar das mãos de Anselmo a rapariga que parecia causa e victima da briga. Ella tinha desmaiado com o susto que soffrera; apenas livre cobrou os espiritos e Christovão reconheceu, apesar das vestes rotas e ensanguentadas, o rostinho brejeiro e petulante da princeza moura, não alindado como ha pouco, senão pallido, amortecido, e velado pelos cabellos em desordem.

— Então, formosa princeza, disse o moço sorrindo, não te contentas que senhores e cavalleiros justem por tua belleza, e ainda vens dar torneio na praça publica?

— Por minha mãe vos juro, senhor cavalleiro, que não é culpa minha: replicou a rapariga, abaixando as palpebras rosadas.

— E' minha, aposto! acodiu o mancebo gracejando.

— E' de quem Deus perdoe o muito mal que me queria fazer; respondeu a princeza. Como sahia do torneio, seguiram-me estes dois que ahí vedes, e tanto se travaram de rasões, que por fim vieram ás ultimas. E eu innocente que pague as custas.

— Estás ferida ? perguntou Estácio.

— De ferro não, que antes o fôra, que dá fama. Que não dirão de mim ?

— Sócega, Joaninha ; acodiu Christovão, mal não póde vir a quem mal não obrou.

— Sabes o que deves fazer ? disse Estácio para a rapariga.

— Agora m'o direis, senhor cavalleiro : respondeu ella fazendo uma mesura graciosa.

— Pois que esta noite tens fóros de príncesa, escolhe destes dois paladinos teus, cujo queres ser a dáma dos pensamentos.

— Justo ! exclamou Christovão. E' o meio de terminar a contênda. Qual preferes ?

— Nenhum : disse a alfeloeira com desdém.

— Queres mostrar esquivança que não sentes : fallá.

— Quem eu escolhetia, talvez me não quizesse a mim, ou me não soubesse querer : murmurou Joaninha com uma sombra de melancolia. Mais val que ninguém o saiba.

— E se eu te disser que sei ? tornou Christovão.

— Voto a Deus que não !

— Não será este mariola que te defendia contra

o outro, e agora esquece o sangue que lhe corre das feridas para não tirar os olhos de ti?

— Tiburcino!... exclamou a mulatinha fazendo um muxoxo. Elle sabe que não; tanta vez lh'o tenho dito que não ha conta já. Si continúa a querer-me, mal de si.

— E nem dó tens de o ver naquelle estado por tua causa? disse Estacio.

— Oh! que sim! Dó, muito! Como o sangue lhe corre! exclamou Joaninha.

Rasgando uma tira de tafetá de seu manto de princeza já esgarçado, chegou-se para o carnicheiro e tratou de estancar-lhe o sangue.

Um estremecimento de prazer abalou o corpo robusto de Tiburcino, quando sentiu o tacto das mãos da alfeloeira; a phisionomia que a dor contrahira achatou-se com o riso alvar.

Chegavam então os homens do alcaide. Os respeitaveis quadrilheiros daquela epocha já cultivavam, como seus dignos successores da policia moderna, o velho axioma do « mais val tarde que nunca.» Não vinham a tempo de aplacar o tumulto, mas sempre conseguiram empolgar o mariola, que incorrera na pena da ordenação.

Anselmo, apenas desarmado pelos dois caval-

lhos, fóra sojugado por mestre Bartholomeu, apesar das supplicas da mãe, cujas lamurias e choradeiras eram entremeadas de baldões contra a pobre raparíga, que excitara a ogeriza da tia Eufrazia.

Christovão obtivera da authoridade a soltura de Tiburcino, que outra culpa não tinha, senão a de querer obstar a violencia feita á Joanhinha. Os quadrilheiros conduziram unicamente Anselmo, que foi-se, lançando sobre a scena que deixava, um olhar torvo e máo.

Annunciando a musica em palacio o começo do saráo, os dois amigos iam partir, quando Estacio percebeu o doutor Vaz Caminha, a quem não tinha visto, pelo cuidado com que o advogado se occultava atraz de mestre Bartholomeu.

— Estaveis aqui? perguntou o moço com sollicitude, e reparando nas vestes amarlotadas do licenciado. Nada vos succedeu neste tumulto?

— Nada, nada; podeis tranquillisar-vos, filho. Sahi quite por um rasgão na capa; mas não é cousa que valha a pena.

— Vinde, deveis estar farto de ver povo e luminarias; vou conduzir-vos á casa, para que não fiqueis sujeito á alguma peor.

— Ha tamanha confusão ! disse Christovão.

— Não vos inquieteis, outra vez vos digo. Ide-vos ao saráo ; eu fico por aqui.

— Tanto gostaes da festa ? Admira-me isso !

— *Nihil mirari*, filho, é o preceito do sabio, bem o sabeis.

— Mas não podeis andar só no meio desta villagem : replicara Christovão.

— Deixai-me vosso pagem, Estacio : elle me basta.

— Gil ! disse Estacio alteando a voz.

Um menino de quatorze annos, vivo e experto, que acompanhara os cavalleiros e se conservava á alguma distancia, chacoteando e rindo com outros da sua idade, approximou-se.

— Segue o senhor doutor ; tu me respondes pelo que lhe acontecer.

— Não tem duvida, senhor Estacio ! responde o pagem com certa galhardia, levando a mão a uma pequena adaga que trazia á cinta, e perfilando o talhe franzino.

Os dois cavalleiros e o doutor sorriram do re-cacho cavalleresco de Gil.

— Já vedes que estou em boa guarda ; parti-vos

tranquillos; não esperdiceis os momentos de praser, que tão raros vem e tão cedo vão.

Estacio e seu amigo deixando o licenciado atravessavam para palacio. Antes de lá chegarem a mendiga que os vira passar correu a elles:

— Não quereis ouvir a *buena-dicha*, cavalheiros? disse ella em voz submissa e voltando em torno olhares suspeitosos.

— Si advinha és, como te inculcas, dize-me primeiro onde dansarás um dia, na corda ou na fogueira?

— Não quereis então que vos tire a sina?

— Para que?... retorquiu Avila. Si boa for, não acreditaremos na sorte; si ruim, melhor é não a saber.

A bruxa enristou-se, chocando com um olhar perverso os dois mancebos que passavam diante della ricos de mocidade e esperança.

— Pois heis de sabe-la! resmungou ella. Quivi bem e guardai!

Deu á voz uma entonação sarcástica:

— Sois tão amigos, gentis cavallejros, tão unidinhos do coração, que ao cabo desejareis trincalo um ao outrol...

E soltou uma risada.

Estas palavras e o relincho sardonico que as envolveu, vibraram tristemente na alma de Christovão. Não era elle supersticioso; porém a amizade que votava a Estacio era sensivel e nervosa como a affeição de uma dama. Voltou-se para a feiticeira.

— Vinde cá, mulher! Tomai. .

Apalpou a cinta e sorriu; lembrara-se de aplacar as iras da Sibilla das ruas, e conheceu que não tinha moeda.

— Trazes bolsa, Estacio?

— Que significa isto?... exclamara o outro.

O estudante tirando da cinta a bolsa para da-la ao amigo ficou surpreso de ver que não era a sua, mas outra primorosamente bordada a fio de prata e perolas. Abrindo-a viu que estava cheia de meias dobras. As mãos lhe queimavam como se brincasse com brasas ardentes; parecia-lhe que os olhos de toda a multidão o perseguiam como o receptador do alheio.

Christovão tambem admirado replicou:

— Estás mais rico do que esperavas?

— Esta bolsa não me pertence!

— E como se acha em teu poder?

— Não sei!...

A bruxa resmungou a rir :

— Fortuna de quem empresta ás damas caridosas !..

Estacio lembrou-se de repente da dama velada

— Ah! agora entendo ! Vem, que te contarei.

— Empresta-me primeiro uma moeda para dar á esta pobre. Ahi tendes, mulher ; rogai pela ventura de uma boa e santa amizade !

— Rogarei, bom cavalleiro !

E sumio-se.

Ouvindo o nome de Gil, Joanninha que ligava as feridas de Tiburcino, voltou o rosto: seu olhar affectuoso envolveu o menino. Depois, quando os cavalleiros se afastaram, disse-lhe sorrindo.

— Adeus, Gil ; não me fallas ?

— Deus te dê boa noite, Joanninha; á fé que te não tinha visto.

— Vem cá. onde vais ?

— Vou meu caminho ; respondeu o menino tomando a direcção em que ia o licenciado.

A alfeloeira acabou de curar o magarefe. Este durante todo aquelle tempo não proferira uma palavra, tão absorto ficara em devorar com os olhos as fórmas seductoras da moça. Estava como embriagado : temia que sua voz quebrasse o encanto,

em que o tinha preso o toque suave das mãos mimosas.

— Agora podeis ir-vos á casa repousar. As feridas não vos doerão tanto ; disse Joaninha.

— Não são estas as que mais me doem ; outra tenho, e bem funda, que sangra, como nehuma.

— Para essa não lhe sei o remedio ; replicou a rapariga sorrindo

— Sabeis-lo ; mas não quereis da-lo !

— Que o quizesse, não podia.

— Basta já de negaças, Joaninha. Tanto ha que me trazeis assim neste embeleco ! Por S. Tiburcio, meu divino patrão, que si não pondes termo á isto, a cousa acaba mal.

— Escutai cá, Tiburcino. Já vos disse o que podia dizer, não mais. Tenho eu culpa de me quererdes máo grado meu?... Fazei o que vos approuver ; porém mal aconselhado anda quem pensa ganhar a vontade de alguem com taes abafas.

— Não vos inquieteis, por quem sois, Joaninha de minha alma ! Ninguem me tira de que sou um nescio e um sandeu ! Não sei que faço ; mas tende dó de mim ; dizei-me ao menos que si me não dais esperanza, tambem á outro...

— Oh ! lá isso é de mais, só Tiburcino ! Cada

um tem seu segredo ; nunca perguntei o vosso, deixai o meu em santa paz.

— Por Deus, que atinarei ! exclamou o carniceiro batendo com o punho no peito amplo e vigoroso. Então ist'hade virar, ou eu não me chamo mais Tiburcino !

— Que haveis de fazer ? perguntou a rapariga medindo-o com os olhos.

— Inda perguntais-lo ! E' pouco roubar-me tudo ? E eu que cruze os braços ? E não me desforre ?...

— Pois então desforrai-vos em mim ; pois lhe quero a elle, sem que elle o saiba : ouve ?

— Callai-vos que me ensandeceis !

— Para que me fazeis fallar ?

— Si me tendes dito isto a um'hora quand'elle queria levar-vos, aqui ficaríamos os tres !

— De quem enidaes ? De Anselmo ? Como vos enganaes !

— E' elle mesmo ! Outra não me escapará.

— Pois bem ficai-vos com essa ; mas sempre vos digo, que si armardes brigas, não achareis mais cavalleiros que vos livrem da gaiola.

— Ouvido, Joaninha.

— Não quero ouvir nada. Deixai-me socegada; estou cansada de aturar magarefes !

Tiburcino quiz segui-la, mas debalde : a mulatinha se tinha perdido na turba multa. Então o tomou tal accesso de raiva e ira contra si mesmo, que aferrando um punhado de cabellos, arrancou-o com desespero.

Estava escripto, que a tia Eufrasia passaria nessa noite por todas as provanças ; tendo-se approximado para ouvir a conversa de Joaninha, que lhe devia dar thema vasto de murmurações, acertou que a mão de Tiburcino, com o movimento brusco que elle fizera, deu tal repellão nas ventas da matrona que a estendeu a fio comprido.

— Aquí d'El-Rei !... Que me matam !

O amante infeliz de Joaninha, preocupado com seu infortunio, nenhum caso fez do accidente ; mal-dizendo-se do seu caiporismo, foi affogar as magoas com um trago de vinho de Caparica na bodega do Braz Judengo.

A retirada, porém, não o salvou da ladainha de epithetos affrontosos, que a adela cantou em todos os tons, e com as varias modulações da voz fanhosa e esganiçada.

— Magarefe d'um demo ! Cão tinhoso ! Couse

ruim ! Bargante ! Alma damnada !... Pragas te consumam, cascarréa de mouro ! Judengo ! Marrao !... Tu m'a pagarás com lingua de palmo !

A tia Eufrasia continuaria a glosar este motte pelo resto da noite, si um dos quadrilheiros, que o alcaide deixára entre a multidão para evitar novos disturbios, não a interrompesse.

— Arre lá tambem ! Cal-te, boca praguenta ! Si não queres ir pelo mesmo caminho qu'Anselmo !

A adela tragou o muito que ainda tinha a vomitar; e tratou de recolher antes que lhe succedesse mais alguma catastrophe nessa noite, que para outros fôra tão cheia de folgares e alegrias, para ella tão farta de amarguras.

Ao tempo que isto tinha logar, Joaninha perdida entre o povo, corria inquieta e soffrega de um á outro ponto; desde que deixára Tiburcino parecia procurar entre a multidão uma pessoa; mas todos os seus esforços eram inuteis, e a levavam de decepção em decepção.

A vida dessa rapariga tinha a sua chronica mysteriosa.

Ninguem sabia de seus pais; mas quasi toda a gente a conhecia por causa da sua profissão de alfoeira ou mercadora de doces e confeitos, que ella

vendia pelas ruas n'uma cestinha de palha ; neste mister occupava todo o dia, percorrendo de uma extrema á outra a cidade do Salvador ; as vczes, quando sentia-se fatigada ou quando o sol estava a piño, sentava-se na portada da Sé ou no cruzeiro do Collegio. Divertia-se então com trançar palha de varias côres ; tecia lindos cabases, e os mais vistosos abanos que ver-se podiam.

Estes dous ramos de negocio sobravam para sua subsistencia. Ninguem a via desalinhada, senão mui composta e bem trajada. A belleza e graça natural davam-lhe o sentimento de faceirice inseparavel de toda a mulher, que conhece o poder de seus encantos, e deseja ostenta-lo, ainda que por simples e innocente vaidade.

A proposito de alfeloeiras, um reparo.

Ha pequenas industrias que por sua natureza são proprias da mulher, e formam a sua especialidade na grande officina do trabalho social. Exerce-las o homem, a parte robusta e livre, parece além de efeminação, injustiça ao sexo fragil e delicado, cuja actividade não é só restringida pela natureza, mas acanhada pelos usos e costumes.

Sentiram os antigos legisladores a necessidade de garantir a mulher contra a indecorosa concur-

rencia do homem na exploração dessas indústrias, femininas por sua natureza. A ordenação do livro 1º tit. 101 prohibia que houvesse alfeloeiros e obreiros ; «porém, accrescentava, si algumas mulheres quizerem vender alfelôas e obreias, assim nas ruas e praças, como em suas casas, pode-lo-hão fazer sem pena.»

Porque não será aproveitada na legislação moderna tão salutar disposição ?

A liberdade do trabalho tem limites ; e nenhum mais justo e sagrado do que a protecção devida pela sociedade ás orphãs do seculo e pupilas da lei. Si a especulação do homem não disputasse á mulher o seu direito ao trabalho, quem sabe quantas miserias não seriam remidas do vicio? O pão amassado com o suor é acerbo alguma vez : o pão amassado com lagrimas amarga sempre.

Voltemos a Joaninha.

Corriam sobre seu nascimento dizeres cuja origem aliás ninguem conhecia.

Contavam que em certa noite apparecera na rua uma criança envolta nas faixas : ali fôra achada por uma parteira já idosa, a comadre Brites, que voltava de assistir certa dama. A boa mulher recolhera a criança e a educara.

Diziam mais que na toalha da menina vinha cosida uma carta na qual se pedia á pessoa que a encontrasse, tivesse della cuidado até a idade de 20 annos, em que seus pais a reconheceriam, recompensando largamente a alma caridosa que a houvesse recolhido. Daqui tiravam mil commentarios; e não faltava quem dissesse que este misterio occultava um alto nascimento.

E' a sorte dos engeitados darem thema ás fabulas fantasiadas pela imaginação popular, sempre disposta a acreditar no maravilhoso. O que havia de certo á respeito de Joaninha era ter sido ella creada pela velha parteira a quem pagava a educação que lhe dera com muito amor e o melhor dos ganhos de sua industria. A principio a tia Brites ajudara com seu escasso mealheiro o pequeno negocio; mas em pouco a freguezia tornou-se tão numerosa, as alfelôas de Joaninha começaram a ser tão cobiçadas pelas bocas mimosas das meninas bahianas, os seus abanos tão desejados pelas fidalgas, o seu gentil sorriso tão admirado pelos cavalleiros, que logo colheu os fructos do seu trabalho. A' uma confessavam todos que na cidade do Salvador não havia, nem mais feliz, nem mais formosa alfeloeira.

O desamparo de sua vida livre bem como a ausencia de familia, junto á pobreza e ignorancia do estado, fez suppor aos rapazes namorados que seria uma conquista facil ; mas Joaninha, que já tinha ganho pela formosura e jovialidade a admiração geral, ganhou com uma virtude austera e uma esquivança constante, a estima e respeito da boa gente. Acabaram por confessar que ella não era só a mais gentil, senão a mais honesta de todas as alfeloeiras dos dois reinos de Portugal e Algarves.

Em verdade, nessa existencia vagabunda, não havia facto por pequeno que fosse, do qual pudesse nascer a minima suspeita contra a honestidade de Joaninha ; não se sabia, nem siquer desconfiava, de um rapaz ou mesmo senhor á quem ella tivesse dado mostras de bem querer. Entretanto essa pessoa existia, pois a rapariga o confessara na conversa com Tiburcino ; mas o nome estava guardado tão dentro do coração, que nem olhos de rivaes sempre alerta tinham podido ver na sombra desse misterio. Seria seu amor mal pago ? Assim parecia á primeira vista ; pois a alma feliz é flôr á desabrochar : tem um perfume que recende.

Mas custaria a admitir semelhante conjectura

quem vira a expressão travessa e viva de seu olhar, o sorriso malicioso, e a faceirice do gesto galante. Amores tristes e mal afortunados não vivem em crisalida assim dourada e brilhante. Que houvesse completa felicidade também não era provável. Em certas horas, mais frequentes quando estava só e ninguém a via, a expansão do contentamento desvanecia: annuviava-lhe o rosto sombra fugace de melancolia, recordo ou presentimento de magoas.

E porque, em assumpto de amores, essa dôr é tão palreita, diz o nosso João de Barros, que logo descobre o que sente o coração, a crença geral decidia-se pela absoluta isenção da feiticeira mulatinha.

Entretanto a alfeloeira continuava á correr em todas as direcções sem achar o que procurava. Não se podendo ter já de fatigada, sentara-se na soleira de uma porta; e começou de cantarolar um villancete, olhando de longe para as janellas illuminadas do palacio.

O que Joaninha cantava á meia voz, era se a chronica não mente, uma trova de Gil Vicente, em compasso de lundú:

« Quem quereis que veja olhinhos,  
Que se não perca por elles,  
La por uns geitinhos lindos  
Que vos mettem em caminhos ;  
E não ha caminhos nelles,  
Senão espinhos infindos. »

Houve momento em que a alfeloeira suspirou; sentiu cobrir-lhe o coração uma das nuvens de melancolia que as vezes passavam no céu dos seus pensamentos. Breve rarefez-se a nevoa, pois ainda no fundo de sua alma ingenua e pura não estancára a fonte das alegrias ineffaveis da juventude, que o mundo, vasto areal, a pouco e pouco vai sorvendo, até que a exhaure.

Quem a visse então, acompanhando a musica do saráo com a vóz e as inflexões da cabeça; traçando com a ponta do pé figuras e passos de dança, e dando estalidos de castanhola nos dedos; não julgara possivel esconder aquelle sereno jubilo da mocidade um pezar occulto.

Passavam Bartholomeu Pires e Vaz Caminha. O licenciado offerecera ao mestre da capella uma vez de vinho; nessa intenção dirigiam-se á bo-dega do Braz.

Gil, cumprindo á risca a ordem de Estacio, acompanhava o licenciado; caminhava arremedando com a sua figurinha de pagem o andar solemne e magistral do ex-arauto.

Mal descobriu o menino que seguia sem ve-la, Joaninha ergueu-se de um salto, e cobriu os olhos do pagem com as palmas das mãos.

Elle não se mostrou sorpreso da travessura.

— Cuidas que não te conheço as mãos? Tanta alfeloia tenho manjado amassada por ellas!...

— Também! Não se doam mais ellas das que amassarem para ti! respondeu Joaninha despeitada.

— Porque então? Algum mal te fiz eu?

— Inda agorinha? Quasi nem me fallaste.

— Não viste o cavalleiro mandar que seguisse o senhor licenciado?... La dobram o canto! Vou-me apoz elles.

— Espera!

— Que me queres?

A alfeloieira hesitou corando.

— O senhor Estacio está no saráo? perguntou depois de uma pausa.

— Pois que para lá foi; lá deve estar.

— Que lindas que são aquellas dansas! disse

ella suspirando, com os olhos voltados para o palacio. Não te fazem inveja? Não estimarias tambem ter a tua dama, Gil?

— Ixe! Eu cá penso nisto! disse o travesso pagem affastando-se.

— Até amanhã!... gritou a alfeloeira.

— Guardas-me alguma cousa?

— Vê-lo-has.

— Pois sim.

Gil correu á alcançar o licenciado que de facto quebrára a esquina; Joanninha voltando-se deu com Tiburcino.

O magarefe estava sombrio e torvo como uma borrasca prestes a desabar; a testa breve e estreita desaparecia franzindo e cahia-lhe sobre os olhos pequenos mas vivos: os beiços grossos, fendia-os uma cousa entre carranca e riso, arreganho de dentes, que gelava a medulla dos ossos.

Fitando na moça a vista ameaçadora, arrancou á custo da garganta voz surda e cava, antes rugido de fera:

— Sabe-se já por quem vos morreis de amores!

— Quem? perguntou a alfeloeira pallida e tremula.

— O Senhor Estacio ! disse Tiburcino, como se aquelle nome lhe queimasse os beiços.

Joaninha soltou uma gargalhada e desapareceu.





## V.

Da malga que se bebia na taberna do judeugo.



O ramo de louro, antes graveto de tão seco e preto que era ja, suspenso á porta, indicava a taberna do Braz.

As vendas, que ainda hoje se encontram viajando as provincias do sul, dão boa amostra do que era ella. O principal repartimento consistia

n'uma especie de varanda em quadra , primitivamente aberta e agora fechada com tabiques. Fazia as vezes de balcão uma janella bastante larga e rasgada na parede do fundo ; ali repimpava-se o judengo no seu throno bachico feito de um tonel, atravez de uma cortina de botelhas, almotolias e cangirões.

Sobre a tez vetusta e denegrada que geralmente apresentava todos esses objectos desde o edificio até a frasca, espontava aqui e ali um ou outro ponto que tinha ar de frescura e novidade. Eram melhorias introduzidas por mestre Braz depois de sua viagem ao reino.

De ordinario só havia na varanda uma grande meza esquinada, posta no centro e ao comprido ; naquella noite porem , como essa não bastasse para a gente da festa, mestre Braz, sempre fertil em recursos , engendrára modos de satisfazer a sua numerosa freguezia. Uma taboa passada da janella á um cavallete , e barris ou quartolas voltadas de bôrco , faziam bom supplemento de mezas , estreitas sim , mas sufficientes para o pratel e a malga.

O popular enchia a taberna, e o fluxo e refluxo dos que entravam e sahiam agitava a mul-

tidão. Um caboclinho de doze annos de idade, acodia aos freguezes e ia de um á outro canto, já saltando por cima das mezas com uma agili-  
dade de saltimbanco, já mergulhando como um peixe por entre as gambias dos bebedores. Ha-  
via na phisionomia desse menino, como em toda a sua compleição, ares de tristeza e abatimento. Na ligeireza de seus movimentos não apparecia a vivacidade alegre propria da infancia ; mas um certo movimento insipido e frio como o de um automato.

Era Martim, o bicho da taberna, e já nosso conhecido.

Mestre Braz de costume sempre alerta aos me-  
nores gestos dos freguezes, estava nessa noite presa de uma preocupação qualquer. Bem pro-  
funda e grave devia de ser ella ; o giz esque-  
cido na mão inerte já não marcava na folha carunchosa da janella o rol da despeza feita por cada freguez ; e cousa ainda mais estupenda, a paga escorregava pelos dedos frouxos, sem o in-  
fallivel contado e recontado. Si a gente que ali estava a beber e vozear tivesse tempo de reparar nestes symptomas assustadores, acreditára por se-  
guro que o demo dera volta ao miôlo do taberneiro.

Afinal, depois de bom esperar, os olhinhos pardos que o judengo tinha pregados na porta, fisgaram-se como dois croques em um sujeito que entrava. O recém-chegado trazia com effeito uma cara de caso. Era homem da plebe, de má catadura e peiores obras: parára na penumbra da parte de fóra, e apenas viu enfiar-se pelo seu o olhar interrogador e assustado de mestre Braz, levantou a mão direita á altura da face, cerrando-a logo apoz com o gesto de quem fecha alguma cousa na palma.

O taberneiro pulou no fundo da quartola que lhe servia de tamborete, como si fôra de borracha. Alongou o pescoço por entre os garrafões, e os beiços moveram-se mudamente como soletrando, sem pronuncia-la, uma palavra:

— Fillado?...

O sujeito parece que traduziu a palavra pelo simples movimento labial, pois a confirmou com uma flexão de cabeça; e ao mesmo tempo designou com um olhar a Praça do Palacio. Mestre Braz bufou de raiva, armando um murro ao demo: o caboclinho que se achegava na occasião o recebeu em cheio no estomago e revirou de cambalhotas, sem força de soltar um gemido

— Toma, enguiço de Belzebuth, é para o teu tabaco !... Já !... Salta d'ahi ! berrou o judengo atirando á creança um pontapé ; vae dizer áquelle tiro de azemolas... áquelle que ali está restolhando dês trindades, que se ponha ao vento ! . Basta de beberrico ! A freguezia está farta e refarta de esperar ! Deixem a malga aos outros, que também a querem !

— Bem fallado, mestre Braz ! exclamaram alguns freguezes que estavam de pé.

— E mesmo ! acodiram outros. A cada qual sua vez.

Os quatro latagões da camarada, que o taberneiro em sua linguagem pittoresca chamára de tiro de azemolas, levantaram a orelha ; mas ao avesso do que se devera esperar de gente de tal laia, foram de manso desoccupando a meza á que estavam agarrados desde o começo da noite , e esgueirando-se pela porta. No momento em que se approximaram do balcão, fingindo pagar o escote ao taberneiro , este disse-lhes rapido e em voz quasi imperceptivel :

— Fillad'Anselmo !... Ide sem detença !

O sujeito do signal parece que só esperava pela camarada , pois foi-se com ella. Ao sahir

cochicharam os cinco entre si, e logo separaram-se em direcções oppostas por entre os grupos de festeiros e populares. Com pouco o murmurio, que plaina sempre sobre a multidão, como o zumbir das colmêas, se fôra elevando; vozes soltas soaram mais alto; o popular fervilhou; um primeiro individuo correu para a extremidade da rua; depois segundo, logo terceiro; e a final a turba multa precipitou-se em cheio.

De envolta com o estrupido dos pés ouvia-se um vozear multiplo e confuso que parecia dizer:  
— Briga na Praça outra vez!...

Essa onda de povo, que alastrára pelas ruas adjacentes logo depois da briga de Tiburcino com Anselmo, condensando-se agora de novo refluia, compellida pela curiosidade de assistir á novo espectáculo. Quando ella desembocava na praça, ainda se notava um cordão de gente desdobrando-se para o lado oriental, onde se erguia o edificio do senado da camara com a cadeia do conselho. Erão os quadrilheiros que conduziam o Anselmo quasi de rastos, e esforçavam havia bom quarto d'hora para atravessar o pequeno espaço que mediava entre o lugar da briga e a porta da cadeia. Mas os dignos alguazis da ca-

mara, além de bisonhos no officio, tinham de lutar com os repellões do robusto rapaz, e com a resistencia da turba de curiosos agglomerada na passagem.

Os que formavam a cabeça da serpente popular, e não eram outros senão os cinco homens do Braz, em vez de correr direito ao ajuntamento, resvallaram rente com as casas, de modo á passarem entre a cadeia e os quadrilheiros. A turba colleou, e como elles tinham previsto, veio bater de frente contra o outro grupo, ennovellando-se com elle. Houve grande confusão; ouvirão-se alguns clamores; e quando a multidão rareou e a ordem se restabeleceu, o Anselmo havia desaparecido.

Mestre Braz ignorava ainda o succedido, no momento em que o doutor Vaz Caminha e seu companheiro entravam na taverna: porisso não se ha de estranhar que deixasse de festejar, como costumava, a boa vinda á sua casa de pessoas tão conspicuas. Com effeito o taverneiro cada vez mais preocupado sahira do balcão para vir recostar-se á janella; e ahi todo ouvido, todo olhar para a rua, nem sequer vira entrar o advogado.

Bartholomeu porém, que não desempenhava de-

balde e com tanta bizarris o officio de mestre de ceremonias, chamou o judengo aos seus deveres de cortezia e hospedagem, do modo o mais expedito. Lobrigando no vão da janella a figura meã do taberneiro que lhe voltava as costas, o cantor estendeu o braço, espalmado a larga manopla sobre a cabeça do misero, que pensou lhe desabára o tecto da casa. Então apertou-lhe o craneo entre o polegar e o iudex, e torcendo-o pouco mais ou menos como uma craveia de rabecão, trouxe-o assim á presença do paciente advogado, que modestamente esperava á porta.

— Não vedes o senhor licenciado que vos faz a honra de entrar na vossa possilga, mestre cão!

— Deixai !... deixai, amigo Bartholomeu !

— O senhor licenciado !... Mas por Deus que o não tinha visto ! .. Meu melhor freguez !... Bem fizestes de m'o advertir, mestre Bartholomeu.... Senhor Bartholomeu Pires.... Esta minha cabeça...; Tambem é uma algazarra !...

Isto dizia o taberneiro desfazendo-se em zumbaias á direita e á esquerda, e encolhendo-se mais que podia, a ver si fazia-se tão baixo que o não alcançasse segunda vez a formidavel manopla do mestre de capella.

— Bom ! bom !... Não nos azoineis com o vosso falsete ! Segui adiante, e trouxei-nos do melhor, que é o senhor licenciado quem bebe, e eu quem paga. Ouvides !

O advogado quiz contestar :

— Então, homem ! gritou o cantor com a sua mais cheia voz de baixo profundo ! Ainda me estaes ahí feito um estafermo ?... Presto !... Em tres tempos !

Bartholomeu levantou dois dedos sós para bater o compasso ternario. O Braz eclipsou-se como um relampago ; e voltou logo com uma candeia na mão direita, picheis na esquerda e duas botelhas sobraçadas. Abrindo a porta do corredor guiou os dois freguezes á um camarim reservado para as pessoas de condição que não gostassem de se misturar com a gentalha. O taberneiro deitou sobre a meza as garrafas e os picheis ; feito o que desapareceu pela porta em tres profundas reverencias.

A espessa crosta de pó e as grossas teias de aranhas de que estavam cobertas as duas garrafas, attestavam sua respeitavel idade. Quando mestre Bartholomeu Pires, com a delicadeza e antegosto de eximio bebedor que era, limpava docemente

o gargalo para sacar a rolha, o advogado suspirou e esteve algum tempo embevecido á olhar a poeira que se dissipava no ar ; alguma porção lhe cahio na manga da garnacha, que o estremeceu com intimo e recondito sentimento.

A botelha viera de seu velho Portugal ; quem sabia se aquelle pó não era ainda da terra natal !

— E' do superior ! dizia entretanto o mestre de capella dando na lingua o estalo classico. Tão boa tivesse o excommungado do taberneiro a alma, como tem a adega !

O advogado tomou uma prova no pichel :

— Optimo ! disse elle, e melhor ainda mestre Bartholomeu, porque vem do nosso Minho !

— E' verdade, senhor licenciado ! Si tornarmos lá ainda ?

— A' mim espero que praza á Deus deixar que me vá restituir o pó destes ossos á terra de que foram amassados : mas á vós bem difficil me parece que lá torneis já agora.

— Porque então, senhor Vaz Caminha ! Cuidaes que me não apertem á mim tambem as lembranças ?...

— Oh ! que não !... Alma sã e recta vos sei eu, amigo ; e nas almas assim a patria vive sem-

pre presente, ainda que apartado o corpo. Porém esta também é já patria vossa, por se-lo de vossa mulher e filhos. Pensais que sejam laços esses para romperem-se?

— Si todos iremos!...

— Elles.... E os parentes e a gente delles, e a terra em que nasceram, também irão comvosco?... Levareis uns pedaços do coração, mestre Bartholomeu; outros cá ficarão, como nos ficaram á nós lá d'alem-mar.

— Mas quando fallo de ir, não crede que seja por uma feita, não. E' negocio de matar saudade e tornar.

O doutor um instante absorvido nas suas recordações, reatou logo a conversa, já menos enternecido.

— E vosso officio? E vosso estabelecimento de ilha? Haveis de sacrificar á um sentimento outro não menos sagrado? Porque desejaes, como bom filho rever o nosso Portugal, esqueceréis como pae a herança de vossa familia?

Mestre Bartholomeu era dono da ilha da Maré; e Gabriel Soares que o conhecera vinte dous annos antes deixou noticia d'elle e de seu engenho.

— Tendes sobras de rasão. Mas suppondo que

já por esse tempo tenha a gente posto de parte algum cabedal, que direis então ?

— Si contaes com isso, é outro o caso. Ao que parece as pescarias vos tem ido de feição ?

— Assim, assim ! Sempre deixam alguns reaes !

— E quem dirá, que vivendo nesta terra ha cerca de vinte annos, ainda não vi a vossa ilha, mestre Bartholomeu !

— Porque não haveis querido. Tantas vezes pedi já debalde, que afinal desenganei. Ainda por S. João, que passou.

— E' certo ; vezes que não tem conta ; bem sabeis porem quanto custa na minha idade estar um dia fóra de casa. Demais, nunca fui amigo de andar sobre a agua.

— Falta-vos o costume. Si uma vez vos disposesseis, verieis que é mais commodo do que andar na terra firme. E tão perto que é ! Da ribeira lá com bom vento não gasto eu tanto como n'uma caminhada á Victoria.

— E tendes vós embarcações seguras em que a gente se possa fiar ?

— Que duvida ! Os meus barcos de pesca-ria. Ninguem os tem melhores.

— Comtudo, si o mar estiver agitado ?

— Que tem?

— Não haverá perigo?

— Nenhum, vos affianço eu! Ainda que o tempo esteja de borrasca, podeis ahí estar tão socegado como em vossa casa.

— Verdade é, dizia Vaz Caminha, que tenho ouvido andarem batelões muitas leguas pelo mar alto, e mesmo virem a este porto alguns de Pernambuco. Mas não anda ahí exaggeração?

— Pois si estão chegando todos os dias de Porto Seguro e Alagoas! E como são esses? Podres e abertos que é um milagre não irem ao fundo.

— Os vossos são fortes?

— Os meus?... São de tapinhoam; e concerto-os cada anno que Deus dá!

— Visto que me seguraes a viagem, quero desobrigar-me para comvosco de tão repetidas instancias, acceitando um dia a vossa hospedagem.

O mestre de capella cheio dos vapores do vinho e do jubilo que accendeu a promessa do advogado, desandou na porta que lhe ficava ao alcance do longo braço, uma tremenda palmada, que serviu de acompanhamento ao nome do taberneiro solfejado nas sete notas da clave.

— Mais duas !... gritou o cantôr apenas sentiu no corredor os passos do taberneiro.

Braz appareceu instantes depois com duas botelhas, como as primeiras encanecidas pelo pó. Enchendo os dois pincheis do generoso vinho, mestre Bartholomeu alçou a mão com a solemnidade das grandes festas da Sé, e saudou o advogado :

— A' satisfação da vossa tão esperada e mais desejada visita, doutor Vaz Caminha !

— Ao hospedeiro amigo ! tornou o bõm velhinho com sincera expansão.

— Só peço a Deus que cedo nos mande o dia abençoado ! accrescentou Pires deitando sobre a meza o pichel completamente enxuto.

— Breve será. E mais, dizei : quando pretendeis lá ir ?

— Domingo, depois da missa.

— Bem pôde ser que me tenhaes de companhia. Não é certo ainda... Havemos de concertar até lá.

O advogado, começando a pratica sob a impressão do momento, a dirigira com a agudeza dos engenhos superiores ao fim que tinha em mira quando convidara o mestre de capella para

de companhia esvaziarem uma botelha de vinho. De onde provinha o subito interesse do doutor pela ilha da Maré, e os batelões e as pescarias de Bartholomeu Pires, não sei eu. E' de crer que elle tivesse suas razões e das melhores, pois era homem que sabia pesar as cousas; mas tão matreiro, que fôra difficil ao mais esperto penetrar-lhe as intenções.

Os velhos amigos continuaram a pratica, que se prolongou pela noite adiante. Emquanto elles assim discursavam de varios assumptos, outros incidentes occorreram na taberna.

Voltando de servir o advogado e o mestre de capella, vio Braz postado na porta o mesmo sujeito que pouco antes lhe trouxera a noticia da prisão de Anselmo; mais longe, na rua, appareciam os vultos dos quatro da camarada, tão bruscamente enxotada da taberna. O judengo do primeiro lanço d'olhos leu boa nova naquella cara espalmada de riso e satisfação. A' interrogação muda da phisionomia do taberneiro respondeu o sujeito olhando para o tecto.

A casa do judengo tinha uma trapeira, e elle sabia que bons serviços pôde prestar essa especie de porta escusa aberta sobre os telhados vi-

sinhos. Escapando-se pelo interior foi abrir a janellinha ao Anselmo, que usurpava essa noite o dominio dos gatos.

— Sempre vos metteis em boas !... disse o taberneiro, á modo de consolação. Até que um dia vos leve o demo á breca.

— Deixai-me cá !... tornou o outro carrancudo. Cada qual tem seu embelleco, e o meu é aquella maldita rapariga !...

— Ah ! o caso é esse ?... Cuidei mais serio ! E perder-se uma noite como esta que veio mesmo ao pintar !... Podia já estar o negocio adiantado...

— Não digo que não ; mas ainda se póde remediar.

— Póde, póde, si não houver detença. Ahi tendes com que matar a sede e forrar o estomago. Aviae e á caminho ! O negro deve estar mais que farto de esperar.

Anselmo estava soturno, lembrando o que lhe acontecera ; tinha poucas palavras e nenhuma fome. Virou a malga de vinho, e tomando á um canto o arcabuz de mestre Braz e um punhal, disse :

— Dai aviso aos outros : por mim estou aviado.

— Onde achaes que vos esperem ?

— No adro de Santa Luzia.

O mariola sumiu-se de novo pela trapeira, e ganhando os telhados até o fim do quarteirão, saltou na rua, escura e deserta nessa passagem; depois dando uma grande volta por detraz da Camara, foi sahír em Santa Luzia.

O judengo desceu á varanda.

Na sua ausencia o caboclinho, acodindo afinal aos repetidos signaes que lhe fazia Gil desde a chegada, correu á janella. Ligava essas duas creanças um sentimento, que era gratidão da parte do indio e dó da parte do pagem.

— Que tens tu hoje, Martim, que me torces as ventas quando te chamo? E com que má cara estás! Foi mau olhado que te deitou a bruxa da velha Eufrazia... aquella arrenegada?...

— Mau olhado!... mau olhado!... murmurou o indio. Si o fôra!... Bom esmurrar!

— Esmurrou-te?... Elle, o cão do judengo, o focinho de caitetú?

— Agora mesmo... Quasi me desancou... Tenho todo o corpo moido de pancada... E que-réis que traga cara de riso, Gil?...

Os meninos ficaram a olhar em silencio um para o outro. Nisso o taberneiro chegando á porta

bispou Martim, e cahindo sobre elle como ave de rapina, físgou-lhe a orelha. La foi o pobresinho de rastros, batendo por bancos e mezas, até o balcão, onde o judengo o arremessou como um fardo.

Gil sacára do punhal: saltou na hombreira da janella para correr sus ao taberneiro; o menino ia cego de ira; ninguem sabe o que seria do Braz, si um dos companheiros do Anselmo que viu o movimento do pagem, não lhe obstasse o intento.

— Que é isso agora?... Franguinho já de esporão!... Salta, pirralho!

O sujeito que proferira estas palavras tentou agarrar o braço do Gil, mas este correu-lhe a punhalada tão rapido que ainda arranhou-lhe a mão apesar da ligeireza com que fugira.

— Encolha a munheca, sô barbaças! disse o petulante menino, engrilando o franzino talhe.

Naturalmente o barbaças ia retorquir-lhe a fineza com alguma punhada ou tapa, quando chamado pelos companheiros reuniu-se á elles e seguiram os cinco rua abaixo. Durante a briga de Gil o taberneiro havia segredado ao ouvido do inculca a respeito do que fôra combinado com

o Anselmo na trapeira. Os cinco da camarada iam pois encontrar-se com o carpinteiro no adro de Santa Luzia.

Depois que partiram, mestre Braz mais socegado e já prasenteiro, voltou ao estado normal, á sua consciencia de taberneiro. Cada grupo de freguezes mereceu um sorriso e uma reverencia aferida pela somma provavel de escote. O giz começou de trabalhar com a costumada presteza e segurança ; e os olhinhos vivos e pequeninos, saltando de meza em meza, não viram mais senão as escudelas e picheis que se esvasiavam, e as bocas que se enchiam.

Estava escripto porém que essa noite seria de tribulações tambem para mestre Braz. Outro susto ainda rapou elle embora passageiro. Foi o caso que mal começou de ser tangido o sino de recolher, assomou na entrada da taberna o negro Lucas. Braz suppunha-o áquella hora bem longe d'ahi com o Anselmo e os outros ; a inesperada apparição o fez estremecer, pensando que estivesse o caldo entornado. Entretanto o africano, com a calma bruta que lhe era habitual, passeou o olhar pela varanda, e não vendo o que buscava, endireitou para o balcão.

— Que houve? perguntou rapido o taberneiro.

— Nada!

— A que vieste então?

— A' festa!... respondeu o negro, cuja face achatou-se com um riso largo.

O judengo teve impetos de quebrar uma garrafa na cabeça do negro; mas era homem de summa prudencia; reprimio esse inconsiderado movimento, e consolou-se em coçar a orelha, á maneira de gato: com a differença que o gato coça a orelha de satisfeito, mestre Braz coçava de arrenegado. Lucas deu-lhe as costas e foi sentar-se no poial da janella onde chupitou á golo e golo um martelinho de aguardente.

Por esse tempo resomnava de bruços sobre a meza mestre Bartholomeu Pires, com um ronco de prima de rabeção. Victimas desse beatico somno, jasiãt atiradas ao canto as quatro garrafas cujo liquido, com excepção de um pichel que bebera o advogado, passára todo pela musical garganta do mestre de capella ao seu vasto estomago.

Vaz Caminha do outro lado da meza com o cotovello firucado na perna e o queixo apoiado no polegar da mão esquerda, resumia mentalmente:

os acontecimentos daquelle dia e as longas e laboriosas meditações que haviam sugerido ao seu espirito.

O sino emmudecera, deixando nos ares a longa e triste vibração do bronze, que trespassou como um gemido plangente o festivo borbórinho da praça. Lembrando o emprazamento que tomara pela manhã e que tivera todo o dia presente á memoria, o advogado ergueu-se e seguiu ao longo do corredor. Sahido á varanda lobrigou o negro que tinha nelle cravado o olhar acerado. Vaz Caminha depois de pagar o escote e encommendar o digno mestre de capella aos cuidados do taberneiro, ganhou a rua. Lucas desapparecera; mas o doutor viu-o á alguns passos de distancia, que o esperava para servir-lhe de guia.

Ia tomar naquella direcção quando Gil que o espreitava do vão de uma porta fronteira sahiu-lhe ao encontro. O doutor o havia esquecido; habituado a andar sem acostado ou servo, não sentira a falta do menino, e nem lhe occorrera durante a noite a ordem que Estacio dera a seu pagem.

O primeiro pensamento do doutor vendo-o, foi que estava sem ceiar a hora tão tarde da noite, e culpou-se a si daquelle crueldade.

— Ainda estaes aqui, Gil?

— Se foi a ordem do senhor Estacio l...

— Tendes razão, rapaz; cumpristes com o que vos mandaram, não eu com o que devia. Vinde cá, mestre Braz vos dará a ceia; depois ide á casa recolher. Não hei precisão de vós.

— Com perdão de Vm., senhor licenciado, livre-me Deus de tocar cousa de comer e beber em que este escommungado taberneiro poz o gadanho. Quanto elle vende é mal agourado, e não me mataria a fome a mim.

— E' que a fome não é grande, filho; senão farieis como os outros. Visto isto, já ceiastes?

— Se vos digo que não l Mas não vos dê cuidado, que eu tenho aqui quanto basta para não dormir pagão.

E o menino mostrou uma naca de pão que trazia no bolso, e na qual já havia dado uma ou duas dentadas. O licenciado tranquillo por este lado, bem que admirado da sobriedade do menino que preferia aos guisados e covilhetes de mestre Braz, a paçada seca e dura, continuou seu caminho. Lucas, apenas elle deu os primeiros passos, seguiu adiante guardando a mesma distancia.

Assim chegaram até a extrema sul da cidade,

então conhecida por porta de S. Bento, em memoria das antigas muralhas erguidas por Thomé de Souza. Ahi havia uma casa construida á beira do caminho, mas cercada de um e outro lado por um espesso pomar, onde abundavam especialmente as touças de bananeiras. As ramas do arvoredor tinham invadido as duas extremidades do alpendre, que corria em frente ao edificio; de modo que apenas se via no centro duas janellas de rotulas. A porta principal da casa que ficava a um dos lados, parecia condemnada desde muito, occulta como estava pela folhagem, e coberta de limo: de feito, muitos annos havia que ella não se abria a pessoa alguma, bastando ao serviço da casa a entrada interior do quintal que communicava com a rua por uma cancella.

Lucas, deixando o doutor no alpendre, rodeou pelo quintal para dar aviso de sua chegada.

Vaz caminha desde que deixara Gil á porta da taberna, vinha parafusando já no misterio deste chamado, já na conversa que sorprehendera na adega entre o negro e o Braz. Mas entre esses dois pontos, o primeiro occupava muito mais o seu espirito, como aquelle que interessava sua pessoa. Quanto ao outro, si as palavras que ouvira lhe denunciavam um plano concertado para o roubo

de algum thesouro enterrado, eram ellas tão vagas e proferidas por um negro boçal, que não mereciam grande credito.

A chave rangeu, e volveu á direita e á esquerda, mas debalde; a ferrugem tornara perra a fechadura. Depois de grande esforço a porta abriu afinal, e correu sobre os gonzos estalando e gemendo; algumas viboras escaparam-se das fendas carunchosas; e a luz interior coou mortição atravez da folhagem.

Vaz Caminha penetrou na casa guiado pelo negro que o conduziu á porta de uma sala outr'ora ricamente adereçada, mas então usada pelo tempo devorador, e desbotada do antigo luzimento.

Uma dama erguera-se do cochim a que estivera recostada, para ir ao meio da sala receber o doutor. Seu traje era de viuva; sua belleza deslumbrante. A julgara no brilho da juventude, quem visse a tão mimosa e gentil feição, mas reparando se descobria uma nevoa ou sombra como nas imagens das santas, a embotar-lhe o viço da formosura. Naquelle tempo havia dessas flores de claustro, floridas sem brisa nem sol: mas esta não a desmaiara o gelido crepusculo das naves, senão talvez o sopro ardente do mundo.

Esse constante volver d'alma para dentro de si mesma, quem já o exprimiu? Quem sabe o que ha ali, no amago, que assim confrange a vida? Será um santo extase de amor e fé; e tambem póde ser o acre prurido de ulcera profunda.





## VI.

Do que são rosas e mais amores.



Estacio e Christovão deixando a bruxa entraram em palacio.

O saráo começára.

As dansas figuradas e graciosas do tempo faziam voltear pelo salão as damas, e tambem os cavalleiros que tinham tanto garbo em executar um

passo airoso de pantomima ou fazer um batão e uma floreta, como no exceder-se pelas armas e feitos guerreiros.

A dança não era então como actualmente desfastio ou pretexto de conversa ; mas uma arte que se cultivava com esmero, e dava ao corpo a flexibilidade das fórmãs e o donaire dos gestos e maneiras ; qualidades estas indispensaveis em uma época em que o vestuario elegante e garrido obrigava o homem sob pena do ridiculo, a ter a perna bem torneada, o talhe esbelto, e a rasgar uma cortezia exactamente copiada dos mais bellos modelos da côrte de D. João II.

No momento em que os dous amigos entravam, dansava-se um bailo de machatins.

Essa linda composição coregraphica, inspiração de um artista de talento, cujo nome a historia ingrata deixou no silencio, fôra inventada em 1603 na Villa Viçosa por occasião das grandes festas que se fizeram com o casamento de D. Theodosio II, Duque de Bragança. Apesar de seis annos de existencia, era ainda nos sarás a novidade ou, como hoje diriamos, a ultima moda dos casquilhos da Bahia e Pernambuco.

Inezita fazia uma das figuras do bailado ; e es-

quecia-se no abandono d'alma, entregue toda ao innocente prazer.

Quando a flor desfolha vai-se o aroma, vem o fructo. Ha na mulher emquanto a maternidade a não sanctifica, um quer que seja de frivolo e infantil, perfume de puerice, que exhala de toda a sua pessoa. Ainda o estame não abriu.

Assim, naquelle instante era Inezita uma creança : de moça se tornára menina ; brincava entre os braços do seu cavalleiro, como outr'ora folgára no regaço materno. Nem já lembravam-lhe as justas, os enlevos e sustos que sentira. Seu mundo ali estava no bailo : dansava.

Sua belleza em repouso era para a deslumbrante formosura que lhe dava a agitação e movimento do bailo, como a sombra para a luz : scintillava. Na ondulação das fórmas, na flexibilidade do talhe e no gesto que desatava em meneios graciosos, havia irradiações esplendidas.

Estacio approximou-se e ella não o viu.

O moço tinha espinhos a pungir-lhe dentro d'alma.

O cavalleiro de Inezita era Fernando de Athayde. Cada vez que o dansarino, executando a figura do bailo, travava da mão da menina ou enlaçava-lhe a

cintura, Estacio sentia dor violenta a morder-lhe o coração.

Junto praticavam alegremente das festas e do bailo varios convidados : mas elle nada ouvia : os ritornelos da musica de envolta com o borborinho da sala resoavam á seu ouvido como golpes de um malho, que lhe trabalhasse no cerebro. De repente o nome de Inezita, proferido perto, foi um raio que atravessou a tormenta.

— Então casa D. Ignez de Aguillar ? dizia um convidado.

— Com D. Fernando de Athayde ? perguntou outro.

— São novas para mim ! acodiou terceiro.

— Como para os mais. Si D. Francisco mal acaba de annuncia-lo ao senhor governador !

Fez-se n'alma de Estacio uma grande treva e maior silencio. Quanto tempo durou esta noite do espirito, nunca elle o soube : houvera uma solução de continuidade na sua vida : ficou-lhe um vacuo no passado.

Quando voltou a si, estava ao relento, n'um campo escuro. Quem o trouxera ali ? Como viera ? Sente-se muitas vezes nas grandes afflicções uma necessidade invencivel de agitação ; o homem pa-

rece que forceja por escapar a si mesmo e á dor que o possue : move-se e caminha . vai sem destino, fugindo ao que vê.

• Assim chegára o moço áquelle sitio.

Viu que tinha nas mãos um objecto ; sentiu que esse objecto estava humido . Era o lenço de Inezita que tinham molhado suas lagrimas . Não se lembrava de haver chorado ; nem sabia como a prenda da menina sahira do seio onde a tinha guardada.

— Valia a pena defender contra o odio de seu irmão esta vida que era della ? murmurava-lhe uma voz dentro d'alma.

Por misteriosa associação de idéas desembainhou a espada ; dobrou-a no joelho ; a lamina partiu-se . Olhou elle um instante os pedaços, como olharia na outra vida, precito já, seu espojo mortal . Rojou-os de si e serenou logo . A dor não se extinguiu, não ; mas agora a sentia como em distancia, longe, bem longe do coração ; cercava-o uma nevoa espessa ; estava em um mundo estranho e novo.

Para este da terra, acabava elle de finir-se . Quebrando a espada, sua defesa, morrera ; sepultara-se atirando os pedaços ao chão . Sombra

apenas, não já vivente, errava ainda, penando como os duendes dos contos populares.

Apoz esta, veio outra allucinação. Pareceu-lhe que mão de ferro, gelada e fria, pousava no peito de seu cadaver; e arrancava fóra o coração, e fugia pela treva. E efle poz-se a seguir essa mão, caminhando sem sentir.

Tirou-o desse pesadello uma voz infantil, que lhe fallava. Era a voz de Gil, parado em face delle, com um cavallo á dextra.

— O senhor licenciado mandou-me á esperar o cavalleiro, pois já não havia precisão de mim. Como estivesse aqui á mão o cavallo fui busca-lo, e bem fiz, que já é tarde muito! Cuidei que não acabava mais hoje de esperar!....

Estacio não ouvia o pagem. Escutava o rumor das palavras: reconhecera o menino, mas só á pouco e pouco foi voltando á realidade, de que escapara por tantas horas. Volveu o olhar pelo sitio onde se achava; era a calçada do palacio, á qual viera como della se fóra, sem consciencia.

Então lembrou-se do que succedera. Via diante um abysmo negro e inimenso, no qual elle se affogara e surgira enfim. Na margem de além a

sua felicidade perdida; a quem, na outra margem, elle transido e extincto.

Que tempo levára a debater-se no abysmo antes de transpo-lo? Quantas horas ou quantos annos aturara essa agonia? Que passara durante no mundo á que pertencera, e na cidade onde habitara?

Fitou Gil; observou a faxada dos edificios. Procurava elle com este exame ver se o menino tinha envelhecido ou as construcções desmoronado em ruína?

— O saráo?... exclamou á final.

Nesta interrogação havia um poema inteiro, uma elegia. Era a historia de seu amor, cujo triste epilogo fôra aquelle saráo: era o casamento de Inezita ahi annunciado: era a ventura de seu rival escarnecendo do infortunio d'elle Estacio: era o passado e o futuro.

— O saráo?... respondeu Gil. Quanto ha que lá se foi! Ainda era em hontem!

— Serão que horas?

— E' noite alta. Se os gallos já cantaram segunda vez!...

O moço deu alguns passos maquinalmente: o pagem ouviu-lhe palavras soltas, murmuradas cemsigo.

— Ao romper d'alva... La serei.

Voltou para o menino.

— Viste quando se partiram do saráo os convidados ?

— Eu que chegava e elles que começavam de ir-se.

— Reparaste...

Estacio hesitou.

— Dos primeiros, acodiu o pagem disfarçando, foi o fidalgo que fez de juiz, sem ser o desembargador.

— D. Francisco ?

— Isso mesmo. Foi-se com a doninha e o outro... o alferes.

— E ninguem mais ? perguntou Estacio engulindo as palavras.

— Mais não vi eu : tornou o menino sem titubear.

E acrescentou comsigo :

— Deus me perdoe.

— Não ia tambem D. Fernando de Athayde ?

— Bem pode ser que me escapasse.

— Qual caminho tomaram ? Lembra-te ? Foram logo direito ao engenho ?

— Quer me parecer que não. Vi tomarem para

as bandas de Nazareth. Não tem casa ahí? Tem-na, que lá vai a Joaninha, a alfeloeira. O senhor Estacio não sabe? Aquella da briga do Tiburcino?... A Joaninha é uma boa rapariga! Ella conhece esta gente toda: não ha casa em que não entre a mulatinha. E' um furão!

Já Estacio não o ouvia: revolvia na mente outros pensamentos.

— Gil, nós vamos á Nazareth.

— Vamos, senhor Estacio.

— Sabes á que vamos?

— E' o mesmo. Lá chegaremos com o favor de Deos.

E o pagem, puchando o cavallo, segurou o estribo.

Estacio pousou a mão sobre a sella, mas em vez de montar reclinou sobre o pescoço do animal para fallar ao ouvido do menino.

— Tenho um desafio com o alferes, Gil.

— Um desafio?

— Si elle trespassar-me, metterás a mão no peito de meu gibão, aqui; acrescentou o moço tomando a mão do pagem. Não sentes? E' um lenço. Ha de estar cortado pelo ferro e tinto do meu sangue. Jura que o entregarás... a D. Ignez, de minha parte.

— Mas... ia dizendo o pagem.

— Ouve! Dir-lhe-has sómente este recado, guardo-o bem guardado : — Que lhe restituo quanto era della; o mais tem-no terra.—Juras-me, Gil ?

— Mas elle não ha de ferir-vos, senhor Estaciol Por essa fico eu. Quem joga as armas como o cavalleiro, teme-se-lá de qualquer alferes? Em já hoje elle não viu a amostra do panno ?

— Ninguem sabe o que póde succeder. Jura sempre !

— Pois o quereis, juro por alma de minha santa mãi e por Deus que a tem ! Mas são juras em vão; heis de ensinar o alferes para vosso e meu contentamento. Já eu estou saltando!...

— Digo-te eu, Gil, que sua espada me ha de transpassar.

— Não repita estas palavras, senhor Estacio. Da-me gana de chorar.

— Tens pena de mim, Gil ?

— Pena ? respondeu o pagem. Tambem a tenho; porém mais é a raiva só de pensar que vos possam fazer mal !

O moço cingiu a cabeça do menino e a teve algum tempo sobre o coração : depois montou rapido á

cavallo ; tomou o pagem de garupa, e lançou-se á galope.

Entretanto Gil, impressionado pelo que acabava de communicar-lhe o cavalleiro, inquieto com a idéa do proximo combate, sentia-se mais tranquillo, lembrando as provas de esforço e valor, que dera o moço estudante, na tarde ainda daquelle mesmo dia.

Retraçava na memoria infantil os feitos recentes do torneio, as brilhaturas de Estacio e sua gallardia no manejo das armas. Insensivelmente o menino procurou no flanco do cavalleiro os punhos da espada leal, sua guarda e defeza : tinha necessidade de acaricia-la. A caricia é uma maneira de sentir das creanças e das mulheres: é tambem um estylo para a lingua que falla o coração.

Affagar os punhos da espada, era para Gil um meio de dizer que punha nella toda a confiança, e um modo de pedir-lhe que transmittisse á sua alma a coragem e a esperança. Valia tanto como beijar a mão do cavalleiro, tocar dos labios o ferro que essa mão valente ennobrecera.

Nos copos da espada havia uma cruz ; diante dessa cruz a alma do menino, bafejada pela fé sublime do christianismo, ajoelhava aos pés do Senhor, e votava sua eterna salvação pela exis-

tencia do unico protector e amigo que tinha na terra.

O pagem estremeceu encontrando unicamente a bainha da espada, viuva do ferro, que a acompanhava :

— Vossa espada, senhor Estacio?... balbuciou Gil assustado.

— Perdia-a !... respondeu o moço breve e rispido.

— E sem ella como ha de ser, pois que vos ides a um desafio ?

A voz de Estacio era grave proferindo estas palavras :

— Para morrer já não careço della !

— Então, acodiu o pagem com um soluço, que-reis mesmo que elle vos mate !

— Não é elle que me ha de matar, Gil. Morto já fui eu, não de ferro ; mas de pena, como nunca a sintas !

Nesse momento iam os dois cavalgando perto do logar, onde o caminho estreito cortava a rua de Santa Luzia. Viram em distancia dois vultos que atravessavam, um apoz outro, como amo e criado.

Estacio reconheceu no primeiro, seu mestre e

padrinho, Vaz Caminha : logo parou o cavallo e apeando rijo, voltou para o pagem :

— Guarda-te dahi, enquanto torno l

O menino deixou-se ficar esmagando nos olhos as lagrimas que lhe saltavam aos punhos. O cavalleiro apressou a marcha para alcançar o advogado :

— Agora vos recolheis, mestre ?

— Agora, filho ; e vós, que vos traz á horas mortas por estes sitios ? Fazia-vos no saráo.

— No saráo? . Má hora, má e aziaga, mestre, em que a elle fui l

Estacio apertando a mão do velho vergara a cabeça abatida pela dor ; as palavras que proferira vieram travando a fel ; affogaram-se em lagrimas.

O licenciado esteve a observa-lo bastante tempo ; depois, erguendo-lhe a fronte com ternura, impondo a mão sobre o coração oppresso do moço, murmurou-lhe ao ouvido :

— Cedo fostes homem, filho, para soffrer. Amores são rosas de todo o anno ; breves folhas, muitos espinhos. Peior é rega-las de lagrimas que mais nunca seccarão.

— Seccarão, seccarão, mestre ! Bem seccas já estão nesta alma, onde nem goivos quero eu que vinguem já l

O estudante tornou mais calmo :

— Abraçai-me, mestre ! E' tarde ; careceis de recolher-vos.

— Até amanhã. Ireis ter comigo logo cedo?... E' preciso para o muito que tenho de communicar-vos.

Vaz Caminha abraçou o afilhado : este cerrou-o nos braços com visível emoção.

— Ides de animo mais sereno ? perguntou o velho com terna solicitude.

— Para onde vou, mestre, respondeu o moço docemente, a serenidade me espera.

O advogado seguiu seu caminho ; voltava do emprazamento com a dama desconhecida. O outro vulto que o acompanhava era do negro Lucas.

Reunindo-se ao pagem, Estacio antes de montar disse para o menino :

— Gil, junto do lenço encontrarás tambem um papel. Este has de leva-lo ao doutor com estas palavras minhas : « que lembre-se de meu pai e de ti. »

O cavallo, arrancando a galope, desapareceu nas trevas.

## Vii

Que fazia Elvira em quanto Inezita bailava os machatins.



Christovão apenas quiz se mostrar no saráo, para que sua ausencia não desse motivo a reparo : logo se retirou.

Embuçado no manto ganhou a rua de Santa Luzia, estugando o passo, como quem tinha pressa de chegar.

Essa parte da cidade, embora fossem oito horas apenas, estava completamente escura e deserta; não se via porta aberta, nem janella allumiada. Toda a população tinha-se aglomerado na praça do Governador e rua do Collegio, onde gozava dos prazeres e folias da noite, até que fosse tangido o sino de recolher.

O moço não deu attenção a esta circumstancia, como quem tinha outros pensamentos que o occupavam todo; continuou seu caminho; nem a escuridão da noite o fazia hesitar; adiante quebrou n'uma esquina, passou junto da igreja de Nossa Senhora da Ajuda, e atravessando uma pequena ribeira, tomou a rua que seguia áclive.

Ao longe o mosteiro de S. Bento estampava no céo de azul ferrete a larga claustro e os vastos dormitórios; á direita corriam as cercas das roças plantadas de mangueiras, coqueiros e outro arvoredos fructiferos.

Estava tudo em socego; apenas se ouvia o ramalhar da aragem nas folhas e o borbulhar da ribeira fugindo pela charneca; de quando em quando uns longes rumores da festa passavam como rajadas e entravam no silencio do ermo.

Christovão parou á beira de um fundo e largo

vallado, cheio pela recente enxurrada ; resfolgando da batida em que viera, enfiou os olhos pela ramagem .

Havia defronte uma cancella; e mais longe erguia-se a casa, destacando confusamente na sombra do arvoredado. Alva cinta de luz coava entre os bambolins de uma janella e resvallava tremula pela folhagem, que agitava a viração da noite. O resto da habitação envolto nas trevas repousava da lida diurna.

Uma prancha, que servia de ponte sobre o vallo, fôra retirada da parte de dentro ; de modo que a entrada no terreiro da casa tornava-se difficil e perigosa.

O cavalleiro volveu em torno o olhar rapido e escurtador para certificar-se de que ninguem ali se achava occulto pelas arvores que podesse espreita-lo; feito o que ajustou as armas ao corpo, atirou a capa sobre o hombro esquerdo, e procurando um logar favoravel ao seu intento, conseguiu transpor o vallo, graças á alguns ramos inclinados que lhe serviram de apoio. Metteu-se então por entre as arvores, onde a ramagem era mais basta, evitando que os raios da luz que filtravam da janella cahissem-lhe sobre.

Tanta precaução, indicava grande receio de ser descoberto ; de feito ás vezes o moço parava irresoluto se devia proseguir no seu primeiro intento, ou retroceder enquanto era tempo ; mas depois de curta hesitação, sondando de novo as trevas e certo de que tudo estava tranquillo e socegado, cobrava affoutesa e ia por diante.

Christovão era um destemido cavalleiro, valente como as armas, bravo como os filhos da raça iberica, em cujas veias girava ainda a pura mescla do sangue godo e arabe ; não fôra pois o receio de um perigo, por maior que se lhe affigurasse, motivo para influir no seu animo tal indecisão.

Era sim receio de escandalo.

Seu amor e character ousado o tinham lançado naquella aventura nocturna ; durante a festa a ausencia de Elvira o contristára á tal ponto, que decidira ver a moça naquella mesma noite, para offerecer-lhe com a sua alma e vida as joias que tinham premiado sua destreza e galhardia.

Sem reflectir na possibilidade de realisar esse proposito, sahira do sarão, e achava-se em face da janella de Elvira ; mas ahí foi que a rasão lhe começou de apresentar á mente quanto havia de

extravagante e desusado no passo que pretendia dar sem consentimento da moça, nem certeza de que ella levasse em bem semelhante temeridade.

•Estando assim com o espirito tomado por mil pensamentos contrarios, e com os olhos na janella, a luz vacillou; uma sombra ligeira debuxou-se docemente na atmospherá esclarecida, esfumando os contornos suaves e puros de um busto encantador.

•Christovão estremeceu; porém já de prazer, não de susto.

Deu por bem paga a imprudencia, pois ao menos gosava a ventura de ver a imagem da imagem que trazia n'alma. Para elle a sombra vivia e animava-se: houve momento em que lhe pareceu que ella o olhava e sorria; até chegou a acreditar, com a superstição natural do coração amante, que á força de contempla-la, talvez Elvira recebesse a refração dos raios de tão ardente affecto.

Mas o coração é insaciavel; o que a principio lhe basta para a completa felicidade, logo serve apenas de aguçar o desejo. Succedeu assim com o moço; a sombra de sua amante em vez de lhe dar prazer, já o torturava com a idéa de não ve-la a

ella propria, estando d'elle tão perto, que podia ouvir-lhe a voz terna e amorosa.

Mas essa voz emmudeceu em seus labios tremulos ; pois o esmorecia a só lembrança de offender a moça e perturba-la em seu casto repouso. Tanto bastava para queda-lo mudo e extactico em frente do balcão da janella, elevado do chão na altura de uma lança.

Si ao menos pudera devassar com a vista o interior l...

O aposento esclarecido formava uma pequena recamera forrada com raz simples e ornada no gosto o mais apurado da epocha. A um lado estava o leito de madeira embutida com relevos de metal ; em volta esfraldavam-se as cortinas de seda azul suspensas do esparavel dourado ; aos pés um tapete da India ; junto da cabeceira, contra a parede, o esca-bello, traste caracteristico dos tempos de fé sã e robusta.

Do lado opposto, no estrado baixo que então fazia as vezes dos sofás e conversadeiras de moderna invenção estava Elvira sentada ; tinha o corpo esca-hido em frouxa attitude, os braços destendidos, as mãos cruzadas sobre os joelhos, a cabeça reclinada um tanto, os olhos fitos no relógio d'agua collocado.

em cima do trumó, sobre o qual ardia uma vela de cera, eschamejando-se na face lisa e polida do espelho.

Os cabellos desatados pelas espaduas nuas ensombravam o perfil, amortecendo-lhe a côr ; mas deixavam immergidas na claridade as evolutas suaves do collo soberbo, e dos seios que moldava o linho transparente. Traçando a curva graciosa de uma perna admiravel, a roupa roçagante de fina beatilha frangia na orla, por onde escapava o pésinho nu, ennhado em um pantufo de velludo roxo.

Doce enlevo, ideal sublime de suave melancolia ou de vago scismar, quando a alma engolfada no silencio e na soidão, partida entre as recordações que voltam e as esperanças que fogem, doe-se com a ausencia do bem que fruiu, e enleva-se revivendo no goso passado ! Voluptuosidade inexprimivel de magoas doces e agros prazeres para o coração que soffre com o isolamento e praz-se nelle ! Hymno sublime que o labio portuguez canta em uma só palavra — *saudade* !

Corriam os minutos ; e ella não mudava de posição.

Os raios de luz brincavam com as gotas do roseo licor que estillavam a uma e uma do globo supe-

rior da ampulheta ; a cláridade decompondo-se nos rubis liquidos, formava um prisma brilhante em cujas irradiações se estereotypava a myriade de pensamentos que esvoaçavam na mente de Elvira. Cada gota era um instante que fugia, e com elle um feixe de esperanças.

Em que podia ella pensar a não ser nas festas a que não assistira, e em Christovão por quem mais sentia, que por ella, a privação daquelle prazer?

Toda a tarde estivera triste e aborrida ; chorava pensando que o lindo cavalleiro que a estremecia, podesse no meio dos folgares ter um pensamento, um olhar, uma lembrança que não fosse della. Cada vez que as acclamações enthusiasmas do povo saudando o vencedor, mandavam-lhe um echo dos alegres arruidos, afogava-se-lhe o coração em lagrimas, que a seu pesar vinham rorejar as faces.

Mas um olhar severo de sua mãe recalçava-lhe a dôr no fundo d'alma, até que depois da prece da noite, recolhendo á sua alcova, pôde desabafar a magoa comprimida ; ou antes pôde entregar-se livremente a novos pezares que lhe assaltaram o espirito. A principio esteve n'uma impaciencia mortal ; volvia de um para outro lado, chegava á janella soffrega e inquieta, inclinava o ouvido, e repri-

mia as palpitações do coração ; por fim como isto em vez de acalma-la, a exasperava ainda mais, sentara-se no estrado e contava com anciedade os minutos da hora que faltava para acabar o seu supplicio.

A ultima gota vasou da ampulheta ; Elvira ergueu-se de salto e correu á janella.

No horisonte, entre a escuridão profunda que plainava sobre a cidade, brilhava um frouxo clarão que ia a pouco e pouco desmaiando ; signal de que as luminarias começavam a extinguir-se. Não se ouvia mais o barbarizo que exhala das grandes massas da plebe. O primeiro dobre do toque de recolher acabava de soar.

A festa popular estava terminada ; mas uma branda lufada do vento trouxe uns alegres tangeres de musica, como para dizer a Elvira que o saráo ainda durava e com elle seu tormento e afflicção.

A pobre donzella suspirou.

— Nem mais se lembra de mim ! balbuciou com a voz repassada de lagrimas.

De repente a moça, que se recostara ao balcão, estremeceu.

Julgou ouvir a brisa murmurar seu nome ; o primeiro movimento, depois do susto, foi reco-

lher-se e fechar a janella ; mas uma attracção invencível a fez voltar ; ainda tremula e fria teve coragem de se debruçar no balcão para ver entre as arvores .

Quando já mais animosa inclinava a crer que tudo fôra uma illusão dos sentidos e um receio infundado, os olhos cahiram sobre um vulto, que sahindo d'entre as sombras, foi subito ferido pela luz da vela.

Ella quiz suffocar, mas tarde, o grito de jubilo e surpresa que lhe escapou dos labios ; porque tinha reconhecido Christovão.

O moço adiantou-se, murmurando o doce nome de Elvira ; mas ella em quem o receio tinha vindo de prompto perturbar a alegria ineffavel da presença do cavalleiro, supplicou-lhe com o gesto que se calasse, e foi ao corredor que passava pelo fundo da camera, para assegurar-se de que ninguem velava na casa. Mais socegada com a tranquillidade que reinava no interior, fechou devagarinho a porta, e voltou-se no momento em que Christovão saltava pelo balcão da janella.

A moça recuou cruzando os braços sobre o seio, com sublime gesto de pudor.

— Oh ! não ! disse ella supplicante.

Christovão arrependeu-se do que tinha feito.

— Perdoai-me, Elvira ! respondeu elle com respeito. O muito que vos amo fez-me esquecer o muito que vos devo. Com a mente de fallar-vos, e dizer-vos quanto soffri pela vossa ausencia, não me lembrei que este asilo me era vedado ; mas crede-me, que não entraria em templo, com recato maior do que entrei aqui.

A moça, preza dos labios de seu amante, commovida de tanto amor, mal sabia o que fizesse ; já não era o receio que a retinha, sim o pejo.

— Bem penso, continuou o moço, que errej ; sede porém benigna para esse erro de que só foste a causa. Trouxe o que por vós e para vós ganhei ; e vou-me por onde vim, para que não vos deixe maior afflicção da que levo em deixar-vos.

Dizendo isto, o moço deitou sobre o toueador uma bolsa que tirou do peito do gibão, e na qual brilhavam entre as malhas de seda as joias que tivera em preço dos jogos ; apoz fitando um longo e ardente olhar na sua amada, foi para saber.

Elvira não se conteve mais ; lançou pelo collo uma manta de seda, e correu á janella, ao tempo que o moço ia saltar o balcão.

— Não ides magoado comigo, não ? disse ella pousando-lhe as mãos sobre os hombros e sorrindo.

— Bem sabeis que não, Elvira minha, alma de minha alma ! exclamou o cavalleiro ajoelhando a seus pés, e beijando-lhe a fimbria do vestido.

— Pois então antes de partir contai-me como vos foram as festas sem mim ; e si vos deslembrestes de quem se não passou um instante, que não estivesse com vosco em pensamento ?

Christovão apontou para a tarja do escudo que trazia bordada no peito do saio :

— Perguntai-o á minha estrella que nunca me desacompanhou ou á estas joias que o são menos do que sois da minha vida. Ellas ficam : e eu me parto.

— Não ; que me haveis de dizer como as ganhastes ; pague-me esse prazer tão grandes penas quaes passei.

— Ah ! E não me contareis que penas foram essas ?

— Quando souber tudo que fizestes. Vinde ; mas fallai passinho que não vos ouça minha mãe.

Elvira fez Christovão sentar-se no estrado, e escutando si tudo estava em silencio, foi sentar-se junto d'elle.

— Oh ! que lindas galanterias ! exclamou ella soltando no regaço as joias da bolsa. Que tão cubiçadas não haviam de ser pelas damas que lá estavam !... Mas quizestes guarda-las para quem menos as merecia !

— Para quem ellas menos merecem, senhora minha.

— Mas fallai ; que não me posso já com o desejo de saber quanto fizestes !

— Não quereis que cerre aquella janella ? Podem ver a luz á estas horas mortas..., disse o moço erguendo-se.

Elvira corou.

Lembrou-se que estava só com seu amante, á noite calada, e na sua camera de donzella recatada ; pareceu-lhe que fechando a janella o isolamento ainda se tornava maior ; porém sua alma era tão candida e o amor de Christovão tão respeitoso, que se accusou a si mesma daquelle seu receio.

— Cerrai ! tornou com um sorriso encantador. Não ficamos sós !

— Quem mais está aqui ? perguntou Christovão admirado.

— Deus ! disse ella apontando para o crucifixo que pendia da parede.

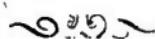
— Deus, vossa virtude e minha honra, Elvira ! replicou o moço em tom solemne, e estendendo a mão, como si fizera um juramento.

A janella cerrou-se, occultando a luz, que derramava sobre a folhagem das arvores.

A fachada do edificio ficou em perfeita escuridão ; porém minutos não eram passados que uma luz interior bruxuleou ; apparecendo e desaparecendo, percorreu quasi toda a casa até parar em uma sala que deitava para o nascente.

Algum tempo depois ouviu-se o ranger de uma porta baixa que abriam ; um vulto embuçado appareceu no terreiro, e avançou a passo e passo como quem procurava alguma coisa.

A ultima badalada do sino de recolher resoava ainda pelo espaço.



## VIII

Em que os argueiros parecem cavalleiros.



Já tinham resado *completus* no Collegio dos Jesuitas.

Os frades se retiraram aos seus cubiculos: os vastos salões ficaram completamente desertos e ás escuras: reinava em toda a casa profundo silencio.

Os rumores da festa que ainda enchiam a cidade batiam contra os altos muros externos do claustro: mas nenhum écho do mundo penetrava já no templo do Senhor.

Decorreu uma boa meia hora.

Cinco vultos negros, esgueirando-se pelo comprido corredor que separava os vastos dormitórios, entraram á um e um na sala da bibliotheca, e depois de trocarem mesmo no escuro um toque symbolico, se agruparam defronte da pezada porta de vinhatico que dava entrada para o *cartorio*. Era este o lugar reservado onde se guardavam os papeis de importancia, a escripturação mercantil e o cofre da communitade, cujos rendimentos cresciam annualmente, augmentados pelas doações regias e deixas particulares.

Os religiosos que esperavam á porta do cartorio eram, o P.<sup>o</sup> Nunes, reitor; o P.<sup>o</sup> Ignacio do Louriçal que vimos conversar á janella do convento, emquanto duraram as festas, com o jesuita chegado naquella manhã; o P.<sup>o</sup> Luiz Figueira, autor da grammatica da lingua Tupi, o qual em 1607 tinha escapado ao martyrio entre os selvagens da serra da Ibiapaba, na capitania do Ceará; o P.<sup>o</sup> Domingos Rodrigues, ardente missionario, que havia

seis annos reduzira os ferozes Aimorés da capitania dos Ilhéos; e o P.<sup>o</sup> Manoel Soares, chronista e autor de importantes manuscriptos, que infelizmente não chegaram aos posteros para bem de sua fama.

Havia alguns instantes que os jesuitas esperavam sem trocar uma palavra, quando ouviu-se o roçar de sandalias, e ao frouxo clarão de uma lanterna surda appareceu o Provincial Fernão Cardim acompanhado pelo P.<sup>o</sup> Gusmão de Molina.

Os jesuitas não se admiraram de ver entre elles o novo irmão que sabiam ser professo; mas conhecendo a politica da ordem, pressentiram que sua vinda occultava alguma importante missão: o Provincial, tirando a chave que trazia á cinta, abriu a porta, que fechou interiormente, enquanto um dos outros irmãos accendia a grande alampada de prata suspensa ao tecto do aposento.

Figure-se um gabinete pouco espaçoso, entre quatro paredes dobradas por largos armarios que subiam até a abobada, alcatifado de alto ábaixo com uma fazenda espessa que forrava tambem o soalho, tendo uma só porta e fronteira á esta uma janella revestida de gradil de ferro; e se fará idéa exacta desse aposento, no qual o som da voz

ou dos passos por mais forte que fosse morria abafado e não transpirava.

Na larga banca de jacarandá de fôrma oval via-se o tinteiro, a poeira e a campainha, tudo de prata de lei e de proporções desmesuradas. A' cabeceira, que ficava do lado da janella, estava a séda ou cadeira presidencial que occupava de ordinario o superior da communitade, quando não se achava presente o Provincial; aos lados haviam assentos rasos destinados aos simples conselheiros.

Era nesse logar que os principaes da Companhia de Jesus, incumbidos do governo da provincia do Brasil, faziam as suas conferencias secretas, nas quaes só eram admittidos os irmãos do quarto voto, geralmente chamados os *professos*; unicos de toda a numerosa associação, que tinham conhecimento das altas questões politicas que interessavam a ordem.

Os cutros membros, coadjutores, estudantes e noviços, condemnados pelo instituto do fundador á *obedientia caeca*, nem siquer penetravam naquelle sanctuario, onde muitas vezes decidiam da sua sorte; maquinas animadas, authomatos vivos, moviam-se conforme a impulsão que lhes dava a intelligencia superior que os dominava: *Perinde ac cadaver*.

Quando a meza se achou occupada pelos jesuitas, o provincial voltou-se para o novo irmão:

— O capitulô está reunido: V. Paternidade pôde fallar.

Por toda resposta o P.<sup>o</sup> Molina inclinou-se e apresentando a Fernão Cardim um pergaminho dobrado, que tirou da manga, disse-lhe com a habitual humildade:

— Faça a mercê de lêr, P.<sup>o</sup> Provincial.

O superior ergueu-se com uma ligeira emoção, que logo dominou; beijou a mitra, e fez a leitura, que foi ouvida em respeitoso silencio pelos jesuitas.

Era um breve do Geral assim concebido:

AD MAJOREM DEI GLORIAM.

*Nós Claudio Aquaviva, pela authoridade da Santa Sé Apostolica e voto da Congregação, Superior geral da Companhia de Jesus, nomeamos o reverendo P.<sup>o</sup> Gusmão de Molina, Visitador e Assistente na provincia do Brasil, e mandamos á todos os nossos irmãos, assim religiosos como seculares, por tal o reconheçam e lhe prestem obediencia plena.*

*Em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo, amen.*

*Dado em Roma na casa da Companhia, aos 5 de Agosto de 1608.*

CLAUDIO AQUAVIVA.

Ao lado esquerdo do pergaminho via-se o sello chão em lacre preto com a mutra do anel que usava o Geral; logo abaixo a nota do registro feito na secretaria da ordem.

Quando o Provincial, terminada a leitura pronunciou pela segunda vez o nome do homem que á mil leguas de distancia fazia estremecer todos esses velhos encanecidos e provados nas vicissitudes da vida; os olhares dos jesuitas cruzando cahiram sobre o rosto do P.<sup>o</sup> Gusmão de Molina, como para lhe arrancarem da phisionomia o motivo da nomeação secreta e do poder immenso de que se achava revestido.

O Assistente ou Visitador era um dos mais altos cargos da Companhia; só tinha superior em hierarchia o Geral, de quem era delegado e representante. Dentro da Nação ou da Provincia á que era enviado, governava como soberano até o momento em que o poder supremo, que o tinha elevado, o quebrasse de repente como um torrão de argila.

Depois do P.<sup>o</sup> Ignacio de Azevedo, morto em 1569 ás mãos dos corsarios huguenotes, que capturaram a frota, em que vinha elle com sessenta religiosos e o Governador D. Luiz de Vas-

concellos, nomeado para succeder á Mem de Sá, nenhum outro Assistente fôra mandado ao Brasil. Quarenta annos durante o Geral deixára a direcção dessa Provincia entregue ao prelado ordinario.

Era natural pois que os padres ficassem sorprendidos: essa nomeação secreta, que não lhes fôra communicada, nem de Portugal, nem da Hespanha, indicava um acontecimento de grande alcance, ou uma reforma no governo da Provincia; qualquer desses dois pontos interessava altamente os professos da Bahia, para que elles se apresinhassem em conhecer as intenções com que vinha o P.<sup>o</sup> Molina.

Mas a phisionomia deste não respondeu aos olhares interrogadores.

Calmo e frio, o Assistente acompanhara a leitura do breve: seu rosto não tinha expressão, ou si a tinha era indefinivel; não se podia distinguir que sentimento dominava naquelle semblante immobil, si a indifferença e a bonomia, ou a severidade gelida e impassivel. Os olhos em vez de projectar os raios visuaes, pareciam volta-los interiormente, deixando a pupilla baça e pasma como um vidro á que o vapor houvesse empanado o cristal.

Sem dar mostras de aperceber-se da investigação profunda que as vistas prescrtadoras dos jesuitas faziam sobre sua phisionomia, o P.<sup>o</sup> Molina dirigiu-se ao Provincial, que partilhava a desconfiança geral, e conservava ainda nas mãos o pergaminho que acabara de ler.

— Queira V. Paternidade passar aos nossos irmãos.

Fernão Cardim entregou o breve ao Reitor, o qual o deu ao P.<sup>o</sup> Ignacio; assim passou de mão em mão até o ultimo. Este depois de examinar minuciosamente a lettra e o sello, como tinham feito os outros, apresentou-o ao Assistente, que o recusou com um gesto.

— Julgam que esteja conforme? perguntou elle.

Os seis jesuitas inclinaram-se em signal de assentimento.

— Registem-n'o então.

O P.<sup>o</sup> Molina esperou que o Reitor copiasse no livro proprio a carta de sua nomeação: terminado o que, dobrou-a de novo, e guardou no peito da roupeta; arrastando a cadeira de espaldar collocada á cabeceira da meza, sentou-se, acenando aos outros que o imitassem.

Um instante volveu o olhar pasmo e sem bri-

lho pelos seis frades recolhidos na apparellia, mas interiormente suspensos dos seus labios e anxiosos pela palavra que devia esclarecer o enigma; por fim apolou os braços á borda da meza, e deixou cahir as frases a uma e uma como si as tivera composto e decorado com antecedencia.

— Não preciso dizer-vos eu, pois o adivinhaes, que me trouxe ao Brasil missão importante. Trata-se de objecto que interessa mais que muito a Companhia. Sabeis que El-rei de França permittiu tacitamente há cinco annos que de novo entrassemos nos seus estados; tal concessão foi-nos de grande valia, porém muito nos resta ainda por alcançar. Emquanto o edicto de Nantes não for revogado, seremos tolerados, mas não admitidos; a Companhia não poderá crear naquelle paiz uma influencia bem solida. Quanto é isso necessario, bem o conheceis; mas por que meio o obteremos?...

O jesuita parou deixando a pergunta suspensa; e como não tivesse resposta continuou:

— Um meio ha, e prompto, e infallivel. O dinheiro, que tudo vence, fará em uma hora maior conversão, do que tem feito tantos annos de apostolado: as guerras atrasaram as finanças

da França e o protestantismo de El-rei Henrique IV não será tão intolerante, que repilla algum forte subsidio, unicamente porque lhe é offerecido por mão catholica. A compauhia precisa pois de somma avultada, que não lhe póde ser fornecida senão pelas nossas Provincias de Asia e America. Eis a que mandou-me a vontade soberana á quem devemos obediencia: espero me ajudareis com o vosso avisado parecer.

Concluindo sua exposição oratoria, o P.<sup>o</sup> Molina bem percebeu que nenhum dos seus ouvintes tinha acreditado uma palavra só do que elle acabava de dizer.

Com effeito os padres sabidos e usados na arte da dissimulação em que primavam os jesuitas, conhecedores de todas as subtilezas e disfarces que tinham costume empregar nas altas negociações, comprehenderam que o P.<sup>o</sup> Molina havia realisado o preceito dos mestres da ordem, os quaes ensinavam que — « a palavra era o melhor meio de occultar o pensamento. »

Essa fabula do edicto de Nantes, quando por muitos outros motivos não parecesse inverosinil aos membros do capitulo, tinha contra si uma razão de grande peso; era que, si fosse verdadeira, o

Assistente não a confiaria tão facilmente e sem necessidade, a homens cuja discrição não conhecia, e que podiam contraria-lo nesse plano de exhaurir o thesouro da Provincia em beneficio de Roma o dos estrangeiros.

Todos elles ficaram portanto firmemente convencidos que o P.º Molina tinha preparado aquella historia para illudir a sua curiosidade, com o fim de poder depois livremente tratar do verdadeiro objecto da missão e obter delles os esclarecimentos e informações de que necessitava. Mas escarneceram interiormente daquelle ardil tão commum e vulgar, que depunha contra a perspicacia do Assistente; e redobraram de attenção para apanhar no meio da discussão a menor palavra, o mais simples gesto que denunciasse o segredo.

Ao P.º Gusmão, porém, não escapara a suspeita dos seis conselheiros.

— Que pensa á respeito o P.º Provincial?... Será possível obtermos alguma parte da somma precisa?

— A fallar verdade, devo confessar a V. Reverencia que não julgo a cousa facil. A terra é rica, porém os haveres vão-se mais em luxo e prazeres da carne, do que em esmolas e deixas pias.

Quanto aos bens da Companhia, são poucos por ora, e seu rendimento apenas atrecadado é logo remettido á Portugal. Comtudo não esmoreço; e como é em serviço da religião, della tiraremos forças para levar á cabo tamanha empreza.

— E o P.<sup>o</sup> Reitor que aviso nos dá? perguntou o Assistente, mostrando-se contrariado.

— Meu voto é de bem pouca monta; mas ajudando Deus, creio que poderei auxiliar V. Paternidade no cumprimento de sua tarefa.

— Vejamos o como.

— Vive nesta cidade uma dama hespanhola, ainda moça, á quem parece que um grande infortunio desgostou do mundo.

— Diz que parece, P.<sup>o</sup> Reitor? perguntou o Assistente com um sorriso inexprimivel,

— V. Reverencia admira-se?. . Tambem eu; porém por maiores esforços que tenha feito ainda não consegui della ouvi-la de confissão. Deve de ser um caso grave para que resista á todas as admoestações, e mesmo ao terror da condemnação eterna!

— E em que nos póde servir essa mulher?

— E' possuidora de immensa riqueza, que de

seu pai herdou, e não está longe de, mesmo em vida, fazer doação della á Companhia.

— Bem, veremos a sua penitente, P.<sup>o</sup> Reitor. Em quanto lhe avalia os teres?

— Ella propria não lhes sabe o valor. Deixou-os seu pai n'um cofre enterrado em certo logar; a filha com o seu desapego ás cousas mundanas nem sequer teve ainda a curiosidade de o ver.

— Pensa então que esse thesouro esteja no mesmo logar? disse o P.<sup>o</sup> Molina com seu fino sorriso.

— Não ha razão para que duvide: ninguém mais afóra ella sabe do segredo.

— Quem enterrou o ouro?

— O pai só e durante a noite, pouco tempo antes de finir-se.

— E essa dama chama-se?

— Tem nome pouco vulgar, que me parece supposto. Chama-se D. Mariça de Pêna.

Um plica imperceptível traçou rapidamente a vasta fronte do Assistente: mas desfez-se logo, e fôra impossivel distingui-la da sombra tenue e mobil que projectava em seu rosto os tremulos clarões da alampada, coando entre os cabellos revoltos.

— Ainda assim, não lhe tenho o segredo por muito seguro. Devem de haver serviçaes na casa.

— Ha uma aia que tomou logo que chegou da Hespanha, e mais um escravo. Esses si alguma cousa soubessem, já se teriam aproveitado, e não ficariam de certo ao seu serviço.

— Comtudo! O ouro é como a luz de que tem a côr e o brilho; ainda no seio da terra surde.

— O que fôr se ha de conhecer, disse o reitor um tanto despeitado.

— Certo! Nestes casos as supposições nada valem. Trabalhemos na esperança do successo; e a seu tempo a verdade apparecerá. Entretanto já temos por onde começar, e o nosso irmão P.º Ignacio, naturalmente vai propor-nos algum outro alvitre.

— Si o tivesse não esperaria que m'o pedisse, P.º Assistente; porém curo mais dos bens d'alma, do que dos bens terrestres.

— V Paternidade procede sabiamente; disse o P.º Molina amaciando a voz; sómente digo que si todos assim procedessem a Companhia não teria forças para vencer tantos inimigos, que a perseguem, nem meios de se empregar no serviço da

religião. Uma cousa não exclue outra, P.º Ignacio ; curemos d'alma , arrostemos o martyrio si necessario fôr para plantar a fô entre os selvagens ; mas não esqueçamos que é preciso combater o mundo com suas proprias armas. Esta roupeta que nos veste , não é nem de melhor fazenda, nem de mais custo, do que o habito de qualquer outra ordem ; mas ella representa a milicia do Christo e o poder immenso da Companhia ; porisso abre todas as portas, e vê em todas as consciencias. Dispa-a , e suas palavras, embora ungidas pelo Senhor, sahirão em terra safara.

O P.º Ignacio abaixou a cabeça e não respondeu.

— Tambem pensa do mesmo modo o P.º Figueira ? perguntou o Assistente á outro jesuita.

— Penso que V. Reverendissima tem rasão ; e peza-me que, sobrando a vontade, falte-me a força de servir a Companhia em objecto de tamanho alcance ; mas si uma esperança póde ser de alguma utilidade...

— Uma esperança é já alguma cousa ; quando a cultiva mão tão habil é flor que sempre vinga e dá seu fructo.

O padre corou modestamente com o elogio do superior : encolheu-se na capa, como um homem

que não se póde eximir de certo acanhamento e timidez fallando á pessoas authorisadas.

— Tomou-me ha tempos por seu confessor, disse elle, a senhora D. Luisa de Paiva, viuva já idosa e muito conhecida nesta cidade pela sua avultada fortuna. Falleceu-lhe o marido ha seis annos deixando uma filha unica, que está hoje moça. E' senhora de muita virtude; mas tem ainda restos de sangue impuro...

— Ah! E' de raça judaica! exclamou o P.<sup>o</sup> Molina.

— Infelizmente assim é: respondeu o P.<sup>o</sup> Figueira.

— Devem ter passado ao Brasil muitos desses christãos novos, depois de levantada a prohibição? replicou o Assistente pregando os olhos no tecto.

— De feito não é pequeno o numero dos que tem vindo.

— Para isso compraram tão caro o direito a El-rei, que não soube o que vendia.

Os jesuitas tinham levantado a orelha, apenas o P.<sup>o</sup> Molina fizera o primeiro movimento de surpresa, e acompanharam o curto dialogo com attenção disfarçada. Pareceu-lhes ter entrevistó o fim secreto da missão do Assistente.

Em 1601 os *pobres judeus*, a quem era prohibo pela lei de 30 de junho de 1567 passar ás colonias, offereceram a somma de 200,000 cruzados pela revogação do interdicto ; semelhante transacção que bem revellava os lucros avultados que essa raça indústriosa e mercantil tirava do commercio da India e do Brasil, offendia os interesses da Companhia. Desde então não cessara ella de insistir pela revogação da lei de 30 de julho de 1601.

Nada mais natural portanto do que tratar agora a poderosa associação de afastar os competidores que lhe disputavam boa parte das riquezas do novo mundo. Para tamanha empreza fóra mister um homem habil que excitasse nas populações o espirito de intolerancia religiosa, bem intenso ainda no seculo XVII, coagindo assim El-rei á voltar á antiga prohibição de passarem judeos ás colonias.

E esse homem não seria o Visitador ?

Simultaneamente luzio a scentelha no espirito dos cinco jesuitas. O sorriso subtil que mal rugou os labios mostrava a satisfação intima da intelligencia que alcançara resolver um problema difficil.

Entretanto o P.<sup>o</sup> Molina, a quem não escapara

o effeito produzido pela sua pergunta, reatava o fio á narração interrompida.

— Mas isso não nos interessa agora. Dizia V. Paternidade ? .

— Que D. Luiza de Paiva é descendente de uma familia de judeus ; e pois, embora sua fé seja robustissima, remorde-lhe aquella macula. Estou que seu zelo bem aconselhado não duvidará remir a culpa, fazendo esmola de todos seus cabedaes a uma casa de oração que possa bem emprega-los no esplendor do culto divino.

— Si não me engano, ouvi que tinha uma filha ?

— Não se engana V. Reverencia, não : respondeu o P.º Figueira sorrindo ; tem uma filha ; porém essa menina si já não sente, é natural que venha a sentir breve, irresistivel vocação para o claustro ; e então....

— Compreheado ! A mãe poderá dispor livremente de seus haveres.

— E satisfazer as pias intenções de sua alma devota.

— Nenhum destes auxilios é para desprezar-se, replicou o P.º Molina ; mas não são de prompto

resultado ; e para o fim que é de pouco servem. Cumpre recorrer a meios mais rapidos e...

— Si V. Reverencia permite?... atalhou um frade gordo que ainda não tinha proferido palavra.

— Póde fallar o P.º Manoel Soares. Estamos aqui para ouvir : disse o Assistente.

— Talvez pareça ousadia querer eu decidir ponto em que nossos irmãos se acharam embaraçados; mas cada um deve occupar-se do que lhe é ordenado ; e aquelle não merece mais, que só cumpre o seu dever.

— Então V. Paternidade julga ter descoberto o meio de dar á Companhia a somma de que ella precisa ?

— Julgo que poderei dar á Companhia, não tres milhões, porém cincoenta : respondeu o P.º Soares.

— Como ? perguntou o Assistente com vivacidade.

— V. Reverencia conhece a historia das minas de prata de Roberio Dias ?

— Ah !...

Esta exclamação indefinivel e o riso de ironia que esclareceu o rosto pallido e severo do Assistente, não produziram a menor impressão no

P.º Soares ; calmo e placido, como quem sustenta convicção profunda e inabalavel, o frade contentou-se com encolher os hombros.

— Quer V. Reverencia prestar-me attenção ?

— Sem duvida ; V. Paternidade diga, que o escutamos.



## IX

Quanto ingrato já era no seculo XVII o mister de escriptor.



O P.<sup>o</sup> Soares ergueu-se, foi ao canto, abriu uma arca de que tinha a chave, tirou um grosso infolio, que deitou sobre a meza, a qual gemeu com o peso do respeitoso bacamarte.

Os outros jesuitas, que partilhavam a incredulidade fingida ou sincera do Assistente estremeceram

vendo-se ameaçados com a leitura de algum capítulo da obra, e trocaram um olhar de espanto e medo. Só o P.<sup>o</sup> Ignacio se conservára indifferente a tudo; apenas algumas vezes seus labios finos comprimiam-se como para reter uma palavra que iam pronunciar.

Emquanto o padre mestre espanava o pó da capa do pergaminho do velho alfarrabio, o Assistente fazendo uma cara de aborrecimento parecia revestir-se de boa dose de paciencia: preparava-se para cumprir dignamente o seu penoso encargo de superior, obrigado a ouvir todos os pareceres, e a não desprezar nenhuma informação que podesse favorecer os interesses da Companhia.

Sacodido o pó, o P.<sup>o</sup> Soares alisou os raros fios de cabellos da immensa calva, encheu as bochechas, afinou a garganta, e retrahindo o corpo levou a mão á capa do livro com a emoção do autor que revê depois de muito tempo o fructo de seu trabalho e o filho de suas locubrações.

O conclave estremeceu de novo: presentiu que a borrasca ia desabar na fórma de algum prologo monstruoso, recheado de textos e citações; e os ha tão longos que usurpam o espaço necessario ao desenvolvimento da obra, e tão insulsos que fazem perder o gosto do livro antes de o ler.

Enganaram-se porém.

O autor no abrir a capa do alfarrabio, voltou atraz e deixou-a cahir.

— V. Reverencia talvez não saiba a historia deste livro ?

— Não, P.º Mestre, não sei. Pois tem uma historia ? perguntou o Assistente com resignação evangelica.

— Tem-n'a, como tudo neste mundo.

— Bem pensado, P.º Soares !

Os jesuitas olharam-se com desespero mudo e concentrado ; em vez do prologo escripto, que talvez só fôra adiado, tinham um proemio oral.

O P.º Soares começou :

— Quando chegou á Madrid em 1593 a noticia de ter Roberio Dias morrido sem indicar o lugar onde jazem as minas de prata, levantaram-se diversos boatos. No dizer de uns, Roberio despeitado porque El-rei não lhe dera o titulo de marquez, se vingára levando dessa vida o segredo. Acreditavam outros que elle estava de boa fé, e nada revelara por se ter desencaminhado um roteiro que seu pai fizera do descobrimento. Queriam muito finalmente que taes minas só tinham existido na voz publica, *in voce populi*

— E ha de conccrdar que era essa a opinião mais acertada ; disse o P. Molina bocejando.

— Foi a que mais correu entre a gente douta, replicou o imperturbavel chronista. O summo Prelado da Companhia entendeu porém que não se devia desprezar, antes cumpria estudar o assumpto com a necessaria attenção. Procurou-se homem a quem encarregar de tão ardua tarefa ; a escolha recahiu no menos digno. Fui mandado a esta Provincia, e tirando forças dos bons desejos, cumpri a vontade soberana do Geral. Aqui tem V. Reverencia a resulta de quatorze annos de pesquisas e trabalhos: creio eu que não foram perdidos.

— Descobriu V. Paternidade as minas pelo que vejo ! acodiu o Assistente com ar de mofa.

— Não, Reverendissimo ; mas achei o modo de descobri-las.

Voltando então a capa do alfarrabio, o P.<sup>e</sup> Soares leu o gordo titulo da obra, escripto com tinta vermelha em bastardinho floreado.

O titulo rezava :

*Memoria circumstanciada*  
*Que*  
*A' respeito das famosas Minas de Prata*  
*de Jacobina*  
*escreveu o padre Manoel Soares,*  
*da Companhia de Jesus, Religioso Professo,*  
*e Chronista da Provincia do*  
*Brasil,*  
*Seguida de notas criticas e explicativas para*  
*melhor intelligencia do texto.*  
*Cidade do Salvador.—Anno MDCVI.*

Não se achava muito desenvolvido naquella época o espirito de associação litteraria, nem se tinham inventado ainda institutos e academias de todas as especies; pois é natural que o Reverendo P.<sup>o</sup> Manoel Soares não se esquecesse de commemorar no frontespicio do livro, á guisa de alguns autores modernos, os seus diplomas scientificos.

Os olhos já apertados dos jesuitas começaram a toscanejar de uma maneira significativa.

— Tem esta memoria duas partes. Na primeira trata-se de saber que destino teve o roteiro de Roberto Dias. Na segunda procura-se conhecer approximativamente o lugar onde existam as minas. Vou ler.

— Tudo isso, P.º Soares ? exclamou o Assistente em cujo rosto pintou-se o pavor que lhe inspirava semelhante leitura.

O chronista sorriu :

— O texto é pequeno e escripto em bastardinho ; o que avultam são as notas, e estas V. Reverencia consultará depois.

— Comtudo, não será melhor amanhã ?

— Amanhã ? . . . Ninguem sabe o que póde acontecer.

— Está bem, lêa, P.º Soares ; disse o Assistente recostando-se no espaldar da poltrona.

A imparcialidade do historiador nos põe o dever de protestar contra a injusta prevenção do respeitavel capitulo sobre a prosa do Reverendo Manoel Soares.

O illustre chronista da Provincia do Brasil, como Cervantes, havia presentido já no seculo XVII a iavenção da escola romantica, á qual deve a litteratura moderna tantos primores, e maiores extravagancias litterarias. A sua narrativa tinha a fórma dramatica do poema antigo e a simplicidade do conto da media idade. O estylo chão e fluente desmerecia talvez pela falta do nervo e concisião da.

phrasede quincentista, mas compensava este senão com a naturalidade e singeleza da expressão.

E' pena que esse livro precioso se tenha perdido, pois sem contar a descoberta importante de que tratava, daria á historia que ora escrevo um testemunho irrecusavel de sua veracidade.

O jesuita abriu o alfarrabio com certa solemnidade, e dispoz-se a começar a leitura no meio do mais profundo silencio, pois era o silencio da medorra. De feito o capitulo, com excepção do P.º Ignacio absorvido em suas meditações, soffria naquelle momento a acção soporifera que sobre elle exercia a chronica das minas de prata ; mas o autor, com a consciencia do merecimento de sua obra, não via senão o recolhimento de quem se preparava á audicção.

Não ha noticia do que leu nessa noite o Reverendo Manoel Soares, chronista da provincia do Brasil ; porque ainda é duvidoso que algum dos respeitaveis conselheiros que compunham seu auditorio o ouvisse. Antes que o leitor chegasse ao fim da primeira parte, a grande alampada, falta de oleo, crepitou e extinguiu-se.

Esse caso imprevisto dissolveu o capitulo com verdadeira satisfação dos reverendos professos, que foram acabar no leito o primeiro somno interrom-

vido. O ultimo á retirar-se foi o Provincial, que depois de fechar as arcas e armarios com a costumada prudencia, entregou a correia de chaves ao Assistente, como superior da casa

Já o silencio se restabelecera nas vastas salas e corredores do convento; todo o claustro parecia entregue ao repouso, quando de novo a luz mortíca de uma lanterna alvejou nas trevas, e veio caminhando na direcção do cartorio.

A chave rangiu na fechadura, e o P.<sup>o</sup> Gusmão de Molina, pois era elle, penetrou no gabinete e fechou-se por dentro. Ahi demorou-se o resto da noite, lendo o grosso infolio do P.<sup>o</sup> Manoel Soares com ardente curiosidade. Alguma vez parava para reflectir, mas proseguia logo com maior affan a interrompida leitura.

Afinal encontrou elle o que procurava. Leu e releu uma e muitas vezes a pagina; acabou arrancando-a sutilmente do ventre do alfarrabio. Dobrou-a e escondeu no bolso interno do habito; restituindo o manuscripto á arca, onde jazia, tornou com o mesmo mysterio á cella que lhe haviam destinado.

O dubio pallor que precede a alvorada descobria o oriente, quando o Visitador entrou na cella.

Ainda uma vez absorveu-se na leitura da folha arrancada ao manuscrito, como si a quizesse decorar ; depois abrindo o missal copiou em cifra, de que só elle tinha a chave, o contexto da pagina.

Então a chamma da luz que o esclarecia devorou lentamente a folha do manuscrito, cuja cinza pulverizou a mão prudente do jesuita.

O P.<sup>o</sup> Gusmão abriu o postigo da janella ; a fresca brisa que impellia o pirajá da Ponta do Padrão refrescou-lhe a fronte abrasada pela vigilia e por fundas meditações.

Longe recortavam no escuro do horisonte as collinas de Itaparica ; sobre a polida face do mar passavam, como frouxos reflexos das estrellas, as vellas dos barcos pescadores, que já se approximavam de terra.

Nem mais borborinho de festa, nem mais rumores do mundo.

A cidade repousava fatigada das emoções da vespera, em quanto a natureza placida se preparava para a festa serena do nascer do dia.

Interrompeu a meditação do Visitador uma forte pancada vibrada na porta larga do convento por mão robusta e insoffrega. O jesuita debruçando-se

á janella viu parado no portico um vulto armado ; poucos instantes passados ouviu o dialogo que trocava o irmão porteiro com o desconhecido.

— Quem vai lá por taes deshoras ?

— Um servo de Deus, irmão Bernardo.

— Um servo de Deus ! resmoneou o porteiro.

Todos o são quando lhes faz conta.

— Pois não me conheceis ? Manoel Baptista, escudeiro da senhora D. Luiza de Paiva ?

— Bem me queria parecer que já vos tinha ouvido a voz algures... Com que então sois Manoel Baptista ?

— Sim, Manoel Baptista.

— O escudeiro da senhora D. Luiza de Paiva ?

— O proprio sem tirar nem pôr.

— Da senhora D. Luiza, viuva do mercador....

— Isso mesmo, irmão Bernardo. Mas com o favor de Deus abri, que já me tendes aqui ha bom credo!

— Lá se vai, lá se vai, irmão. Com que então sois escudeiro da senhora D. Luiza, daquella que mora além dos Padres Bentos ? Estaes certo disso ?

O escudeiro mordeu nos beiços uma jura bem pouco cortez e desabafou abalando a portada com um murro furioso.

— Quereis fazer a mercê de abrir ?

— Esperai com Deus, irmão Baptista. A impaciencia é um peccado : e já agora fareis penitencia delle.

— Irmão Bernardo, irmão Bernardo ! retrucou Baptista : tendes muitas palavras para leigo, e pouca diligencia para um porteiro. Queira Deus que a senhora D. Luiza não faça disto sabedor o Reverendo P.º Figueira, que certo o levará ao P.º Provincial.

O argumento calou no animo do leigo, que resolveu emfim alumiar a candeia.

— Humm ! humm ! humm !... Mas emfim dizei d'uma feita á que vindes.

— Venho precurar o Reverendo P.º Figueira da parte da dona.

— E que tamanha estreita é esta ? Já se achia ella *in extremis* ?

A portada abriu-se : o escudeiro como quem era conhecedor da casa barafustou pela escadaria em direcção aos dormitorios.

O P.º Molina chegava á porta da cella para inquirir de Baptista o motivo de tão pressuroso chamadô, que enviava D. Luiza ao seu confessor ; quando encontrou-se face a face com o P.º Ignacio

do Lourical. Trocadas as saudações com a costumada humildade evangelica, o Visitador esperou que o religioso lhe communicasse o assumpto de visita tão matutina.

— Venho pedir a V. Reverencia uma graça.

— Diga, P.º Ignacio : e seja ella tal que eu possa satisfazer a V. Paternidade sem prejuizo do serviço de Deus.

— Não pôde ser em prejuizo do serviço de Deus, pois é para seu maior serviço. Venho pedir a V. Reverencia que me deixe ir apostolar no sertão, entre os selvagens que tanto carecem da palavra divina, da qual nunca seremos prodigos em demasia, nós os ministros do Senhor.

— De quando é essa meritoria inspiração?... Seria a nossa chegada á esta casa que tanto afevorou o zelo de V. Paternidade?

E como o jesuita não respondesse, o Visitador continuou em tom de severidade.

— P.º Ignacio, P.º Ignacio, o orgulho é máo conselheiro. *Initium omnis peccati est superbia*, disse o Ecclesiastico. Hontem fui de contrario avisado ao seu, na maneira de entender o nosso santo ministerio ; e o fui por dever, que não por mundana vaidade de primar sobre o proximo. Doe-

lhe a contrariedade ; porisso quer já evitar a nossa presença. Não póde ser bem aceita á Deus a oblação que vem do máo pensamento.

— Humilho-me diante de V. Reverencia como um grande peccador que sou, mas de orgulho não me accusa a consciencia, P.º Visitador. O apostolado foi sempre o meu constante desejo ; agora mais do que nunca. Entre o gentio, um sacerdote ignorante e simples será sempre agradavel ao Senhor ensinando o evangelho : emquanto que nas cidades as obras são de vulto e os casos difficeis. As forças me fallecem para tamanha empreza.

— Recahiu em culpa e pena, P.º Ignacio ; essa fingida humildade é soberba ainda. Amesquinha o apostolado ; mas está se vendo que sua intenção foi exalta-lo, desdenhando daquelles que se occupam com outros deveres, tambem arduos, do nosso Santo Instituto. Parece que a obediencia de V. Paternidade repugna com elles.

- A minha obediencia é sem limites, P.º Visitador, mas a minha intelligencia é acanhada. V. Reverencia me ensinou hontem que ha deveres que não sei comprehender ; confesso a minha fraqueza ; temo que a minha rudez não me torne tibio

e irresoluto. E' receio de peccar por ignorancia, P.º Visitador ; não falta de zelo, menos soberba.

— Bem ; não comece pelo rigor o uso do pleno poder que o summo Prelado da Companhia nos confiou para governo desta Provincia : vá apóstolar o P.º Ignacio. Quando V. Paternidade se achar só com a sua consciencia, conhecerá que tínhamos razão ; estou que nos verá então de animo contricto. Saiba porém que o maior martyrio que levamos em offerenda ao Senhor não é o martyrio da carne, que nos tinge de vermelho a tunica e macera este pó de que fomos amassados. Oh ! que não ! Ha mais crú e de maior angustia. E' o martyrio d'alma, cheia de caridade e crivada das dores que affligem a pobre humanidade ; é a corôa de espinhos do apostolo mandado para resgatar o homem do peccado com as lagrimas e soffrimentos do proximo. Esse sim é martyrio ; não de sangue, mas do espirito.

Nesse momento o P.º Figueira acompanhado do escudeiro de D. Luiza apparecia na extrema do corredor.

O escudeiro penetrando no convento correrá direito á cella do confessor de sua ama, e sem dar-lhe tempo de vestir a capa, annunciára á que vinha :

— P.<sup>o</sup> Mestre ! P.<sup>o</sup> Mestre ! Trago recado da dona para que sem perda de tempo á vá soccorrer com seu adjutorio.

— O que houve por lá ?

— Saberá o Reverendissimo que ignoro. A dona só me disse para trazer, que o caso era intrincado e ninguem mais lhe podia valer, sinão o P.<sup>o</sup> Mestre.

— Isto foi o que mandaram dizer ; diga agora o que sabe ; respondeu o Jesuita envergando o habito.

— O que eu sei ? Mas eu não sei nada, Reverendissimo !

— Manoel Baptista, você não está em estado de graça. Hoje é sexta-feira : vou ouvil-o de confissão, antes de partirmos.

— Não é preciso, P.<sup>o</sup> Mestre.

• O escudeiro poz-se na ponta dos pés e segredou no ouvido do religioso, em cujo rosto se pintou o assombro do que ouvia.

— A filha !... A menina Elvira ?... exclamou o frade.

— A' menos que não sejam cousas do tinhosol... Vade retrò !

• — Bom, bom ! Vamo-nos sem detença. Remiu

sua culpa, Manoel Baptista. De caminho rezará em voz alta trez credos ; é a penitencia que lhe dou. Para outra vez a terá anoveada.

Encontrando o Visitador, o P.<sup>o</sup> Figueira tomou-o de parte para communicar-lhe o motivo de sua diligencia. Pouco se demorou ; logo descendo a larga escadaria de pedra, transpoz o limiar e cortou á passo miudo, mas rapido, na direcção dos Benedictinos.

Seguia-o de perto o Manoel Baptista, o qual em cumprimento de penitencia, declamava no tom da verdadeira compunção o *Creio em Deus Padre*.

O sol já vinha despontando : seus primeiros raios douravam os cimos das verdes colinas grupadas em pedestal á cidade, e iam carminar os labios das brancas nuvens esgraçadas pelo azul do céo.

O pirajá que durante a noite se desfizera sobre a cidade, humedecera o arvoredó, que ainda nesse tempo entrava pelo recente povoado, recortando as ruas e praças e dando á cidade uma feição campestre de amena singeleza. As aves silvestres atitavam na ponta dos telhados cobertos de parasitas ; o gado mugindo alegremente retouçava á beira do caminho.

Era uma fresca manhã das que vigoram o corpo

nos paizes tropicaes, e lavam o peito com os acres perfumes das plantas ; manhã que já não se póde hoje gozar sinão longe da cidades, *procul negotiis*.





## X

Porque o irmão Bernardo não acabou o somno da madrugada.



Emquanto o P.<sup>o</sup> Figueira, seguido pelo seu penitente acolyto, vai lesto galgando a estreita vereda que serpeja pelo valle na direcção dos Benedictinos, o compilador destas velhas memórias irá em busca de Christovão, que ficou em acção de contar á Elvira as festas do Terreiro do Collegio.

O vulto que á deshoras apparecera no pateo da casa de D. Luiza de Paiva e se adiantara manso e manso, era o caseiro e homem de confiança da rica viuva ; melhor diríamos mordomo, si este cargo não fôra privativo das casas de primeira nobreza.

Quando Elvira, reconhecendo Christovão embaixo de sua janella, soltou a imprudente exclamação do jubilo que lhe causava a presença de seu amante , o caseiro não dormia. Privado da festa pelas praticas severas da viuva, que impunha o seu beatismo aos proprios famulos, Manoel Baptista se consolava com alguns restos da adega do fallecido mercador, e preparava-se por meio de uma ceia fria e succulenta para o jejum da sexta-feira.

Ouvindo o extranho grito, o caseiro passou a cabeça pelo postigo ; viu um vulto galgar a janella de Elvira , e desaparecer no interior. O doce murmurio de vozes abafadas, que lhe trouxe a brisa daquelle lado, fez-lhe comprehender o que passava, e collocou-o em serio embarço.

Si o desconhecido fôra um malfeitor, o negocio era simples. Baptista tinha no canto armas de boa tempera, e sempre prompto um braço robusto

e agil. Mas era outro o caso; a menina levaria de certo á mal qualquer acto de violencia contra seu namorado; e o prudente caseiro não se julgava habilitado á obrar, sem ordem expressa da Dona.

Firme nessa resolução, fechou o postigo, fez desaparecer os vestigios da ceia, foi direito á camara da aia, a quem mandou acordar a viuva. Esta presentindo um extraordinario acontecimento, se ergueu e compoz logo.

— Que ha, Baptista?

O caseiro contou quanto sabia.

— Julgais que elle ainda ali esteja? perguntou a dama depois de ouvi-lo friamente.

— A não ter sahido emquanto vim prevenir-vos.

— Pois ide e guardai a janella. Dizeis que não é um ladrão; é um ladrão, vos affirmo eu, ladrão de minha honra e socego! Tratai-o como tal!

Baptista voltou; D. Luiza tomando uma adaga na antiga armadura de seu marido, erguida ao lado da sala, dirigiu-se, ella só, para o quarto de sua filha.

Elvira e Christovão sentados no estrado repetiam ainda uma vez as juras e doces protestos de eterno amor, quando a menina vio pelo espelho do trumó o lado opposto da tapeçaria que afastavam, e o vulto

de sua mão que surgia livido e ameaçador, cerrando na mão convulsa o punhal meio occulto pelas dobras da roupagem.

Ella vio, pasma do grande terror, o vulto crescer e caminhar com passo hirto, abafado pelo tapete; Christovão sem aperceber-se da mudança de seu semblante murmurava as ternas fallas que ella já não escutava. Mas quando o punhal, vibrado pela mão nervosa, scintillou aos reflexos da luz, rapida como o pensamento, Elvira soltou um grito convulso, e envolvendo o corpo de seu amante, furtou-o ao golpe mortal. A ponta do ferro ainda rasgou a cambraia da anagoa, esfrolando a cutis setim da mimosa espadua.

Houve grande silencio; as tres personagens desta scena formavam um bello grupo.

Christovão, que se erguera sorpreso, estava immovel, de cabeça baixa; em face D. Luiza, muda e sombria, com o collo destendido, parecia espreitar a presa; Elvira, de cabellos desgrenhados, labio tremulo, roupas espedaçadas e rubras de sangue, era sublime na ferocidade do seu amor. Debruçada toda sobre o cavalleiro, que ella defendia com o corpo, voltando o rosto sobre a espadua para fitar sua mão, com uma das mãos estreitava

o amante ao seio, e com a outra tocava o cabo do punhal na cinta de Christovão.

E assim, mãe e filha affrontavam-se, uma nos seus instinctos de cruel vingança, a outra no heroismo de sua vehemente paixão. Mas era sobrehumano o esforço: não podia durar. D. Luiza deixou cair o punhal da mão: Elvira desmaiou nos braços de Christovão.

O moço pousou sobre o estrado o corpo inanimado de sua amante, e foi ajoelhar aos pés da dama.

— Fugide á minha vista ! gritou D. Luiza suffocada pela colera.

— Grande foi meu crime, senhora; seja grande vosso castigo. Si me julgais indigno do amor de Elvira e vosso perdão, pereça eu pela mão que ultrajei, mas quizera beijar como filho.

Christovão proferiu estas palavras apresentando o punhal que erguera dos pés da dama. D. Luiza hesitou um instante; afinal mostrando a janella com um gesto energico, exclamou de novo:

— Sahide! Não insulteis esta casa com a vossa presença ! Sahide !

O moço conheceu que não havia lutar contra

tão violenta colera; dirigindo-se á janella, saltou no pateo.

A mãe de Elvira correu immediatamente para espreitar o que passava fóra; viu cinco vultos botarem-se ao cavalleiro apenas elle tocou o chão. Soou logo o estrupido dos pés que batiam como si a luta andasse travada entre adversarios; apoz o tinir de armas que esgrimiam.

Elvira sahio do desmaio, como por extranha impulsão. Ergueu a cabeça e inclinou o ouvido para receber os ligeiros rumores que vinham de fóra. Quando distinguio a natureza do som aspero e metalico, que lhe erriçara os cabellos, surgiu de um salto, offegante e esvairada.

Sua mãe, vendo-a precipitar-se para a porta entre-aberta, apenas teve tempo de gritar-lhe:

— Elvira, onde ides?

— Morrer com elle!... exclamou a menina sumindo-se pelo corredor.

Instantes depois uma branca sombra atravessou veloz pelas trevas da noite, passou entre as espadas nuas, e foi cahir nos braços de Christovão. O moço reconheceu a sua Elvira querida, e julgou-se feliz de poder aperta-la ao seio ainda uma vez antes de morrer.

As armas abaixaram-se diante da donzella, que se voltava para os aggressores dizendo-lhes :

— Matai-me primeiro á mim !

Baptista que capitaneava os acostados não sabia como desatar este nó, quando para desencargo seu D. Luiza appareceu no pateo.

— Fugil! Eu vo-lo supplico ! disse rapidamente Elvira ao ouvido de Christovão.

E como elle hesitasse :

— Salvai-vos por mim, e para mim !

— E vós, Elvira ?

— Não temaes. E' barbara, mas é mãe.

Subito, uma voz possante cortou o silencio do ermo, e elevou-se cheia e sonora, modulando ao longe uma chacota popular da época:

« Santo Antonio de Argoim  
Sentou praça de soldado ;  
Tem capa de cramesim,  
Ganha de soldo um cruzado,  
Santo Antonio de Argoim. »

Christovão escutava com alegre sobresalto esse descante a horas mortas, quando depois de breve pausa a voz atacou a segunda copla :

« Cachopa de Matoim,  
Dá-me praça em teu cuidado,  
Por capa a fralda setim,  
De soldo um riso lavado,  
Cachopa de Matoim. »

O leitor curioso de conhecer a chronica de Santo Antonio de Argoim, a quem deu El-rei em premio de seus bons serviços, praça de soldado raso na Fortaleza da Barra e o soldo corespondente, póde lêr as memorias de tempo; basta-lhe saber para melher intelligência desta historia, que Santo Antonio de Argoim era então o santo mais milagroso da Bahia, como tal celebrado nas cantigas do popular; e bem assim que as cachopinhas da ribeira de Matoim traziam de canto chorado os seus adoradores.

Christavão tinha, antes que terminasse a segunda copla, levado as mãos á boca; e soltara pela expulsão do ar comprimido, um desses assobios longos e agudissimos, como se ouvem nas assuadas da plebe. Havia porém uma modulação especial no aviso do cavalleiro; depois do sibillo vivo e prolongado que subio ao ultimo tom da gama, sentiu-se como um tremulho de aspiração, e por fim o psicato de tres notas soltas e destacadas.

Era visivelmente um signal que Christovão mandava á alguem atravez da distancia que o separava : mal expirou o echo entre os murmurios da noite, um assobio inteiramente semelhante respondeu longe ; dahi um instante mais perto e rapido, talvez pedindo a direcção do sitio d'onde partira o aviso.

— Tranquillisai-vos, Elvira minha. Estou salvo ! disse o moço depois de ter dado a replica ao misterioso dialogo.

Era tempo, porque D. Luiza chegando travara do braço da filha, e procurava arreda-la do lugar da luta. Elvira quiz resistir ainda ; mas um gesto cheio de confiança de seu amante, e um novo signal muito proximo que annunciava o prompto soccorro, a persuadiram. Seguiu lentamente a mão até o meio do pateo ; ahi foi necessario que a aia a tomasse ao collo para faze-la entrar a força.

Retirando-se, a viuva voltou para Baptista, e atirou-lhe estas palavras em tom breve e rispido :

— Ahi o tendes !

O caseiro, visivelmente preocupado com o singular dialogo de Christovão, sondava as trevas em torno, julgando vêr surgir á cada momento d'entre a ramagem alguma quadrilha de alguasis ou gente

armada. Obedecendo porém ao pensamento, mais que ás palavras da dona, fez um signal aos acostados, e avançaram em linha contra o cavalleiro já preparado para recebe-los.

O combate continuou.

Christovão já ferido defendia-se com a espada na mão direita, e na esquerda um forte bastão que improvisára de um galho secco. Mas o que o salvava ainda era a ligeireza do salto, que não permittia aos aggressores cerca-lo, e feri-lo pelas costas.

Comtudo a posição do cavalleiro empeiorava á cada instante. Recuando se approximara do largo e fundo vallado que cercava o pateo da casa ; a estreiteza do espaço já não lhe permittia as livres e rapidas evoluções com que resistira á grande superioridade do inimigo.

Nisto assomou da outra banda uma figura de homem seca e pernalta, que avançava com passo tardo e desgarrado.

Nesse andar preguiçoso vencia o sujeito mais distancia que o melhor caminheiro á todo o estirão : mas tambem quando elle abria o largo compasso das pernas, e assentava a chanca espalmada n'um socco de couro crú, parecia que se escarranchava

no chão, para surdir de novo e de novo mergulhar na passada desmedida. A estatura descia então mais de palmo; os braços abanados e já longos de si rastejavam quasi; e o enorme tamanco deixava no chão um surco profundo.

Era uma ridicula figura!

Trazia, atirado para as costas e preso ao pescoço por um rosario de côco, um grande chanfalho de folha larga e fornida, semelhante aos que ainda hoje usam alguns sertanejos; e serve ao mesmo tempo de faca, de espada, de cavador e fouce á quem anda habitualmente pelos matos virgens. Um comprido varapáo com pontas de ferro, atravessado por baixo dos braços ao travez do lombo, completava o esquipamento guerreiro do grotesco personagem.

Chegando á beira do vallado apumou o talhe e mostrou um instante a descommunal elevação da estatura: mas logo, vergando como um arco sobre o fosso; o olhar felino prescrutou as sombras e viu o que passava do lado opposto.

Christovão tambem o vira e reconhecera, pois o chamou pelo nome:

— João Fogaça!...

— Tente com elles, Christovinho: tres botes

ainda, enquanto engambito este vallo de mil demônios !

— Avia, amigo, sinão tarde chegarás ! respondeu o cavalleiro.

— Seria a primeira vez, que tal me acontecesse, rapaz ! Ai, que neste geito, não me deixas nenhum dos malandros, para que eu tenha o gosto de tosar-lhe a pelle.

Christovão com effeito acabava de prostrar um dos adversarios ; mas ainda restavam quatro, contra elle ferido e debilitado com a perda de sangue ; quatro assassinos excitados pela resistencia heroica, pela ambição do sallario, e o receio do novo e fresco inimigo que se approximava.

— Espera, corja de biltres ; eu já te dou a amostra do panno. Vais ver de que massa é feito João Fogaça, o capitão de matto....

E ficando os pés na borda, colheu as curvas elasticas, para salvar de um pulo temerario toda a largura do fosso : mas um obstaculo imprevisto sobreveio.

Duas mãos robustas pesaram-lhe sobre os hombros, quando elle já desenvolvia o salto :

— Alto lá, camarada ! proferiu voz extranha. O capitão de matto, sentindo falhar-lhe o pri-

meiro impulso pela brusca intervenção, teve apenas o tempo de saltar para traz, e por-se em deffesa contra a aggressão inesperada. Achou-se então cercado por seis homens que chegavam sobre seus passos.

Um delles, que parecia ter sobre os outros certa proeminencia de chefe, fôra quem retivera o capitão de mato no momento em que este ia saltar o fosso.

— Peae-me já este sendeiro manhoso, vós outros; disse elle para os companheiros.

E aliantou-se para o vallo:

— Que é isso lá? gritou para a outra banda.

— E' um homem que assassina covardemente! disse Christovão.

→ Olé, Anselmo! exclamou Baptista. Foi Deus que vos trouxe por essas bandas para dar-nos uma demão cá neste negocio.

— O negocio é vosso, mano; o meu ainda não sei qual seja: respondeu Anselmo.

— Tambem já está a concluir, acodiu o caseiro; basta que tenhaes fillado, um credo só, esse encazinado de capitão de matto!...

— Hade-se ver isso!...

O Anselmo voltou-se para conhecêr a causa do

rumor que ia entre os seus e João Fogaça; sentindo as costas guardadas, continuou a conversa:

— Antes de correr o dado olha-se a parada, amigo Baptista. Ainda não sei como falla esse cavalleiro, que vende a vida mais caro do que desejaes. Vêde l.. quasi estroncou-vos o braço!.. Si elle tem a bolsa tão pesada, quanto o bote que vos atirou, estou apostando que não lhe levareis a melhor.

— São vossas dez moedas! exclamou Christovão animado de subita esperança.

— As fallas são boas; retrucou Anselmo. O que falta saber é si as obras correspondem.

O salteador armou o arcabuz:

— Eh lá, amigo Baptista! Arredo, sinão quereis que vos faça um fricassé dos miolos. Paz, emquanto me entendo cá com o fidalgo.

— Mas, Anselmo, esta é uma acção má que praticaes, e de que vos heis de arrepender cedo ou tarde!

— Tendes mais de dez moedas para picar o pareo?

— Quando as tivesse, não serieis vós que lhe haveis de pôr o gadanho, burlão!

— Pois não me obrigueis á fazer em vez de

má, uma boa acção, mandando-vos direitinho para as caldeiras do compadre Botelho. Arredo, vos digo eu!

Baptista, diante da boca do arcabuz voltada para elle, cedeu bem contra a vontade, e recuou com os seus companheiros a uma pequena distancia.

— Mais! Mais!.. Sois madraço, mano, mas não me embaçaes! Bom! Agora, meu fidalgo, contai as dez moedas, atirai cá a bolsa, e dou-vos carta de seguro até a porta. Mesmo si que-reis, podemos preparar para vosso divertimento um sarapatel desses quatro borregos que ahi estão tanto ha para matar um homem. Quanto ao Maneco, eu lhe apararei as orelhas para d'outra feita ouvir melhor!

Christovão desgraçadamente não tinha bolsa comsigo: a que elle trouxera, vinha cheia das prendas que déra a Elvira. Presentindo porém que o desconhecido não lhe prestaria o promettido auxilio sem palpar as moedas, o cavalheiro assentou de ganhar tempo, fingindo procurar um objecto que elle sabia ausente.

— Muito custam a desatar os cordões de vossa bolsa. meu fidalgo: disse Anselmo já desconfiado

da demora. Tão leve a trazeis, que não sentis onde vos pesa.

O moço tinha ao menos conseguido descansar algum tempo ; fingiu pois que de novo procurava, e approximando-se do fasso , respondeu a meia voz :

— Sem duvida cahiu-me a bolsa na luta; mas com isso nada perdeis. Hoje mesmo vos contarei não dez, sinão vinte moedas. Palavra de cavalheiro !

— Ai ! meu fidalgo de solia ! Cuidei que tinheis outro metal de voz ! O vosso não tine, nem mesmo a prata velha !

— Chega-te mais perto que eu te farei tinir no costado outro metal de melhor cunho ! retrucou o moço sentindo revoltarem-se os brios.

— Estaes assim com essa pressa de esticar a canella ? Pois faça-se a vossa vontade. Vou tirar-vos esse gosto, manos !

E de feito apontava o arcabuz para Christovão.

Emquanto isto passava á beira do fosso, outro incidente tivera logar ali perto.

Os cinco desconhecidos obedecendo á ordem do chefe tinham corrido sus á João Fogaça para segura-lo ; mas o capitão de mato sempre impas-

sivel interfez a perna esquerda, e levantando a direita horizontalmente, girou sobre si mesmo com velocidade incrível. Por onde passou o duplice corrupto do varapão e do enorme tamanco ferado, si encontrou braço estrocou, si bateu em cabeça rachou.

— Ainda faltam seis para a minha conta ! disse o capitão de mato contando os adversarios collocados em respeitosa distancia e bem maltratados do primeiro ataque.

João Fogaça ruminava nos meios de soccorrer Christovão, quando as cousas tomaram melhor aspecto com o offercimento das dez moedas. Sempre alerta acompanhou os incidentes da scena : si os seus adversarios faziam o menor movimento para ataca-lo, o compasso da perna abria-se como para mostrar o raio de circulo que não podiam transpor; e tanto bastava para que elles recuassem logo.

Mal Christovão declarou ter perdido a bolsa, o capitão de mato presentindo o desfecho tomou a sua posição de ataque ; mas dessa vez o corrupto avançando rechacou os cinco bandidos para os lados, e approximou-se do fosso no momento em que Anselmo levava o arcabuz á face.

De um revez do pé, o capitão de mato atirou

com o salteador no fundo do vallado. Já os outros porém estavam com elle, e o impediam pela necessidade da defesa de tentar o salto difficil sinão impossivel do largo fosso.

Christovão estava prestes á succumbir, sob as espadas que o ameaçavam de novo, depois da curta tregoa. Cançado da heroica deffesa, perdida já toda a esperança, se atirára com raiva e desespero sobre os aggressores. Mais um cahiu sob o fio de sua espada; porém restavam tres, e per cumulo de infelicidade acabava de receber na curva um golpe, que o forçára a ajoelhar. Nessa situação extrema o que o sustinha ainda não era já o instincto da conservação, mas sede de vingança sómente. Queria antes de morrer, matar mais um, todos si podesse, de seus vis assassinos.

Que fazia entretanto Elvira ?

Morria e revivia para tornar á morrer de mil mortes, que lhe dava a cruel angustia. Com o ouvido á escuta, absorvida toda em sua afflicção, ajoelhada aos pés do crucifixo, queria orar e não podia. A alma ia-se de Deos ao triste amante.



## XI

Como se achou o capitão de mato tão a ponto de socorrer  
seu collaço.



Em vida do pai de Christovão, morava nos terras  
de seu engenho *Garcia*, um roceiro pobre, ca-  
sado em segundas nupcias.

Sua primeira mulher, que servira de ama á  
Christovão, deixara um filho de sete annos, feio

menino e desengraçado sim, mas de excellente indole. A madrastra foi má para o enteado, como sempre succede, e escorraçou a pobre criança.

O menino fugia de casa para evitar os máos tratos, e escondia-se na proxima capoeira. Ahi passava o dia entretido em ver as formigas car-reando a arêa do buraco, em armar arapuca ás rolas e sabiaes, ou trepar nas arvores para dar caça aos ninhos. A principio ainda recolhia á casa nas horas de refeição; depois só para ceiar e dormir. Os fructos silvestres lhe sabiam melhor do que a broa, que o pranto amargava.

Quando voltava do mato, já lusco-fusco era raro que não trouxesse, escondido no seio da camisa, algum ninho de ave, uma fructa ou bonitos pas-sarinhos que dividia entre o seu collaço e uma me-nina do logar, filha do visinho. Erão esses dous entes seus carinhos e sua maior consolação.

As vezes e bem frequentes, que a madrastra o cas-tigava barbaramente sem arrancar-lhe um gemido dos labios cerrados ou uma lagrima dos olhos secos, era no seio de sua camarada de infancia que a victima desafogava o coração. Mariquinhas chorava tambem; pranto copioso vertia dos olhos de ambos. Então o menino arrependia-se da magoa que

causara á sua amiga, e inventava algum folgado para alegrá-la.

De lastimando-se que estavam, logo começavam de rir e folgar. Abençoadas lagrimas da infancia, doce limpha que mana o coração, emquanto puro e virgem, como limpidos orvalhos da manhã da vida! Não conhecessem os olhos que as vertem, aquelle outro pranto amargurado, que sangra mais tarde da alma ulcerada!

Veio a adolescencia.

João habituado já á solidão e feito com os accidentes do campo, se arriscara até a mata virgem, e breve soube-lhe dos mais reconditos misterios. Ninguem melhor que elle seguia a pista do animal, ninguem melhor imitava o silvo da cobra, o assobio da anta, o canto de todos os passaros. Muitas vezes attrahira o illudido animal, que lhe acodia como ao terno companheiro.

A gente do logar chamava-o *caiporinha*, de uma palavra tupy que significa — *habitante da floresta*; e com effeito o appellido quadrava perfeitamente, porque vindo a fallecer-lhe o pai, elle abandonara de maneira a casa paterna, que ahí não poz mais os pés, desde o dia em que sahio orphão. Arranjou então uma miseravel palhoça &

beira da mata ; e ainda essa parecia luxo ; sua verdadeira moradia continuou a ser a floresta, onde cada arvore lhe dava abrigo durante a noite.

Por esse tempo, Christovão cinco annos mais moço do que o seu collaço, já se afoutava a travessuras maiores de sua idade ; e frequentes vezes acompanhava o caiporinha nas excursões pelo mato.

Quando succedia separarem-se no escuro da floresta, o menino sentia-se tomado de um extranho pavor ; para anima-lo e indicar-lhe o seu ponto, tinha o João um modo de assobiar mui particular, e de tal força que atravessava os rumores da mata sem confundir-se nelles.

O costume fez que este assobio se tornasse com o tempo um signal de aviso em todos os incidentes de sua vida commum. Queria João communicar á Christovão alguma caçada de jacús, a que pretendia ir á boca da noite ? Assobiava de longe : e o seu collaço fazia uma escapula de casa para vir fallar-lhe. Carecia Christovão do companheiro alguma vez para irem-se de camarada ao banho ou ao passeio ? Não tinha mais do que por-se ao vento da palhoça e soltar o assobio : João com pouco ali estava rente.

Fôra igual aviso desse que dera Christovão quando no transê em que se achou, ouviu a cantiga predilecta do capitão do mato ; o mesmo foi reconhecer-lhe a voz que lembrar-se dos folgedos de sua infancia tão presente á memoria. Depois daquelles tempos felizes e descuidosos muitos e muitos acontecimentos haviam passado que são de saber. Christovão chegára á mancebo e cavalleiro, João alcançara uma patente de capitão do mato para o que tinha muita propensão.

Naquelle epocha em que a floresta confrontava com a cidade e quasi lhe invadia os quintaes, offerecendo ao crime, como ao vicio, couto seguro e asylo contra a vendicta da lei, o capitão de mato foi officio de importancia. Era quem melhor policiava o estado, e ia aos desertos sertões trazer o réo á justiça, o escravo ao senhor, e perseguir as bordas selvagens quando infestavam a visinhança dos povoados.

João Fogaça porém não seria capitão de mato si não fora sua má estrella.

A menina, que lhe dera os primeiros amores, estava já moça, e guapã e formosa. Era conhecida pela *Mariquinhas dos Cachos*. Viera-lhe o nome das lindas tranças pretas annelladas que brincavam

sobre as espaduas torneadas. Quando ella vestia aos domingos para ir á missa da capella sua vasquina de belbute azul, com saio de seda, não havia em toda aquella ribeira quem não suspirasse pela gentil cachopa. João a amava desde a primeira infancia. Si com os annos vieram a timidez, o recato, a esquivança; por outra parte o sentimento creara raizes mais profundas, como as tubaras, que medram no seio da terra, embora tenham a rama crestada do sol.

Assim os dois já não brincavam com a antiga effusão; mas em compensação viviam mais um do outro.

A melhor porção da vida de João era da moça. Sua lembrança amiga o acompanhava nas correrias atravez das matas. Quanto colhia de gracioso e delicado, flor, ave, ou fructo era para ella; quanto via de bom e lindo misturava-se logo em seu espirito com a imagem della. Mariquinhas de seu lado seguia com o pensamento o joven caçador, estremeendo á idéa dos perigos que por ventura corresse. Ao cair da noite o esperava ansiosa entre as moitas do quintal, junto á cerca, onde costumava fallar-lhe todas as tardes. O coração sossobrava em alegria e susto ao mesmo

tempo, quando ouvia longe o descante que annunciava proxima a chegada do amigo.

Amavam-se, mas nem sabiam dizer-lo um ao outro ; nem conhece-lo. Entre criam e duvidavam de sua mutua affeição e esperavam ambos a confissão que nenhum ousava fazer, e talvez ambos temiam em sua impaciencia. Até que o dia chegou da explicação ; antes não viera !

Uma bella manhã, por meio do almoço, o pai de Mariquinhas, virou de sopetão a cara para a mulher e lhe disse a queima roupa, em tom que não admittia replica :

— O José Tendeiro casa com a Maricas. E preciso ver modos de arranjar-lhe o enxoval. Couse que ande em pouco !

O primeiro movimento da moça foi de espanto ; logo apoz quando ficou só a angustia encheu-lhe os seios d'alma e transbordou nas lagrimas e soluços. Regalou-se de chorar ; e bom foi porque afinal de contas achou-se mais serena. Uma cousa, como a fresca sombra da arvore nas ardentes soalheiras do sertão, foi-se derramando por sua alma crestada e afflieta. Horas passadas a mãe a vio alegre e prasenteira, cantando umas cantigas mui do

coração, accordadas com o ponto ligeiro da agulha. Emquanto isso, dizia a menina lá entre si :

— Quando eu contar á João !... Estou para ver que elle ainda me esconda o muito bem que me quer !... O pae que faça lá sua conta, eu lhe tirarei a prova. Esta noite mesmo, Deus sabe onde me irei eu.

Tanto que foi por tarde, Mariquinhas largou da costura, fez ás pressas uma trouxa da roupa domingueira, e disfarçando para que a mãe não visse, foi esconde-la junto á cerca onde costumava fallar com João. Depois, ás trindades, acabada que foi a resa, tomou a benção á sua mãe, e sahiu de casa, onde ella pensava que não voltaria mais senão noiva recebida de seu querido João.

O rapaz chegou com escuro.

Vinha com o passo lento e o coração a saltar-lhe, porque tambem elle tinha o quer que fosse. Naquella mesma manhã lhe occorrera um engenhoso expediente para arrancar de Mariquinhas a confissão por que tanto anciava. O alcaide, á pedido de Christovão, e pelas boas partes que lhe conhecia o propuzera a capitão de mato. Nunca a João passara pela idéa acceitar o officio e apartar-se do

seu torrão, onde via quanto elle mais queria neste mundo. Mas esse mesmo receio de tão cruel apartamento lhe serviu de inspiração. Pensou que fingindo a proxima partida e para tão longes e arriscadas paragens, a menina não se poderia ter que não mostrasse o que trazia no sentido á respeito d'elle. Si fosse amisade sómente, elle partiria, e sabe Deos si para não tornar; porém um certo bate-bate do coração estava lhe dizendo que não era amisade, mas amor do melhor quilate o sentimento de Mariquinhas.

Indo ao encontro da moça dizia elle com os seus alamares :

— Chego; digo-lhe adeos, como quem se parte para tão longe, donde sabe Deos si tornará.

Aqui sorria-se do susto de Mariquinhas :

— Ella se debulha toda em choro e salta-me ao pescoço... Então entre dois engulhos sahe-lhe afinal de dentro o feitiço de que se morre por mim, como me eu morro por ella. Arrenega-se, quer por tudo quanto ha ir comigo por montes e valles. No fim das contas ficamos aqui bem socegados de nossa vida e amarradinhos...

Do mais longe que avistou o amigo, Mariquinhas acenou-lhe que apressasse, e elle já cor-

ria mal divisara o vulto da rapariga entre as sombras e folhas do arvoredor.

— Chega, João, saberás a nova que te guardeil disse a moça com o coração nos labios.

— Vai dizendo, Mariquinhas! Tambem eu traço-te uma por que não esperas, respondeu o rapaz mui presenteiro.

— Pois ouve lá! O pai quer-me para mulher do José Tendeiro!... Sabes? o remendão!

Dizendo isto o riso argentino desfolhava rosas nos frescos labios da rapariga.

João enfiou:

— Então cozeram-te a lingua? Nem dizes que te parece do meu futuro!...

— Eu, Mariquinhas!... balbuciou João. Eu, que queres que diga, sinão que o José Tendeiro ha de ser bom marido... E' arranjado e bem visto da gente...

— Achas isso, João? perguntou a moça descorando.

— Acho, sim, Mariquinhas. Só me pesa não estar aqui para as bodas, que vou-me ao sertão. Vinha mesmo para te dizer adeus. Saio pela alvorada.

— Pois era essa a nova que me trazias?

— Que outra podia ser? Querem-me para capitão de mato. Não te parece um bom mister para mim que não tenho outro, e a fallar verdade para nenhum presto?

— E' muito bom, João; e mais tu que tanto gostas de viver no mato. Bem escolheste.

— Como tu, Mariquinhas.

A torvação dos espiritos, mais do que a escuridade da noite, os cegava á ambos, de modo que não se apercebiam do que passava no outro, tão occupados estavam de si. E entretanto a voz de João enrouquecera; a falla de Mariquinhas tremia com os soluços. Depois de breve pausa a moça tornou:

— Então é esta madrugada, João?

— Si Deos não mandar o contrario. E tu quando te casas?

— Breve, breve, mas não tanto como espereil

— Adeus. Fica-te na paz do Senhor e felicidade que eu sempre te roguei, Mariquinhas.

— Adeus, João. Os anjos te acompanhem, e Nosso Senhor te leve e traga á salvamento.

João abalara bruscamente as suas ultimas palavras; e Mariquinhas cahiu de joelhos por traz da moita onde escondera a pequena trouxa. Nenhum viu o pranto que lavava o rosto do outro; ne-

nhum ouviu os soluços que rompiam do seio oppresso do infeliz amigo.

O elo que unia aquellas duas existencias se partira.

No dia seguinte, por madrugada, João Fogaça partia para a cidade a receber a patente de capitão de mato, e nessa mesma semana fez-se na volta do sertão. Um mez depois a moça era noiva recebida do José Tendeiro e trocava por este o seu gracioso appellido de *Mariquinhas dos Caixos*.

Seis annos eram decorridos.

A amizade dos dois companheiros de infancia, longe de enlanguecer com o tempo, robustecera ao contrario com os vaivens da fortuna, no que mostrava sua boa tempera. Quando João tivera uma grande enfermidade que o levára ás portas da morte, Mariquinhas, a mais honesta mulher que se sabia, pediu licença a seu marido que lh'a deu, e foi velar vinte dias com vinte noites á cabeceira do enfermo. Tambem quando os selvagens assaltaram uma vez a engenhoca do José Tendeiro, aonde elle então se achava, mal chegou a noticia á cidade, houve um homem e esse foi João Fogaça que commetteu a temeridade de ir,

elle só, arrancar das mãos dos cannibaeos o marido de Mariquinhas. Coberto de feridas embora, trouxe-o são e salvo á mulher, sem lembrar-se de que por elle a perdera e para sempre.

Como que a vida do José Tendeiro só tinha um fim neste mundo, qual o de pôr á prova a sublime abnegação do capitão de matto; realzado que fosse, extinguiu-se de repente. Mariquinhas ficára viuva. Havia isso já muito mais de anno; no emtanto a situação relativa dos dois amigos e companheiros de infancia, pouca ou nenhuma alteração soffreu, com aquelle acontecimento.

Quando João Fogaça voltava das suas correrias, ainda coberto de pó e lama, a primeira porta á que batia era a de Mariquinhas, a primeira pessoa a quem dirigia a palavra era á viuva do Tendeiro. A moça preparava-lhe a refeição, inqueria da sua saude, espanava-lhe o facto. Só depois de cumprida a devoção dessa visita, o capitão de matto ia dar conta de suas obrigações.

Realmente essa amizade já era uma parte da sua rude e simples religião. Elle, o homem das brenhas, costumado á orar ao Senhor no templo aberto da criação, tinha para si que nunca me-

lhor cumpria seus deveres de christão do que amparando a viuva.

Emquanto se demorava na cidade, todos os dias que Deus dava, o serão ia passa-lo em casa de Mariquinhas. Chegados á janella do outão, ou sentados ao pé da mesa onde ella á luz da candeia fiava, conversavam como dois amigos velhos do seu bom tempo que passara, até a hora em que a frugal ceia fumegando sobre o alvo mantem os convidava á refeição. Havia porém um ponto em que nenhum se animava a tocar; pagina do coração que cerrara para não mais abrir. Era a tarde que decidira de seu mutuo destino.

Amavam-se ainda?

Era de pensar que não; pelo menos nenhum delles acreditava possivel já agora, o que não fôra outr'ora na flor dos annos seus. Viviam na doce confiança de uma terna e pura amizade. Si alguma suave esperança, das que brotaram na primavera do coração, ainda reverdecia ás vezes na monotonia do presente, breve se finava no silencio de suas almas já ermas de amor.

Naquella noite de anno bom, fadada para tantos acontecimentos desta historia, a primeira luminaria á luzir entre os coqueiros e João Fogaça

que galgava a ladeira de Nazareth para entrar na cidade, depois de uma ausencia de dois mezes, gastos em correria pelo sertão. O capitão de mato deixou o seu bando arranchado no reconcavo, e demandando a cidade, tomou o caminho tão trilhado da casa da viuva do José Tendeiro, que morava para as bandas de S. Luzia.

Mariquinhas esperava-o. Partindo João lhe dissera :

— Guardai-me as janeiras, Mariquinhas !

E ella cumpriu com o promettido. Apesar da festa, deixou-se ficar em casa a espera do amigo. João achou já posta a meza da ceia com dois talheres. No que lhe era destinado estava um pequeno saquitel de seda escarlata cobrindo uma reliquia, a que o vulgo dava o nome de *bentinho*, e attribuia a virtude de salvar de todo o perigo quem o trazia com fé e devoção. O relicario da moça era preso á um cordão de ouro e continha um pedaço do santo lenho da Cruz, envolto em cabellos seus.

Mas a natureza desse envolucro não se via, nem se havia de saber. Era segredo della para Deus. Não valiam aquelles fios como prenda ou mimo a João, senão como satisfação que se dava

á si propria fazendo que uma porção, minima embora de sua pessoa, acompanhasse o amigo nas longas ausencias pelos asperos sertões.

A noite passara como as outras, si não fôra que o capitão de mato se deixou ficar além da hora costumada. Ao toque de recolher ainda estavam á meza da ceia: o viandante trouxera bom apetite do ultimo estirão de caminho que forçara para alcançar a cidade; e portanto a refeição prolongou-se. Avisando afinal que era tarde, sabiu para seu rancho, levando ao pescoço o relicario.

A prenda de Mariquinhas á roçar-lhe o peito, o contacto de uma cousa que sôhira tão tocada das suas mãos, lhe despertára não sei que doces estremecimentos d'alma. Sentiu-se como affrontado de suspiros alegres e tristes, de saudades travadas de esperanças; e sem pensar, os labios entreabriram-se e o seio desafogou no descante predilecto. Bem annos havia que o não entoava senão lá no seio profundo das florestas virgens, onde não chegava o rumor da gente. No povoado temia acordar os echos dormidos de um passado morto.

Dez braças não andara, quando ao terminar a primeira copla, alguma cousa o resabiou. Apesar

de preocupado os sentidos estavam alerta. A vida do deserto, o costume de bater o mato dia e noite, faz desses homens assim. Ha nelles como uma especie de sonoriedade intima; o menor rumor, o mais leve estridulo, repercute dentro, estejam embora com a attenção voltada á outra parte. Isso nelles é já independente da vontade: o sentido vibra, como vibra na outra ponta o fio do arame levemente percurso na opposta extremidade.

O que resouo ao ouvido de João Fogaça que assim o resabiou, foi surda percursão na terra, que se ouvia ali proximo; cousa por certo imperceptivel para outro que não o capitão de mato, mas clara e distincta para ouças tão finas e exercidas como as suas. O som lhe vinha do mais basto de um arvoredado que ficava á direita, cobrindo o flanco de um edificio. Era a mesma casa onde uma hora antes penetrara com tamanho mysterio o nosso bom doutor Vaz Caminha.

Sondando a ramagem com o varapau ferrado e o olhar, nada descobriu de suspeito o capitão de mato; o rumor de todo cessara. Não julgando necessaria á segurança de sua pessoa maior investigação, poz se de novo á caminho atacando

a segunda copla. Foi então que lhe chegou o primeiro aviso de Christovão.

Viera elle repassando na mente todo esse feliz tempo de sua descuidosa infancia. Aquelle assobio especial, signal de folgares e caçadas, era como um echo vivo das recordações, ali despertado de repente no ermo silencio da noite. Estacou, e levado de um impulso mais forte e rapido que o seu querer, respondeu ao aviso. Que o assobio vinha de Christovão, seu collaço, tinha elle plena certeza; ninguem mais o daria com aquella perfeição. O difficil era conhecer-lhe a tenção. Seria brinco apenas, ou algum caso serio e urgente? A instancia com que repetia-se o aviso, e uma certa soffreguidão no sopro, talvez por sahir de um seio oppressõ, indicárão ao sagaz forasteiro que seu collaço estava em mau passo e havia d'elle mister.

— Deve de ser alem do mosteiro!... disse orientando-se.

Voltou sobre os passos e onde acabava o muro da casa que ia ladeando, cortou rumo direito na direcção que lhe dera o signal.

« Quem anda aos porcos tudo lhe ronca », diz o anexim. Ora á Anselmo e seus companhei-

ros que ali estavam escondidos no arvoredo, cavando uma mina lá para os seus planos concertados com mestre Braz e o negro Lucas, não escaparam os feitos do capitão de mato. Elles o descobriram quando sondava a ramagem, escabriado com a pancada surda do cavador, ouviram-no que trocava um signal com alguém ao longe, o não fizeram reparo d'onde primeiro partira; emfim o viram sumir-se varando direito pelo matagal fóra, como quem tinha pressa de chegar, ou afogo de escapar.

Afigurou-se a Anselmo que tal assobio podia bem ser a senha de quem os estivesse espreitando; e como Joaninha ahi não estava para o despejar de toda a prudencia, resolveu tirar as cousas a limpo. Deu falla aos cinco, e todos, um apoz outro, se foram na pista do capitão de mato, agachados pelo capim.

Eis como chegara João Fogaça á borda do valado, infelizmente para Christovão, seguido da vil quadrilha do Anselmo, que mais complicara a ja de si tão difficil posição do moço cavalleiro.

As cousas estavam ainda no ponto em que as deixamos. O Anselmo cabido no fosso, mas esforçando com unhas e dentes para galgar a borda;

Christovão sobre um joelho, mas resistindo sempre, e amedrontando ainda os tres cobardes assassinos, que não ousavam affronta-lo de perto, e esperavam ensejo de feri-lo de revez e a traição; João Fogaça impedido pelos companheiros de Anselmo de saltar o vallo e levar soccorro ao seu collaço.

— Vocês me conhecem, corja de biltres? disse o capitão de mato para os cinco bandidos. Pois eu vou saltar este vallado já; si quando chegar-me da beira e olhar para traz ainda vos enxergar aqui, prometto-vos, palavra de João Fogaça, que de cinco que sois vos porei em dez!

E o capitão de mato deu-lhes as costas e caminhou com imperturbavel serenidade para a borda do fosso. Os aventureiros se dispunham á dar de pernas, com medo da ameaça, quando a voz do Anselmo, que decididamente tinha sobre elles grande ascendente, restituiu-lhes a coragem.

— Não façais tal! gritara o cigano do fundo do vallo. Picai-o á faca e o mais depressa é o melhor, para me safardes d'aqui.

Os cinco avançaram. Então João Fogaça foi tomado de uma raiva tremenda. O impeto só,

com que travou do largo chanfalho fez tiritar o coração aos aventureiros ; o seu primeiro passo deu-lhes asas ; de modo que arremettendo contra elles, já não achou homem para o bote que levava feito. Todos haviam desaparecido.

Volver de uma corrida, desenvolver o pulo e salvar o fosso, foi para o capitão de mato negocio de um jacto. Mas em moíina hora o fez ; porque á esse tempo já o Anselmo conseguira segurar-se á borda fronteira. Quando pois João Fogaça bateu com as pesadas chancas na beira mesmo do terreiro, sentiu o mariola que lhe travava das mãos ambas o tornozello esquerdo. Felizmente conseguiu agarrar-se á um ramo de arvore, mas foi preciso para isso largar a farrusca.

Assim suspenso por um pé á borda do vallo, resistindo no outro aos esforços repetidos do Anselmo que trabalhava por derruba-lo, sentindo estalar o ramo que vergava com seu peso, João Fogaça via com desespero Christovão a morrer ali á seus olhos, quasi ao alcance do braço, sem poder valer-lhe. Debalde abaixava-se para alcançar o espalão ; era vão intento.

Nisto rebcou no silencio da noite o estrupido cadente de rapido galope.

A voz do capitão de mato, aquella voz possante e sonora, echoou quasi unisona, lançando duas vezes a pequeno intervallo o grito de soccorro:

— A'qui !... De Deus e de El-rei !...

Quando o som da voz se dissipou no ar, tudo voltara ao silencio ; já não se ouvia o galope do cavallo. Mas a anciedade foi curta. O som das patas do animal repercutio de novo e mais próximo ; logo depois uma voz :

— Quem vae lá ?

— Christão e portuguez, prestes á morrer ás mãos de seis assassinos ! respondeu João.

— Estacio !... balbuciou Christovão succumbindo afinal.

Era de feito Estacio Corrêa.

Deixando Vaz Caminha corria um galope desesperado sobre Nasareth. Por cima de barrancas e corcovos, atravez balsas e matagaes, lá se ia o cavalleiro com seu pagem de garupa. Essa corrida louca e esvairada como que lhe acalentava o soffrimento. Gil seguro á cintura do moço fechava os olhos para não ver : elle tremia é certo, mas uma idéa o consolava. Pensava que se o cavallo arrebentasse n'algun estrepe, ficariam bem

magoados sem duvida, mas o amo não iria fazer-se traspassar pelo alferes.

Quando reboou o primeiro grito, Estacio não o ouviu, tão alheio estava de tudo que não era a sua dôr intima e funda. Gil porém o advertiu :

— Não ouvides, senhor cavalleiro? Bradam soccorro.

Estacio era generoso e caritativo ; esse reclamo extremo que invocava auxilio não só em nome de El-rei, como em nome Deus, echoou em seu nobre coração. Mas é força confessar ; cclhendo as redeas para governar o cavallo na direcção do clamor, o seu pensamento e sua palavra não eram de compaixão.

— Talvez matem-me elles mais breve do que esperava eu.

E precipitou a corrida para a cerca de D. Luiza, onde chegou justamente a tempo de ouvir de envolta com seu nome, o ultimo gemido da victima.

— Christovão !... gritou reconhecendo na voz moribunda a falla do amigo.

Quando a exclamação terminara, já as patas do cavallo, que juntara com o golpe rijo dos acicates, batiam o terreiro e já Estacio saltava da sella e cor-

ria ao amigo. Achou-o, corpo inanimado, nos braços do capitão de mato :

— Christovão, amigo, falla-me ; dizia elle sentindo correr-lhe as lagrimas que suppunha estanques.

— Ainda vive !... acodio João. Já, senhor ! Eia, sem perca de tempo, á ver si o salvamos.

— Que pretendeis ?

— Leva-la aonde seja possivel pençar-lhe as feridas. Moraes acerca d'aqui ?

— Oh ! que não ! junto da Ribeira ...

— Mais proximo acharemos gasalhado e socorro para elle.... Deixai que o carregue !... Não é peso para mim.

João Fogaça tomou Christovão nos braços, como se fôra um filho pequeno, e partiu com o precioso fardo. Seguiram atraz Estacio e Gil mudos e cabisbaixos pensando acompanhar o cadaver apenas do valente cavalleiro. No terreiro sómente ficaram os feridos, que lograram á vida escapa, graças a ter o capitão de mato o cuidado todo empregado na salvação de seu collaço. Quanto aos assassinos, se tinham evadido por detraz da casa onde naturalmente se refugiaram perseguidos pelo destemido pagem. O Anselmo, esse foi cuidando em por-se

a bom recado, logo que presentiu que a chegada de Estacio ia afinal decidir o pleito.

Foi poucos instantes depois desse desfecho, que D. Luisa de Paiva despachou o seu caseiro Manoel Baptista com recado ao Reverendo P.<sup>o</sup> Figueira. Do como desempenhou-se dessa incumbencia já se viu anteriormente ; e ainda mais agora que o jesuita seguido sempre do seu penitente acolyto entra já a cancella do terreiro.

A viuva esperava com ancia o seu capellão. Apenas o avistou de longe correu a recebe-lo no patamar.

Encerraram-se ambos no gabinete, e tiveram ahi larga conferencia ; do que nella acordaram não se soube ; mas logo que foi terminada, o Manoel Baptista partiu apressado para a cidade em busca de um mecanico, official de serralheiro.

FIM DO SEGUNDO VOLUME.



## INDICE DO II VOLUME.

---

I	O que tem de ser sempre é. . . . .	5
II	Da sabia controversia de dois canonistas sobre casos de consciencia bem escabrosos. . . . .	24
III	Dos combates que houve em honra da princeza moura. . . . .	39
IV	Que reza de magarefes e alfeloeiras. . . . .	61
V	Da malga que se bebia na taberna do judengo . . . . .	82
VI	Do que são rosas e mais amores. . . . .	113
VII	Que fazia Elvira emquanto Inezita bailava os machatins . . . . .	127
VIII	Em que os argueiros parecem cavalleiros. . . . .	141
IX	Quanto ingrato já era no seculo XVII o mister de escriptor . . . . .	161
X	Porque o irmão Bernardo não acabou o somno da madrugada . . . . .	179
XI	Como se achou o capitão de mato tão a ponto de soccorrer seu collaço. . . . .	197



# LIVROS A' VENDA

NA

LIVRARIA GARNIER

69 RUA DO OUVIDOR 69

## ROMANCES DE A. DUMAS.

A casa de gelo, 3 v. in-4.º . . . . .	6\$000
Capitão Paulo, 2 v. in-8.º . . . . .	4\$000
O cavalleiro de Harmental, 4 v. in-8.º . . . . .	7\$000
O cofre de prata. O premio dos pombos. Um masso de cartas, 1 v. in-4.º . . . . .	2\$000
Os companheiros de Jehu, 2 v. in-4.º . . . . .	5\$000
A condessa de Salisbury, 2 v. in-8.º . . . . .	4\$000
Consciencia, 3 v. in-4.º . . . . .	6\$000
Catharina Blum, 2 v. in-4.º . . . . .	4\$000
Diana de Lys, 1 v. in-8.º . . . . .	2\$000
Os dramas do mar. Esbocetos biographicos. Re- cordações d'Italia, 1 v. in-4.º . . . . .	2\$000
Eduardo III, 2 v. in-8.º . . . . .	4\$000
As gemeas da Macheeoul, episodio das guerras da Vendéa, 4 v. in-4.º . . . . .	8\$000
Impressões de viagem, 2 v. in-4.º . . . . .	4\$000

Joanna de Napoles, rainha de Jerusalem, 2 v. in-4.º . . . . .	4\$000
A marquezia de Brinvilliers, 1 v. in-4.º	2\$000
Memorias de Garibaldi, 2 v. in-4.º . . . . .	4\$000
Minhas memorias, 4 v. in-4.º . . . . .	8\$000
Mortandades no meio dia, 2 v. in-4.º . . . . .	4\$000
Murat, 1 v. br. . . . .	\$500
Mysterios de Napoles ou uma pesca de redes 1 v. in-8.º . . . . .	1\$500
Olympia de Cléves, 5 v. in-4.º . . . . .	10\$000
Paulina, 2 v. in-8.º . . . . .	4\$000
A pomba, 1 v. in-8.º . . . . .	2\$000
A predicção, 1 v. in-8.º . . . . .	1\$600
Recordações da minha vida, 2 v. in-4.º	4\$000
A regencia e Luiz XV, 4 v. in-4.º . . . . .	8\$000
O romance d'uma mulher, 3 v. in-8.º	5\$000
A rosa encarnada, ou scenas de Danton, Marat, Robspierre, etc , 1 v. . . . .	\$800
Historia do reinado de Luiz XVI e de Maria Anto- nieta, 6 v. in-4.º . . . . .	12\$000
Sylvandire, 2 v. in-8.º . . . . .	4\$000
Urbano Grandiers, 1 v. in-4.º . . . . .	2\$000
A vida aos vinte annos, 1 v. in-8.º . . . . .	2\$000

ROMANCES DE EUGENIO SUE.

O almirante Levacher, 1 vol. in-4.º br.	1\$000
Atar-Gull, 1 vol. in-4.º . . . . .	2\$000
O aventureiro ou a barba azul, 3 v. in-8º	5\$000
Bertha de Plouernel, 2 vol, in-4.º . . .	4\$000
Gloria, riquezas e honras. Gilberto e Gilberto, 3 vol. in-4.º . . . . .	6\$000
Hercules valente, 1 vol. in-4.º . . . . .	2\$500
O marquez de Surville, 1 vol. id-4.º . . .	2\$500
Martim o engeitado ou memorias de um escudei- ro, 6 vol. in-4.º . . . . .	12\$000
O pachá de Janina, 1 vol. in-4.º . . . . .	2\$000
Miss Maria ou a preceptora, 3 vol. in-4º	6\$000
A perdição, 4 vol. in-4.º . . . . .	8\$000
A salamaddra, 3 vol. in-8.º . . . . .	5\$000
Os segredos do travesseiro, 4 vol. in-4º	8\$000
O vaticinio, 2 vol. in-4.º . . . . .	5\$000



ROMANCES DE F. SOULIE'.

Oito dias no castello, 1 vol. in-4.º . . .	3\$000
O conde de Tolosa, 2 vol. in-8.º . . . . .	5\$000
Os ferreiros, 3 vol. in-8.º . . . . .	5\$000

As memorias do diabo, 8 vol. in-8.º . . . . .	14\$000
Os pretendentes, 2 vol. in-8.º . . . . .	4\$000

---

ROMANCES DE E. SOUVESTRE.

O que ha de ser o mundo no anno tres mil, 1 vol. in-4.º . . . . .	5\$000
O segredo do capitão, 1 vol. in-4.º . . . . .	8\$000
Escolhidos e reprobos, 3 vol. in-4.º . . . . .	8\$000
O rei do mundo : historia do dinheiro e sua influencia, 3 vol. in-4.º . . . . .	8\$000

---

ROMANCES DE P. COSPER.

O Bravo, 1 v. br. . . . .	1\$000
O Carrasco, 1 v. in-4.º . . . . .	3\$000
O Corsario vermelho, 3 vs. in-4.º . . . . .	5\$000
O espião do campo neutral, 4 vs. in-4.º . . . . .	7\$000
Os leões do mar, 2 vs. in-4.º . . . . .	4\$000
O medidor de terrenos, 2 vs. in-4.º . . . . .	4\$000
O piloto, 5 vs. in-8.º . . . . .	7\$000

---

A Judia errante, por Tresserra, 5 v. in-8.º	10\$000
A condessinha, por O. Feuillet, 1 v. in-4.º	2\$500
A velhice de Camões, por La Landelle, 2 vs. in-4.º . . . . .	4\$000

— — —

**ROMANCES DE P. FEVAL.**

Os companheiros do silencio, 4 vs. in-4.º	10\$000
João Diabo, 4 vs. in-4.º . . . . .	10\$000
A creoula, 1 v. in-8.º . . . . .	2\$000
A cruz da espera, 1 v. in-4.º br. . . . .	1\$000
O rei dos mendigos, 4 vs. in-4.º br. . . . .	4\$000

— — —

Welf-Budo ou os aerenautas por A. Lafontaine, 2 vs. in-4.º . . . . .	5\$000
A viuva, por Mlle. de Senancourt, 1 v. in-4.º . . . . .	3\$000
Innocente e culpado, por Lavergne, 2 vs. in-4.º . . . . .	4\$000
O marquez de Puylaurens, 2 vs. in-8.º	4\$000
Tom Jones ou o engeitado, por Fielding, 4 vs. in-8.º . . . . .	8\$000
Thesouro litterario ou collecção de romances e poesias por J. J. Pontes, 1 v. in-8.º . . . . .	2\$000
A louca de Orléans, pelo bibliophilo Jacob, 2 vs. in-8.º . . . . .	4\$000

A filha do tabellião, pelo mesmo, 1 v. in-4.º	25000
O conde de Sombrevil pela condessa Dash, 2 vs. in-8.º	45000
Gabriella de Longueville, por P. Zauone, 2 vs. in-8.º	35000
Os Natchez, historia americana, por Châteaubriand, 4 vs. in-8.º	75000
Um grande de Hespanha, por J. Lacroix, 2 vs. in-8.º	45000
Thecla, por C. Didier, 2 vs. in-8.º	45000
A mocidade de Henrique IV, romance historico por Ponson du Terrail, 8 vs. in-8.º	145000
O diamante do commêndador, pelo mesmo, 2 vs. in-4.º	45000
O pagem de Luiz XIV, 2 vs. in-4.º	45000
O prato de arroz doce, por Teixeira de Vasconcellos, 1 v. in-4.º	35000
Oderico ou o zuavo pontificio, pelo padre Bresciani, 2 vs. in-8.º	45000
Os mosqueteiros d'Africa, por J. da S. Mendes Leal, 1 v. in-8.º	45000
Passeios e phantasias, por J. C. Machado, 1 v. in-8.º	35000
Contos ao luar, pelo mesmo, 1 v. in-8.º	35000
Scenas contemporaneas da vida academica, por A. M. da Cunha Bellem, 1 v. in-8.º	35000





## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).